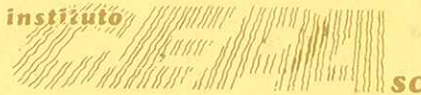


instituto



SC

INSTITUTO DE PLANEJAMENTO E ECONOMIA AGRÍCOLA DE SANTA CATARINA

UNIDADE ESTADUAL DO SISTEMA NACIONAL DE PLANEJAMENTO AGRÍCOLA-SNPA/MA

VOLUME 2

SANTA CATARINA

**DA AGRICULTURA
DE SANTA CATARINA 1987-88**



SECRETARIA DA AGRICULTURA E DO ABASTECIMENTO

INSTITUTO CEPA/SC - BIBLIOTECA

INSTITUTO CEPA-SC

INSTITUTO DE PLANEJAMENTO E ECONOMIA AGRICOLA DE SANTA CATARINA
UNIDADE ESTADUAL DO SISTEMA DE PLANEJAMENTO AGRICOLA-SNPA/MA

VOLUME 2

SÍNTESE
ANUAL
DA AGRICULTURA
DE SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS

1988

SECRETARIA DA AGRICULTURA, DO ABASTECIMENTO E DA IRRIGAÇÃO

SÍNTESE ANUAL DA AGRICULTURA DE SANTA CATARINA - vol.2 - 1987-88

ELABORAÇÃO

- . Econ. Luiz Marcelino Vieira - Gerente do Projeto
 - . Engo Agro Cesar Augusto Freyesleben Silva
 - . Engo Agro Geraldo Buógo
 - . Téc. Agrícola Francisco Carlos Heiden
 - . Engo Agro José Carlos Madruga da Silva
 - . Equipe de Coordenação de Acompanhamento e Análise Conjuntural
 - . Econ. Francisco Assis de Brito
- Armazenagem/Eletrificação Rural/Valor Bruto da Produção Agropecuária/Informações Básicas.
 - Estrutura Agrária/As condições de Manejo dos Recursos Naturais.
 - Crédito Rural.
 - Fertilizantes/Máquinas Agrícolas.
 - Agrotóxicos.
 - Balanço de Oferta e Demanda de Produtos Agropecuários
 - Exportação Catarinense de Produtos Agrícolas.

COLABORAÇÃO NA REVISÃO TÉCNICA

- . Hugo Gustavo Hadrich

ARTE E PRODUÇÃO

- . Joares A. Segalin - Copidesque
- . Jocenir Miriam Cardoso de Sousa - Edição
- . Alcemir Luiz Lessa - Montagem
- . Aldo Machado Cruz - Reprodução
- . Sidaura Lessa - Digitação
- . José Luis Netto Menezes - Desenho

PARTICIPAÇÃO (Bolsista - Convênio Instituto CEPA/SC - UFSC)

- . Adriane Culau Ribeiro
- . Antônio Carlos Melo Vieira
- . Luiz Carlos Bruno Júnior
- . Marize Lúcia Clemente

COLABORAÇÃO

ENATER-SC/ACARESC

ACARPESC

ENPASC

Banco do Brasil

Banco Central do Brasil

Sa.Coordenadoria Regional da SUDEPE em SC

CELESC

Portos Catarinenses

OCESC

CFP

IBGE/GCEA-SC

IBDF

CIBRAZEM

STO/DER-SC

FAESC

FETAESC

SEPLAN

Síntese anual da agricultura de Santa Catarina.
v.1- 1976- Florianópolis, INSTITU
TO CEPA/SC, 1976-

Anual em dois volumes.

Título anterior: Síntese informativa sobre a
agricultura catarinense, 1976-1981.

A partir de 1983/84 passou a ser publicada
em dois volumes.

1. Agropecuária - Santa Catarina - Periódico.
1. Instituto de Planejamento e Economia Agrícola
de Santa Catarina.

CDU 631/636(816.4)(05)

Síntese informativa da agric. de SC	Florianópolis	v.2	1987-1988
-------------------------------------	---------------	-----	-----------

REPRODUÇÃO PERMITIDA DESDE QUE CITADA A FONTE

GOVERNADOR DO ESTADO DE SANTA CATARINA

Pedro Ivo Figueiredo de Campos

SECRETARIO DE ESTADO DA AGRICULTURA, DO ABASTECIMENTO E DA
IRRIGAÇÃO

Neuto Fausto de Conto

DIRETOR GERAL DA SECRETARIA DE ESTADO DA AGRICULTURA, DO
ABASTECIMENTO E DA IRRIGAÇÃO

Athos de Almeida Lopes

INSTITUTO DE PLANEJAMENTO E ECONOMIA AGRICOLA DE SANTA CATARINA

SECRETARIO EXECUTIVO

Carlos Roberto Roncatto Filho

SECRETARIO EXECUTIVO ADJUNTO

Osmar Alcides da Conceição

COORDENADORIA DE ACOMPANHAMENTO E ANALISE CONJUNTURAL

Tabajara Marcondes - Coordenador

COORDENADORIA DE ESTATISTICA E DOCUMENTAÇÃO

Francisco Carlos Heiden - Coordenador

COORDENADORIA DE PLANEJAMENTO E ORGANIZAÇÃO

Vitorio Manoel Varaschin - Coordenador

UNIDADE DE ADMINISTRAÇÃO E FINANÇAS

José Souza Filho - Coordenador

APRESENTAÇÃO

A SINTESE ANUAL DA AGRICULTURA DE SANTA CATARINA, EM SUA 12ª EDIÇÃO, ESTA SENDO COMPLETADA COM O PRESENTE TRABALHO.

COM ESTA PUBLICAÇÃO, ELABORADA PELO INSTITUTO CEPA, A SAAI DÁ MAIS UM PASSO IMPORTANTE NO SENTIDO DE BEM INFORMAR A COMUNIDADE CATARINENSE SOBRE AS QUESTÕES ESTRUTURAIS DO SETOR AGRÍCOLA. DESSA FORMA, SENTIMO-NOS HONRADOS EM APRESENTAR MAIS ESSE DOCUMENTO, QUE REPRESENTA O ESFORÇO EM BUSCA DO CUMPRIMENTO DAS METAS DO PLANO AGROPECUÁRIO CATARINENSE, DENTRO DO PROJETO "INFORMAÇÕES AGRÍCOLAS".

AO ENSEJO, QUEREMOS EXPRESSAR NOSSO SENTIMENTO DE GRATIDÃO A TODAS AS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS OU PRIVADAS QUE COSTUMEIRAMENTE CONTRIBUEM PARA A ELABORAÇÃO DAS TAREFAS DESTA SECRETARIA.

NEUTO FAUSTO DE CONTO
SECRETÁRIO DA AGRICULTURA, DO ABASTECIMENTO
E DA IRRIGAÇÃO

SUMÁRIO

	p.
1. INTRODUÇÃO	9
2. INFRA-ESTRUTURA	13
2.1. ARMAZENAGEM	15
2.2. ELETRIFICAÇÃO RURAL	24
2.3. SISTEMAS DE TRANSPORTES	27
3. ESTRUTURA AGRÁRIA	43
3.1. EVOLUÇÃO DA ESTRUTURA FUNDIÁRIA ESTADUAL	47
3.2. EVOLUÇÃO DA CONDIÇÃO DE POSSE	50
3.3. UTILIZAÇÃO DAS TERRAS	56
3.4. PESSOAL OCUPADO	58
3.5. CONCLUSÕES	59
4. AS CONDIÇÕES DE MANEJO DOS RECURSOS NATURAIS	63
4.1. INTRODUÇÃO	65
4.2. A DEGRADAÇÃO DOS SOLOS	66
4.3. A POLUIÇÃO DOS RECURSOS HÍDRICOS	69
5. CRÉDITO RURAL	71
5.1. MUDANÇAS NO CRÉDITO	73
5.2. UTILIZAÇÃO DOS RECURSOS	76
6. INSUMOS E MÁQUINAS AGRÍCOLAS	97
6.1. FERTILIZANTES	99
6.2. MÁQUINAS AGRÍCOLAS	105
6.3. AGROTÓXICOS	112
7. BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA DE PRODUTOS AGROPECUÁRIOS ..	119
8. EXPORTAÇÕES CATARINENSES DE PRODUTOS AGROPECUÁRIOS	127
9. VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA	133
10. INFORMAÇÕES BÁSICAS	145

LISTA DE GRÁFICOS	173
LISTA DE MAPAS	175
LISTA DE TABELAS	177
BIBLIOGRAFIA	185

1. INTRODUÇÃO

Com este volume, o Instituto CEPA/SC completa a Síntese da Agricultura de Santa Catarina - 1987/88.

Como é de praxe, os aspectos aqui enfocados têm relação com a estrutura do setor primário catarinense. No retrospecto proposto, a primeira observação é de que o estado, apesar de sua exígua participação geográfica no território nacional (1,13%), contribui com uma significativa parcela na produção agropecuária nacional.

Vários fatores concorrem para a explicação de tal desempenho.

Santa Catarina se situa na Região Sul, entre o Paraná e o Rio Grande do Sul, e tal configuração o beneficia com um clima particularmente propício à atividade agropecuária. As temperaturas mínimas mensais variam de 6°C a 17°C no planalto, de 6°C a 19°C no oeste, e de 9°C a 22°C no litoral. Por outro lado, a média das temperaturas máximas mensais vai de 15°C a 29°C no planalto; de 18°C a 29°C no oeste, e de 19°C a 31°C no litoral.

O clima, mesotérmico, é acompanhado de precipitações distribuídas regularmente durante o ano. Enquanto predominam, na quase totalidade do seu território, bons índices de excedentes hídricos, as deficiências são localizadas, praticamente desprezíveis. A este propósito, entretanto, é necessário alertar para o desmatamento crescente que vem reduzindo a mata nativa, e para um reflorestamento tímido e desproporcional, com previsíveis incidências sobre o ciclo das águas.

O território, de 95.985 km², apresenta uma topografia muito acidentada. Por esta razão, a exploração agropecuária sofre uma distribuição irregular em todo o estado. As diferenças edafoclimáticas e de relevo, mais as condicionantes históricas, influíram sobre a atração e distribuição dos recursos humanos, determinando significativas disparidades a nível micror-

regional. Em torno de 30%, apenas, de sua área, tem aptidão para culturas anuais sem restrições para a motomecanização, não passando de 1,9 milhão de ha (1985) a parte explorada por lavouras; 2,5 milhões de ha são ocupados com pastagens. Mesmo assim, o estado se destaca no cenário nacional (safra 87/88), como primeiro produtor de alho, maçã e fumo; segundo produtor de cebola; quinto produtor de feijão, bata-inglesa e trigo; sexto produtor de milho; sétimo produtor de arroz; oitavo produtor de raiz de mandioca, de soja e nono produtor de tomate.

Dos 4.311.000 habitantes de Santa Catarina, conforme estimativas do IBGE para 1988, a população rural corresponde a 34%. Na lavoura, predomina a pequena propriedade, de exploração familiar, característica do estado, pois 90,20% dos estabelecimentos rurais tinham uma área inferior a 50 ha, pelas estatísticas de 1985.

Tais informações confirmam a vocação agrícola do estado. O número de estabelecimentos aumentou 8,8% no período de 1980 a 1985, passando de 216.159 para 235.361.

A apreciável força de trabalho do estado tem expressão não apenas na sua capacidade de produção em termos relativos, mas se mede pela relação com o abastecimento interno, registrando-se, no balanço oferta/demanda de produtos agropecuários, em 1988, um saldo positivo para o alho, o arroz, a batata-inglesa, a cebola, o feijão, a maçã, a mandioca, o fumo, o tomate, a banana, a carne suína e de aves e o leite.

Além disso, o setor conseguiu exportar, em 1987, para o mercado internacional, sob a forma de produtos "in natura" e elaborados, o equivalente a 1,12 bilhão de dólares.

A nível nacional, considerando-se as atividades economicamente mais representativas, a participação de Santa Catarina no valor bruto da produção do setor primário, a preços de dezembro de 1987, foi de cerca de 130 bilhões de cruzados.

Embora ainda haja muito a se fazer em armazenagem - provam-no os inúmeros projetos para expansão e instalação de

vários tipos de armazéns que correm na área administrativa e política estadual e federal - a capacidade estática de armazenamento para guarda de grãos, de farinha de mandioca, de óleo de soja e de outros produtos era, em fevereiro de 1986, de 2.417.375 t.

Completam a resenha do estado os itens referentes à eletrificação rural e ao transporte. Em dezembro de 1987, os serviços de eletrificação rural implantada totalizavam 49.614 km de extensão, atingindo diretamente 195.187 consumidores. A expansão das redes, uma necessidade crescente pelas próprias exigências do modelo em penetração no meio rural, está na dependência da expansão do setor energético no estado.

O item transportes opera através do sistema rodoviário, ferroviário, hidroviário, portuário e aeroviário. A modalidade marítima e portuária é servida pelos portos de Laguna, Imbituba, Florianópolis, Itajaí e São Francisco do Sul. Alguns destes portos (principalmente Florianópolis e Laguna), estão tendo restringida sua função, transformados em terminais de pesca, em virtude da expansão de outros meios, principalmente o rodoviário, que é o que tem registrado um sensível desenvolvimento e intensificado o aproveitamento. Santa Catarina tem hoje 97.061 km de estradas vicinais, 5.880 km sob jurisdição estadual e 2.557 sob jurisdição federal.

A capilaridade da malha rodoviária deve ser considerada um decisivo fator de desenvolvimento e integração do setor agropecuário com os demais setores do próprio estado e do país.

O Instituto CEPA/SC espera, através da edição deste trabalho, oferecer um retrato objetivo do setor agropecuário catarinense, para que as decisões nessa área sejam tomadas da forma mais adequada possível, visando ao crescimento do setor e à otimização no emprego dos recursos naturais, humanos, econômicos e financeiros, tanto na área pública como na iniciativa privada.

INFRA-ESTRUTURA

2. INFRA-ESTRUTURA

2.1. ARMAZENAGEM

Os dados disponíveis em fevereiro de 1986, coletados pela Companhia Brasileira de Armazenamento, indicavam para Santa Catarina uma capacidade estática de armazenagem a meio ambiente de 2.417.375 t, utilizada em grande parte para guarda de grãos, de farinha de mandioca e de óleo de soja.

Salienta-se que a CIBRAZEM cadastra somente as unidades cuja capacidade de armazenamento seja superior a 180 t; portanto, não estão compreendidos os depósitos para produção. Em 1980, segundo o IBGE, através do Censo Agropecuário de Santa Catarina de 1980, esses depósitos somaram uma capacidade de 20.382.133 m³. Destes, 11.003.103 m³ destinavam-se aos grãos.

Ao relacionar a produção de grãos no estado, safra 1986/87, com a capacidade estática de armazenagem aqui referida, e ao aplicar um índice técnico de rotatividade estimado com base nas informações técnicas, chegou-se a uma provável capacidade dinâmica a nível de microrregião homogênea.

Para se chegar com maior precisão à real capacidade dinâmica da rede armazenadora do estado, há necessidade de estudos mais aprofundados, embasados em pesquisa de campo.

Através dos dados da tabela 3, observa-se que os maleicultores catarinenses possuem uma disponibilidade para armazenagem de seu produto de 122.355 t, sendo as restantes 102.839 t utilizadas principalmente para armazenagem de carnes e leite.

TABELA 1
 PRODUÇÃO DE GRÃOS-CAPACIDADE ESTÁTICA DE ARMAZENAGEM E
 ESTIMATIVA DE CAPACIDADE DINÂMICA DE ARMAZENAGEM POR MRH DE
 SANTA CATARINA - SAFRA 1986/87

MRH	(tonelada)		
	PRODUÇÃO DE GRÃOS	CAPACIDADE ESTÁTICA TOTAL DISPONÍVEL	ESTIMATIVA DA CAPACIDADE DINÂMICA (1)
Colonial de Joinville	89.118	272.947	485.635 (2)
Litoral de Itajaí	24.567	156.483	151.898 (2)
Colonial de Blumenau	127.028	112.144	136.788
Colonial Itajaí Norte	27.021	3.753	884
Colonial Alto Itajaí	129.839	46.430	50.256
Florianópolis	21.595	18.346	8.788
Col. Serrana Catarinense	43.134	55.219	72.331
Litoral de Laguna	18.038	21.799	11.179 (2)
Carbonífera	73.795	95.710	98.308
Lit. Sul Catarinense	70.323	59.581	21.944
Col. Sul Catarinense	163.214	40.230	29.925
Campos de Lages	49.168	7.190	10.712
Campos de Curitibanos	211.120	93.993	161.873
Colonial Rio do Peixe	607.374	389.697	675.273
Col. Oeste Catarinense	1.854.040	885.563	1.849.109
Planalto Canoinhas	270.215	158.290	249.893
SANTA CATARINA	3.779.589	2.417.375	3.699.196

FONTE: IBGE (dados de produção).
 CIBRAZEM (capacidade estática).
 Instituto CEPA/SC, EMATER/ACARESC, COCAR (capacidade dinâmica)

ELABORAÇÃO: Instituto CEPA/SC.

(1) - Utilizou-se um índice de rotatividade de 2.0 para os armazéns das espécies a granel e de 1.3 para os armazéns das espécies ensacado.

- Para o cálculo da capacidade dinâmica não foram considerados os depósitos, isto é, armazém com pé direito abaixo de 5 metros.

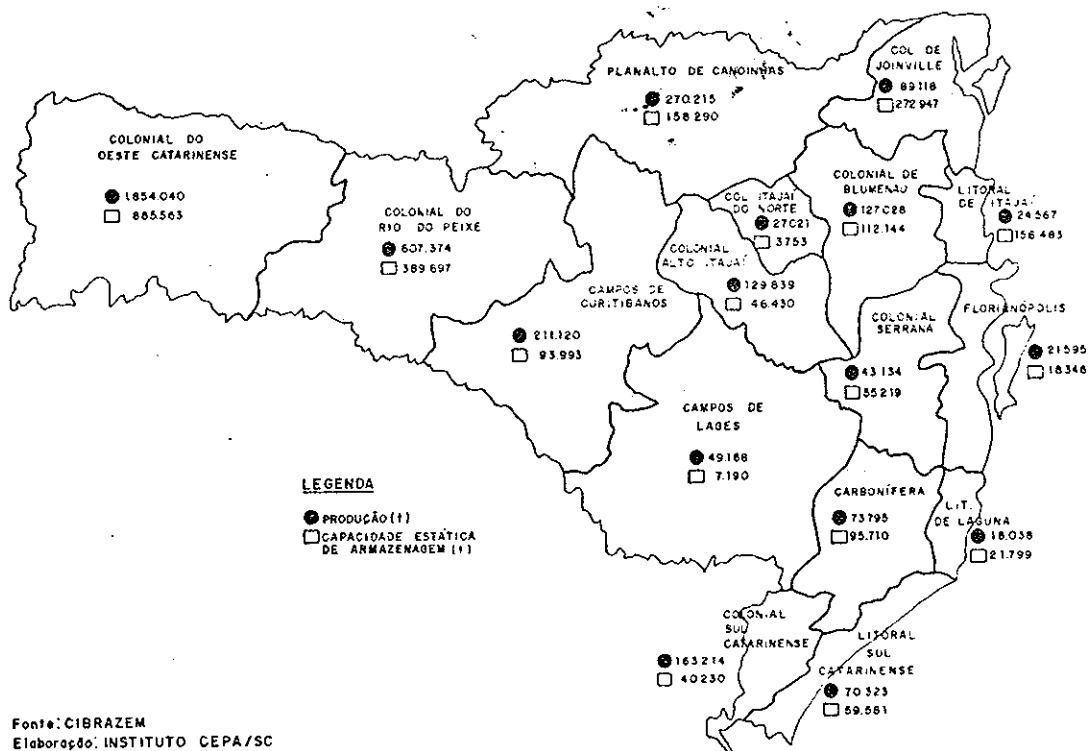
(2) As microrregiões Colonial de Joinville, Litoral de Itajaí e Litoral de Laguna - regiões portuárias, formam, no seu conjunto uma capacidade dinâmica estimada de 648.712 t. Desse total, 205.000 t são utilizadas para armazenar principalmente soja e açúcar, destinados à exportação.

OBS: a) O déficit de armazenagem verificado na tabela poderá ser coberto pelos armazéns existentes a nível de propriedade, embora operando, em determinados casos, em condições inadequadas, causando, inclusive, perdas de produto.

b) Considerando-se, ainda, a capacidade estática existente a nível de propriedade, constituída por 111 armazéns comunitários, tecnicamente adequados, com capacidade de 72.630 t e 2.477 paisés para milho com capacidade de 13.371 t, o déficit existente está suprido.

MAPA 1

PRODUÇÃO DE GRÃOS E CAPACIDADE ESTÁTICA DE ARMAZENAGEM
 POR MICRORREGIÃO HOMOGÊNEA DE SANTA CATARINA - FEV/86

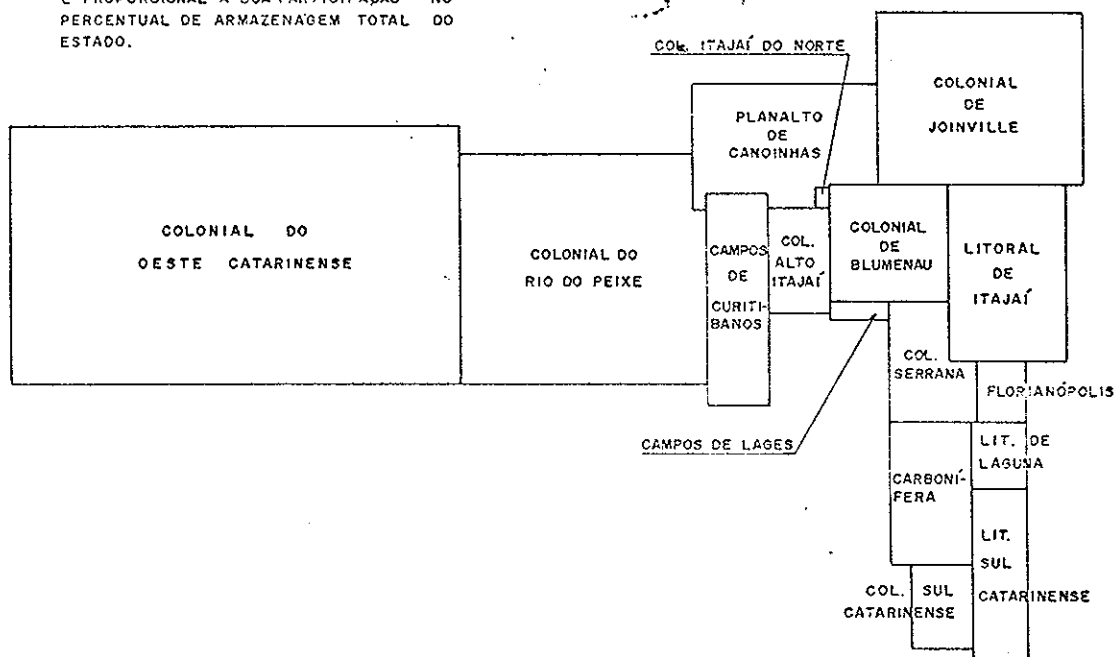


Fonte: CIBRAZEM
 Elaboração: INSTITUTO CEPA/SC

MAPA 2

DISTRIBUIÇÃO DA CAPACIDADE ESTÁTICA DE ARMAZENAGEM EM MEIO-AMBIENTE
NAS MRH DE SANTA CATARINA - FEV/86.

Obs: O TAMANHO DE CADA MICRORREGIÃO NESTE QUADRO
É PROPORCIONAL À SUA PARTICIPAÇÃO NO
PERCENTUAL DE ARMAZENAGEM TOTAL DO
ESTADO.



Fonte: CIBRAZEM - Cadastro Nacional de Unidades Armazenadoras - FEV/86
Elaboração: INSTITUTO CEPA/SC

TABELA 2

CAPACIDADE ESTÁTICA DE ARMAZENAGEM EM MEIO AMBIENTE, POR MRH DE SANTA CATARINA - Fev/1986

MRH	(tonelada)		
	A GRANEL	SACARIA	TOTAL
Colonial de Joinville	209.705	63.242	272.947
Litoral de Itajaí	11.316	145.167	156.483
Colonial de Blumenau	51.761	60.383	112.144
Colonial do Itajaí Norte	-	3.753	3.753
Colonial Alto Itajaí	16.550	29.880	46.430
Florianópolis	2.760	15.586	18.346
Col. Serrana Catarinense	780	54.439	55.219
Litoral de Laguna	-	21.799	21.799
Carbonífera	11.400	84.310	95.710
Lit. Sul Catarinense	2.370	57.211	59.581
Col. Sul Catarinense	-	40.230	40.230
Campos de Lages	3.484	3.706	7.190
Campos de Curitibanos	66.344	27.649	93.993
Colonial Rio do Peixe	291.177	98.520	389.697
Col. Oeste Catarinense	622.158	263.405	885.563
Planalto Canoinhas	95.265	63.025	158.290
SANTA CATARINA	1.385.070	1.032.305	2.417.375

FONTE: CIBRAZEM - Cadastro Nacional de Unidades Armazenadoras - Fev/86.

ELABORAÇÃO: Instituto CEPA/SC.

TABELA 3

CAPACIDADE ESTÁTICA DE ARMAZENAGEM EM MEIO AMBIENTE CONTROLADO, POR MRH DE SANTA CATARINA - 1987

MRH	(tonelada)	
	CONGELAMENTO	RESFRIAMENTO
Colonial de Joinville	1.175	300
Litoral de Itajaí	69.931	3.126
Colonial de Blumenau	3.466	5.633
Colonial do Itajaí Norte	-	-
Colonial Alto Itajaí	489	1.173
Florianópolis	3.864	2.022
Col. Serrana Catarinense	-	575
Litoral de Laguna	2.333	925
Carbonífera	6.153	4.007
Lit. Sul Catarinense	-	-
Col. Sul Catarinense	-	-
Campos de Lages	-	32.317
Campos de Curitibanos	-	9.968
Colonial Rio do Peixe	112.483	137.613
Col. Oeste Catarinense	33.253	2.816
Planalto Canoinhas	714	24.719 (1)
SANTA CATARINA	233.861	225.194

FONTE: COCAR (fev/88 e CIBRAZEM (fev/86).

ELABORAÇÃO: Instituto CEPA/SC.

(1) Inclusive batata-semente (5.540 t).

Ao relacionar a produção de maçã (estimada em 180.000 t para a safra 1987/88) com a capacidade estática, constata-se haver uma defasagem de apenas 57.645 t, situação perfeitamente aceitável.

No entanto, a comercialização desse produto vem apresentando sérios entraves relativamente ao aspecto de infra-estrutura de pós-colheita, notadamente a armazenagem refrigerada a nível de pequeno produtor, uma vez que, do total da capacidade de armazenagem existente, aproximadamente 87% pertence aos grandes produtores e a empresas particulares, dificultando o acesso ao pequeno produtor.

Salienta-se que os pequenos e médios produtores dessa cultura, ligados as cooperativas e à COCAR, são responsáveis por cerca de 40% da produção estadual; no entanto, têm acesso ao sistema de armazenagem refrigerada para apenas 14.235 t.

Os dados da tabela mostram, ainda, que na microrregião Planalto de Canoinhas, principalmente no município de Canoinhas, a armazenagem refrigerada é destinada ao depósito de sementes certificadas de batata produzidas na região, atendendo à iniciativa particular, bem como a organismos públicos de pesquisa agrícola.

Quanto à ocupação destes armazéns, os índices são considerados baixos, principalmente para a maçã. Isto poderia ser melhorado através de sua utilização para outras frutas e hortaliças; como consequência, diminuiriam os custos operacionais.

A tabela 4, apresentada a seguir, mostra a capacidade de armazenamento em meio ambiente e em ambiente controlado, por microrregião homogênea do estado, das cooperativas agrícolas existentes, conforme situação de out/88.

TABELA 4
CAPACIDADE ESTÁTICA DE ARMAZENAMENTO EM MEIO AMBIENTE E EM AMBIENTE CONTROLADO, SEGUNDO AS COOPERATIVAS AGRÍCOLAS DE SANTA CATARINA, POR MICROREGIÃO HOMOGÊNEA - 1988
(tonelada)

M R H	A R M A Z E N A M E N T O							
	GRANEL	CONVENCIONAL	SEMENTES	INSUMOS	LEITE (1000 litros)	OUTROS LÍQUIDOS (1000 litros)	FRIGORÍFICO	
							Resfriados	Congelados
Col. de Joinville	4.820	1.250	75	80	30	-	-	-
Lit. de Itajaí	2.400	1.000	-	-	150	-	170	-
Col. de Blumenau	20.800	2.250	750	883	30	-	-	-
Col. de Itajaí Norte	-	750	-	-	35	-	260	300
Col. do Alto Itajaí	14.700	15.340	600	5.400	80	-	-	-
Florianópolis	2.000	2.200	-	-	70	-	170	30
Carbonífera	6.600	26.693	582	1.600	20	-	-	-
Lit. Sul Catarinense	2.000	15.350	25	1.300	-	-	-	-
Col. Sul Catarinense	14.080	15.450	1.370	5.400	-	-	-	-
Campos de Lages	-	5.800	500	-	-	-	4.890	-
Campos de Curitiba	35.200	20.387	5.400	-	50	-	30	-
Col. do Rio do Peixe	20.700	20.030	1.790	8.390	60	5.100	1.100	500
Col. do Oeste Catarinense	207.080	116.240	16.380	8.782	170	3.036	1.096	4.730
Planalto de Canoinhas	33.550	37.200	33.200	14.950	40	-	-	-
TOTAL	363.930	282.940	30.672	46.785	725	8.186	7.716	5.560

FONTE: OCESC.

ELABORAÇÃO: Instituto CEPY/SC.

OBSERVAÇÃO: As cooperativas catarinenses possuem, ainda, a seguinte capacidade de armazenagem fora do estado para atender a suas necessidades: em São Paulo, 1.400 t de armazéns frigoríficos; no Rio de Janeiro, 25 t de armazéns frigoríficos, e em Cruz Machado, no Paraná, 1.800 t de armazéns convencionais.

Consta do Plano Agropecuário Catarinense-PLANAC, de responsabilidade da Secretaria da Agricultura, do Abastecimento e da Irrigação, um Programa de Armazenagem, fruto de uma necessidade sentida através de consultas em todos os municípios do estado, junto aos produtores e suas entidades representativas e aos técnicos ligados ao setor agrícola, onde foram identificados os principais problemas existentes nessa área.

Em seguida, as propostas foram discutidas a nível regional e, posteriormente, mediante um seminário estadual, foi aprovada a proposta final, cujos resultados, no período de janeiro a setembro de 1988, são mostrados a seguir:

PROJETO	REALIZADO	NUMERO	RESPONSAVEL
-Armazenagem coletora .Armazenagem de grãos a nível coletor	3.780 t.	-	COCAR
-Armazenagem em paiol .Assist.técnica na construção de paiol de cebola/alho	1.793 t	86 paióis	ACARESC
.Assist.técnica na construção de paiol de milho	67.493 t	895 paióis	ACARESC
-Armazenagem frigorifi- ca para frutas .Armazenagem de frutas	1.762 t	-	COCAR
.Assist. técnica na construção de câmara fria	-	14 câmaras	ACARESC
-Armazenagem terminal .Armazenagem de liqui- dos a nível terminal	59.605 t	-	COCAR
.Armazenagem de pellets e de grãos a nível terminal	1.165.022 t	-	COCAR
-Minissecadores de cereais .Assist.técnica na construção de casas de máquinas	-	47 casas máquinas	ACARESC
.Assist.técnica em armazenagem	-	4.013 unid.	ACARESC

Alguns pontos, embora já conhecidos, devem ser levantados, por merecerem uma reflexão mais profunda.

- Perde-se, em cada safra, devido às deficiências ocorridas na capacidade de estocagem e de guarda dentro e fora do estabelecimento rural, cerca de 20% da produção de grãos no estado, verificando-se perdas monetárias para o setor

agrícola e para a economia estadual, uma vez que a cada 5 anos deixa-se de comercializar o equivalente a uma safra de grãos, ou seja, 3.800.000 t.

- O pequeno e médio produtor, responsável por aproximadamente 80% da produção agrícola estadual, por não ser cooperativado, não tem acesso aos armazéns existentes. Atualmente, apenas cerca de 1/3 dos produtores rurais está filiado ao sistema cooperativista.
- A estrutura de armazenagem a nível de estabelecimento agrícola, tecnicamente recomendada, atinge em torno de 5% do volume total existente.
- Santa Catarina não dispõe de uma estrutura de armazenagem de grande porte orientada pelo governo estadual, capaz de regular o abastecimento de produtos agrícolas aqui produzidos e aqueles oriundos de importações, dificultando a execução da política de garantia de preços do governo federal.
- Os armazéns disponíveis a nível terminal, localizados em áreas portuárias, também são deficientes, dificultando as exportações e, como consequência, diminuindo as receitas operacionais.
- O estado também carece de condições de infra-estrutura para estocagem e comercialização de pescado.

2.2. ELETRIFICAÇÃO RURAL

A distribuição de energia elétrica no setor rural estadual é feita pelas Centrais Elétricas de Santa Catarina e pelas cooperativas de eletrificação rural.

Apenas 5% de todos os usuários do estado são atendidos com energia elétrica gerada pela CELESC. Os restantes são supridos com a energia oriunda da ELETROSUL.

Segundo a CELESC, o setor rural estadual possuía, em 1987, um contingente de 195.187 consumidores; destes, 120.053 eram atendidos pela própria CELESC (61,5%) e 75.134, pelas cooperativas de eletrificação rural (38,5%).

Existem, atualmente, 31(1) cooperativas de eletrificação rural implantadas em todo o estado e que têm por objetivo suprir de energia elétrica o homem do campo através da implantação e manutenção de linhas de distribuição.

Foi implantado, até dez/87, um total de 49.614 km de redes de eletrificação rural, dos quais cerca de 53% operados pela CELESC.

Conforme indicação de técnicos ligados ao setor, parte acentuada da energia elétrica do estado consumida no meio rural era utilizada somente para iluminação das residências e para proporcionar melhor nível de conforto à família rural. Entretanto, a partir de 1985, iniciou-se um trabalho de conscientização junto ao agricultor sobre o uso da energia elétrica na propriedade. Com isso, ela passou a constituir mais um recurso disponível dentro do processo produtivo, permitindo maior produtividade ao setor agropecuário.

O estado apresentou, em 1987, um consumo total de 5,7 bilhões de kwh, atendendo, no mesmo período, aproximadamente 1 milhão de consumidores, distribuídos nas várias classes.

(1) O número de cooperativas está diminuindo, devido à incorporação das mesmas pela CELESC.

Por classe de consumidor, o setor industrial foi responsável por 55,92% do total de energia consumida, seguida do residencial - nesta classe estão inseridos todos os consumidores urbanos e parte dos rurais - com 20,31%, do comercial, com 9,85%, enquanto a classe rural aparece com 6,38%. (tabela 1).

TABELA 1

CONSUMO ESTADUAL DE ENERGIA ELÉTRICA, POR CLASSE DE CONSUMIDOR
- 1987

CLASSE DE CONSUMIDOR	CONSUMO DE ENERGIA - kwh	PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL - %
Industrial	3.197.262.611	55,92
Residencial	1.161.424.973	20,31
Comercial	563.461.493	9,86
Rural	364.503.130	6,38
Outros (1)	430.665.519	7,53
TOTAL	5.717.317.726	100,00

FONTE: CELESC - Boletim Estatístico - 1987.

ELABORAÇÃO: Instituto CEPA/SC.

(1) Inserido todo o consumo do poder público, da iluminação pública, dos serviços públicos, bem como o consumo próprio.

A nível microrregional, a Colonial de Joinville apresentou o maior consumo (1 bilhão de kwh), sendo responsável por 18,24% do consumo global estadual. Seguem-na, com o respectivo percentual: Colonial de Blumenau, com 17,40% (994,8 milhões de kwh); Carbonífera, com 13,62% (778,3 milhões de kwh); Florianópolis, com 9,22% (527 milhões de kwh); Colonial do Rio do Peixe, com 7,89% (451 milhões de kwh); Colonial do Oeste Catarinense, com 7,53% (430 milhões de kwh), destacando-se em 6º lugar no consumo total de energia (tabela 2).

TABELA 2

CONSUMO TOTAL ANUAL DE ENERGIA ELÉTRICA E NÚMERO DE CONSUMIDORES ABSOLUTO E PERCENTUAL,
POR MICRORREGIÃO HOMOGÊNEA DE SANTA CATARINA - 1987

MICRORREGIÃO HOMOGÊNEA	CONSUMO TOTAL ANUAL - kwh		TOTAL DE CONSUMIDORES	
	Absoluto	Percentual	Absoluto	Percentual
Colonial de Joinville	1.042.518.661	18,24	113.859	10,96
Litoral de Itajaí	308.441.459	5,39	82.073	7,89
Colonial de Blumenau	994.831.404	17,40	112.996	10,88
Colonial de Itajaí do Norte	37.133.411	0,65	9.916	0,95
Colonial do Alto Itajaí	147.151.638	2,57	41.239	3,97
Florianópolis	526.997.700	9,22	154.367	14,85
Colonial Serrana Catarinense	40.510.901	0,71	15.986	1,54
Litoral de Laguna	98.338.449	1,72	25.856	2,49
Carbonífera	778.334.890	13,62	96.692	9,30
Litoral Sul Catarinense	92.357.366	1,61	41.683	4,01
Colonial do Sul Catarinense	26.522.642	0,46	13.488	1,29
Campos de Lages	314.157.592	5,49	48.572	4,68
Campos de Curitibanos	79.731.704	1,39	24.055	2,31
Colonial do Rio do Peixe	451.096.089	7,89	80.102	7,70
Colonial do Oeste Catarinense	430.435.802	7,53	119.999	11,54
Planalto de Canoinhas	348.758.018	6,11	58.603	5,64
TOTAL	5.717.317.726	100,00	1.039.486	100,00

FONTE: CELESC - Boletim Estatístico - 1987.

ELABORAÇÃO: Instituto CEPA/SC.

Salienta-se que 94,38% da energia consumida em todo o estado foi distribuída pela CELESC, 3,72% pelas cooperativas de eletrificação rural. Apenas 1,90% da energia consumida foi oriunda de geração própria (Luz e Força, prefeituras e particulares).

Quanto à evolução, os índices de consumo, por classe de consumidor são mostrados na tabela 3.

TABELA 3

ÍNDICE DE CRESCIMENTO DO CONSUMO RURAL DA ENERGIA (kwh) POR
CLASSE DE CONSUMIDOR RESIDENCIAL, INDUSTRIAL E RURAL, 1980-87

ANO	CLASSE DE CONSUMIDOR		
	Residencial	Industrial	Rural ⁽¹⁾
1980	100	100	100
1981	117	104	121
1982	125	109	136
1983	148	118	153
1984	159	137	172
1985	172	155	200
1986	185	161	222
1987	214	170	250

FONTE: CELESC - Boletim Estatístico de 1987.

ELABORAÇÃO: Instituto CEPA/SC.

(1) Está classificada no item classe de consumo rural, a unidade consumidora em que é desenvolvida a atividade rural com o objetivo econômico (atividade agropastoril, indústria rural, coletividade rural).

2.3. SISTEMAS DE TRANSPORTES

2.3.1. SISTEMA RODOVIARIO

No estado, como na maioria das unidades da Federação, o transporte predominante é o rodoviário, embora não seja o mais econômico, principalmente no que tange à movimentação de cargas de mercadorias a longa distância.

O planejamento, a administração e a supervisão das rodovias federais são de responsabilidade do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem - DNER. As rodovias estaduais ficam a cargo do Departamento de Estradas de Rodagem - DER/SC. As estradas municipais são administradas pelas prefeituras municipais.

Dentre as rodovias federais que servem o estado e que mantêm a ligação no sentido longitudinal e transversal, destacam-se as seguintes BR:

RODOVIA	REGIAO ABRAGIDA
- BR LONGITUDINAIS	
BR - 101	Litoral
BR - 116	Planalto
BR - 153	Meio Oeste/Oeste Catarinense
- BR TRANSVERSAIS	
BR - 282	Litoral/Planalto/Oeste Cat.
BR - 470	Litoral/Vale do Itajaí/ Campos de Curitibanos

Existe, ainda, uma série de rodovias menores, responsáveis pelo restante das comunicações entre os diversos pontos do estado.

Segundo a Secretaria dos Transportes e Obras, através do DER/SC, as rodovias estaduais estão distribuídas conforme jurisdição federal, estadual e municipal, de acordo com a tabela a seguir:

TABELA 1
REDE RODOVIÁRIA ESTADUAL, SEGUNDO A JURISDIÇÃO EM SANTA CATARINA
- 1986-87

REDE	(km)	
	1986	1987
Federal	2.557	2.557
Estadual Transitória	1.003	1.003
Estadual	4.874	4.877
Municipal	97.049	97.061
TOTAL	105.483	105.498

FONTE: DER/SC - Sistema Rodoviário Estadual - 1986-87.

Os dados apresentados a seguir mostram de forma detalhada a situação das rodovias no estado em 1987.

TABELA 2
SITUAÇÃO DA MALHA RODOVIÁRIA ESTADUAL, SEGUNDO SUA JURISDIÇÃO - 1987

SITUAÇÃO	(quilômetro)									
	PLANEJADA		NÃO PAVIMENTADA				PAVIMENTADA			
	(A)	(B)	Leito Natural	Implantada	Total (C)	EM OBRAS DE PAVIMENTAÇÃO (D)	Pavimentação Pisicada simples	Dupli-licada	Total (E)	TOTAL A+B+C+D+E
Federal	372,2	-	-	102,6	102,6	76,8	1.999,6	5,6	2.005,2	2.556,8
Estadual Transitória	-	-	359,9	18,2	378,1	92,6	532,6	-	532,6	1.003,3
Estadual	365,8	90,9	1.516,7	572,2	2.088,9	377,1	1.954,2	-	1.954,2	4.876,9
Municipal	43.902,8(1)	-	52.860,9	-	52.860,9	-	297,5	-	297,5	97.061,2
TOTAL	44.640,8	90,9	54.737,5	690,8	55.430,5	546,5	4.783,9	5,6	4.789,5	105.498,2

FONTE: DER/SC - Sistema Rodoviário Estadual - 1987.

ELABORAÇÃO: Instituto CEPA/SC.

(1) Estradas planejadas - são as rodovias precariamente abertas, tendo por objetivo dar acesso principalmente às propriedades agrícolas.

As rodovias federais que cortam o estado no sentido norte/sul são mostradas na tabela 3.

TABELA 3
EXTENSÃO TOTAL E DOS TRECHOS PAVIMENTADOS DAS PRINCIPAIS
RODOVIAS FEDERAIS EM SANTA CATARINA - Dez/87

RODOVIA	TRECHO	(quilômetro)		INÍCIO/TÉRMINO
		SANTA CATARINA		
		Extensão	Trecho Pavimentado	
BR 101	Divisa PR/SC (Garuva)/Divisa SC/RS (São João do Sul)	478,5	478,5	Chuf/Natal
BR 116	Divisa PR/SC (Rio Negro/Mafra)/Divisa SC/RS (Lages)	310,0	310,0	Jaguarão/Fortaleza
BR 153	Divisa PR/SC (Água Doce)/Divisa SC/RS (Concórdia)	123,0	123,0	Bagé/Baldé
BR 158	Divisa RS/SC (Palmitos)/SR 282 (Maravilha)	143,7	56,8	Santana do Livramento/Altamira
BR 163	Divisa RS/SC (Itapiranga)/Divisa SC/RS (Idamar)	61,9	49,6	São Miguel D'Oeste/Suriname - Serra Juvucumaque
BR 280	São Francisco do Sul/Divisa SC/PR (Porto União da Vitória)	187,3	187,3	-
BR 282	Florianópolis (entronc. BR 101/São Miguel D'Oeste (entronc. BR 163/386))	642,1	475,0	-
BR 470	Navegantes/Campos Novos (Divisa SC/RS)	310,9	290,9	-

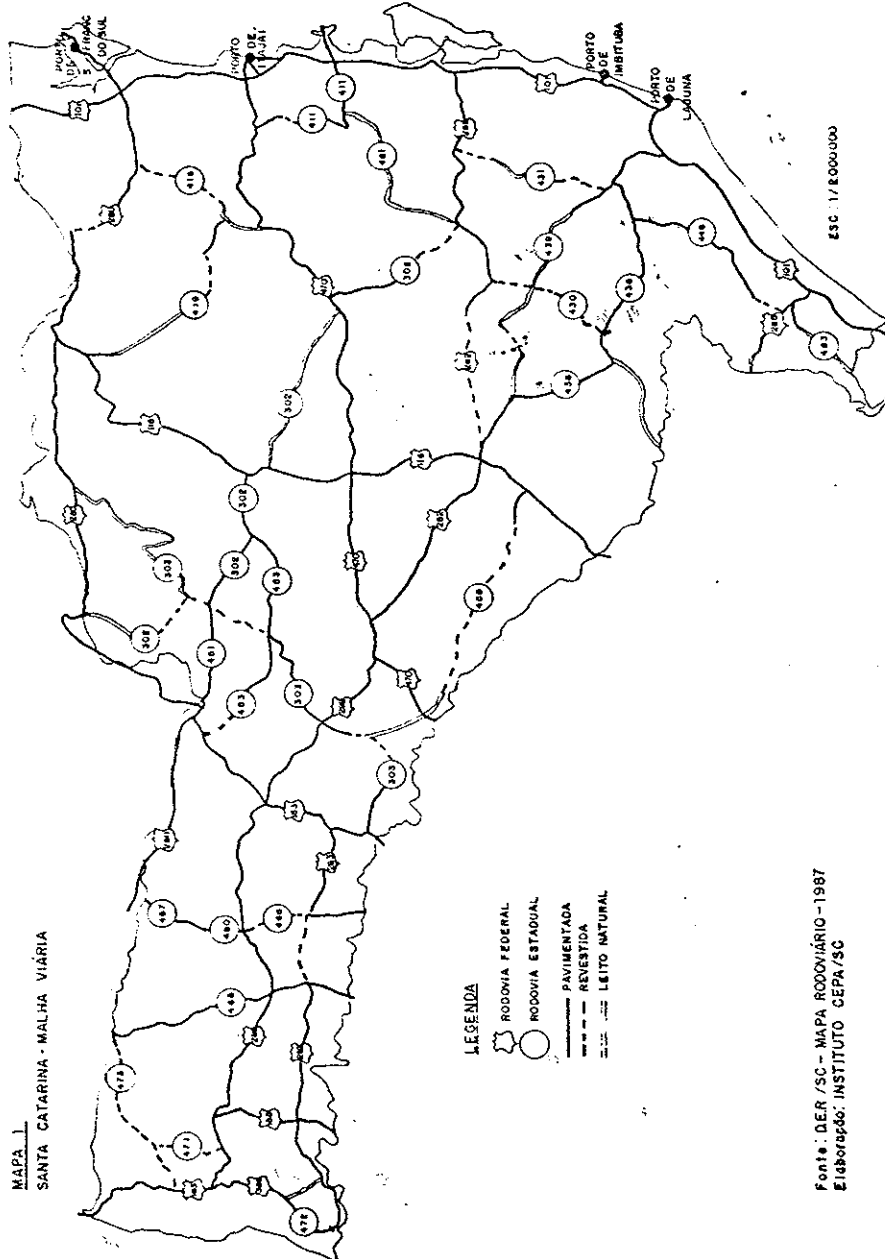
FONTE: DER/SC - Sistema Rodoviário Estadual - 1987.
ELABORAÇÃO: Instituto CEPA/SC.

As estradas sob jurisdição estadual que atendem ao usuário são apresentadas na tabela 4.

TABELA 4
EXTENSÃO TOTAL E DOS TRECHOS PAVIMENTADOS DAS PRINCIPAIS RODOVIAS ESTADUAIS EM
SANTA CATARINA - DEZ/87

RODOVIA	TRECHO	(km)	
		EXTENSÃO	TRECHO PAVIMENTADO
SC 301	São Francisco do Sul - Balneário Enseada/Divisa SC/PR (Fragosos)	118,1	118,1
SC 302	Entronc. BR 282 (Alfredo Wagner)/Entronc. BR 280 (Porto União)	333,3	125,4
SC 303	Três Barras/Piratuba (Volta Grande)	283,6	140,0
SC 407	São José/Entronc. SC 437 (Imaruí)	181,2	21,1
SC 408	Biguaçu/Brusque	73,3	12,1
SC 411	Tijucas/Gaspar	85,8	67,3
SC 413	Entronc. BR 470 (Navegantes)/ Entronc. BR 101 (Joinville)	94,8	26,9
SC 416	Schroeder/Entronc. BR 470 (Rodeio)	68,3	28,9
SC 427	Entronc. BR 486 - SC 429 (Vidal Ramos)/Entronc. BR 282 (Bocaina do Sul)	82,8	47,1
SC 429	Entronc. BR 470 (Lontras)/Entronc. SC 302 - BR 282 (Alfredo Wagner)	93,7	2,0
SC 430	Entronc. BR 282 - Bom Retiro (Santa Clara) Divisa SC/RS (São Joaquim)	139,8	42,2
SC 431	Entronc. BR 282 (Águas Mornas)/Entronc. SC 438 (Gravatal)	93,1	8,3
SC 435	Entronc. BR 101 (Tubarão)/Entronc. BR 282 (Lages)	188,4	177,1
SC 446	Entronc. BR 101 (Maracajá)/Entronc. SC 438 (Orleans)	64,2	52,4
SC 448	Entronc. BR 101 (Araranguá/Forquilha)	51,4	31,2
SC 451	Entronc. SC 302 (Caçador)/Entronc. -SC (p/Abelardo Luz)	157,3	65,4
SC 452	Entronc. SC 303 (Luzerna)/Entronc. SC 451/BR 153 (Divisa SC/PR)	72,6	21,2
SC 453	Lebon Régis/Água Doce (Hercílioópolis)	108,6	53,6
SC 456	Entronc. SC 458 (p/Anita Garibaldi)/Entronc. SC 453 (p/Fraiburgo)	98,2	39,6
SC 458	Entronc. BR 116 (Lages)/Jaborá	160,5	32,4
SC 468	Entronc. BR 282 (Coronel Freitas)/Entronc. BR 158/SC 473 (São Lourenço D'Oeste)	95,0	95,0
SC 469	Modelo/Entronc. BR 283 (p/Chapeco)	77,2	10,3
SC 470	Itajaí/Entronc. BR 470/477 (Blumenau)	48,0	48,0

FONTE: DER/SC - Sistema Rodoviário Estadual - 1987.
ELABORAÇÃO: Instituto CEPA/SC.



Fonte: DER /SC - MAPA RODOVÁRIO - 1987
Elaboração: INSTITUTO CEPA/SC

2.3.2. SISTEMA FERROVIARIO

As ferrovias no estado desempenharam, no passado papel importante no processo de desenvolvimento econômico regional.

Entretanto, sua expansão foi dificultada devido a opção pelo transporte rodoviário, apresentando, como consequência, um desequilíbrio no tempo e no espaço, ocorrendo, inclusive, uma diminuição da malha ferroviária, com supressão de trechos considerados anti-econômicos, retificação de traçados, bem como uma progressiva substituição da tração a vapor por diesel.

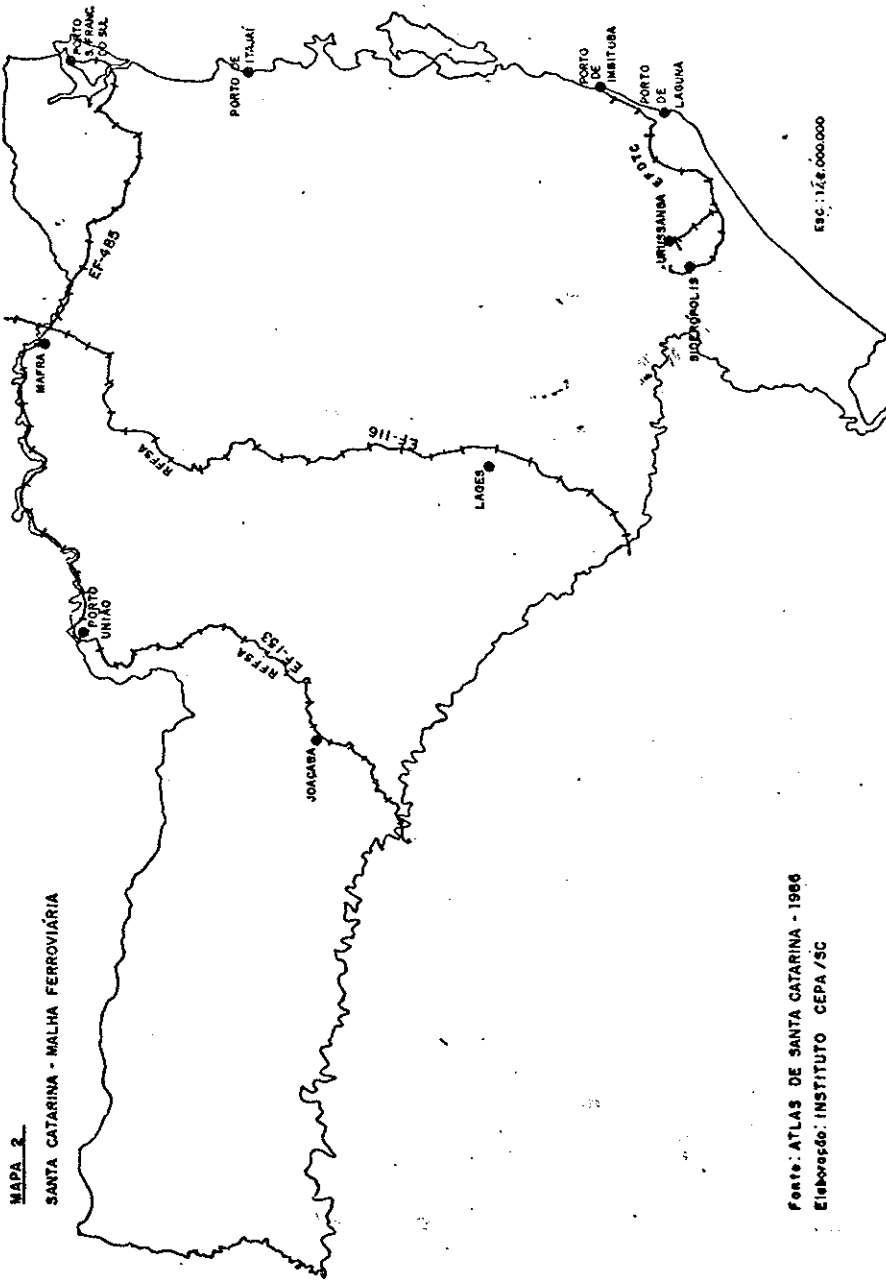
As ferrovias estaduais integram o Sistema Regional Sul, componente da Rede Ferroviária S.A - RFFSA, vinculada ao Ministério dos Transportes.

Sob a administração da Superintendência da RFFSA, encontram-se as seguintes ferrovias:

FERROVIA	TRECHO PERCORRIDO EM SC	EXTENSÃO EM SANTA CATARINA (km)	TRECHO PERCORRIDO EM TODA SUA EXTENSÃO
EF-153	Porto União/Divisa SC/RS (Marcelino Ramos)	210	Marques Reis/Ponta Grossa Porto União/Marcelino Ramos/Santa Maria
EF-116 (1)	Mafra/Divisa SC/RS	307	São Paulo/Lages/Rio Pelotas/ Vacaria/Porto Alegre
EF- 485 (2)	Porto União/Mafra/ São Francisco do Sul	304	Porto União/Porto São Francisco do Sul

(1) Esta ferrovia é denominada Tronco Sul, ligando Porto Alegre a São Paulo.

(2) Esta ferrovia serve de elo de ligação entre as EF 153 e 116 no trajeto entre Porto União e Mafra.



MAPA 2
SANTA CATARINA - MALHA FERROVIÁRIA

Fonte: ATLAS DE SANTA CATARINA - 1986
 Elaboração: INSTITUTO CEPA/SC

ESC: 1:2.000.000

Existe, ainda, a Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina, pertencente a RFFSA e administrada pela Divisão Operacional de Tubarão, responsável pelas seguintes ligações ferroviárias:

FERROVIÁ (1)	TRECHO PERCORRIDO	EXTENSAO (km)
EF - 488	Imbituba/Tubarão/Rio Fluorita	118
EF - 489	Lauro Muller/Tubarão	57
EF - 490	Esplanada/Rio Deserto	33

(1) Estas ferrovias atingem o Porto de Imbituba, não formando ligação com o restante do sistema ferroviário estadual e nacional. Destinam-se, basicamente, ao transporte de carvão na região.

2.3.3. SISTEMA HIDROVIARIO E PORTUARIO

Os transportes marítimos representaram papel relevante na economia estadual, possibilitando a instalação de portos em pontos estratégicos de todo o litoral catarinense, como Florianópolis, Laguna, Imbituba, Itajaí e São Francisco do Sul.

O estado possui, principalmente na região do Vale do Itajaí, uma hidrografia abundante, podendo explorar com maior frequência o transporte fluvial naquela região. Isto, porém, até hoje não foi feito.

Salienta-se que, em épocas passadas, utilizavam-se para o transporte alguns trechos dos rios Itajaí-Açu e Iguaçú. Porém, com a intensificação do uso dos transportes terrestres, foram gradativamente desaparecendo os pequenos vapores que ligavam Blumenau ao Porto de Itajaí e Porto União a Mafra.

O estado conta com os seguintes portos: São Francisco do Sul, Itajaí, Florianópolis, Imbituba e Laguna.

Com o desenvolvimento dos transportes rodoviários, alguns desses portos perderam suas funções. O porto de Florianópolis praticamente encerrou suas atividades, operando somente com alguns terminais de pesca. O porto de Imbituba, que opera com carvão (75%), passou a movimentar também carga geral. O porto de Laguna foi transformado em terminal pesqueiro, enquanto os portos de Itajaí e São Francisco do Sul operam com carga geral, grãos sólidos e líquidos, e contêineres.

Algumas características desses portos:

- PORTO SÃO FRANCISCO DO SUL

Está localizado na baía de Babitonga, no município de São Francisco do Sul, no norte do estado, próximo a divisa do Paraná, nas coordenadas 26º14' latitude sul e 48º38' longitude oeste.

Salienta-se que as condições hidrográficas do porto são consideradas satisfatórias.

Sua localização geográfica oferece segurança as embarcações.

Os acessos ao porto podem ser feitos pelos seguintes sistemas:

RODOVIARIO	FERROVIARIO	AEROVIARIO
BR - 101	EF - 113	Aeroporto de Cubatão - Joinville
BR - 116	EF - 115	(distante 60 km do porto)
BR - 470	EF - 485	Aeroporto de Navegantes - Navegantes
BR - 282		(distante 100 km do porto)

Para a manobra de navios, o porto possui um canal de acesso e uma bacia de evolução assim constituída:

(metro)

CARACTERISTICA	CANAL DE ACESSO	BACIA DE EVOLUÇÃO
Extensão	930,0	535
Largura	150,0	400
Profundidade	10,0	10 a 19

O porto possui quatro berços, que correspondem às seguintes dimensões:

(metro)

BERÇO	EXTENSAO	PROFUNDIDADE
101	225	10
102	150	8
103	150	6
201	150	4 a 6

O berço 101 dá prioridade ao embarque e desembarque de produtos oriundos do setor primário.

A capacidade de armazenagem disponível no porto está assim distribuída:

- 3 armazéns gerais com capacidade para 82.000 m³;
- 48.000 m² de área interna descoberta para movimentação de contêineres e mercadorias com capacidade para 128.000 t;
- 6.000 m² de área externa coberta e 15.000 m² de áreas externas descobertas para movimentação e depósito de carga geral.

O complexo portuário possui, ainda 10 galpões, pertencentes a firmas madeireiras, com 23.000 m² de área, 2 armazéns graneleiros (granel sólido) com 115.000 t de capacidade e 4 tanques para granel líquido com 9.000 m³ de capacidade - pertencentes a COCAR; 5 tanques com capacidade total de 15.000 m³ para uso de óleo comestível, 4 silos com capacidade total de 4.000 t e um armazém de 25.000 t - de propriedade da CEVAL.

Em 1987, o movimento total de mercadorias via porto foi de 1.422.650 t, das quais 1.197.564 t foram oriundas de produtos agrícolas, representando 84,17% do total movimentado. A participação do farelo de soja no total geral foi de 46,63% e de 55,39% no item produtos agrícolas.

O movimento de mercadorias no porto, no período de 1986 e 1987 esteve assim constituído:

TABELA 5

MOVIMENTO GERAL DE MERCADORIAS NO PORTO DE SAO FRANCISCO DO SUL
- SANTA CATARINA - 1986-87 (t)

ITEM	1986		1987	
	Importação	Exportação	Importação	Exportação
Prod. Agrícola	552.914	650.415	230.199	967.365
Outros Produtos	45.794	135.401	32.364	192.722
TOTAL	598.708	785.816	262.563	1.160.087

FONTE: Administração do Porto São Francisco - Boletim Estatístico 1986-87.

- PORTO DE ITAJAI

Localiza-se no município de Itajai, junto a foz do rio Itajai-Açu, nas coordenadas geográficas de 26°54' latitude sul e 48°39' longitude oeste, entre os municípios de São Francisco do Sul e Florianópolis.

Os acessos são feitos pelos seguintes sistemas:

RODOVIARIO	AEROVIARIO
BR - 470	Aeroporto de Navegantes - Municipio de
BR - 282	Navegantes (distante 20 km do porto)
BR - 116	Aeroporto Hercilio Luz - Municipio de Florianópolis (distante 85 km do porto)

As rodovias são todas asfaltadas e permitem fácil acesso ao porto.

O canal de acesso e sua bacia de evolução apresentam as seguintes características:

	(metro)	
CARACTERISTICA	CANAL DE ACESSO	BACIA DE EVOLUÇÃO
Extensão	3.200	700
Largura	100	250
Profundidade	8	8

O porto possui 5 berços, com 148 m de comprimento cada. Todos eles têm 8 m de profundidade.

ESTRUTURA DE ARMAZENAGEM - Está assim constituída:

- 3 armazéns gerais com capacidade para 120.000 m³;
- 1 armazém frigorífico composto de 12 câmaras e 2 túneis, com capacidade de 4.700 m³;
- 46.500 m² de área descoberta para armazenagem de contêineres e outras mercadorias;
- 1 silo metálico com capacidade de 308 m³ para armazenagem de granel líquido.

Existe, ainda, uma capacidade de armazenagem extra-porto, de propriedade de empresas particulares, de aproximadamente 390.000 m³, utilizadas para guarda de produtos como açúcar, fumo e madeira e uma capacidade de armazenagem frigorífica de cerca de 22.000 t, para uso de produtos congelados, principalmente frangos e pescado.

TABELA 6

QUANTIDADE DE MERCADORIAS MOVIMENTADAS ATRAVES DO PORTO DE ITAJAI - 1986-87

ITEM	. (tonelada)			
	1986		1987	
	Importação	Exportação	Importação	Exportação
Prod.Agricola	-	501.183	116.903	453.793
Outros Produtos	696.963	91.913	672.708	118.886
TOTAL	696.963	593.096	789.611	572.679

FONTE: Administração do Porto de Itajai - Boletim Estatístico 1986-87.

Representando 41,89% do total movimentado em 1987, a quantidade de produtos agrícolas foi de 570.696 t. Dentre eles, o açúcar somou 307uem o frango congelado, com 85.107 t; o tabaco, com 27.665 t; a madeira e derivados, com 26.951 t e outros produtos agrícolas, com 6.711 t.

O movimento total de mercadorias em 1987 em relação a 1986 cresceu 5,60%.

- PORTO DE IMBITUBA

Localiza-se no município de Imbituba, nas coordenadas geográficas 28º14' latitude sul e 48º40' longitude oeste, entre os municípios de Florianópolis e Laguna.

O acesso ao porto é feito pelos seguintes sistemas:

RODOVIARIO	FERROVIARIO	AEROVIARIO
BR - 101	Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina-EFDTC	Aeroporto Hercilio Luz - Florianópolis (distante 89 km do porto)
BR - 470	(utilizada apenas para o escoamento de carvão da região)	Aeroporto de Criciúma - Criciúma (distante 70 km do porto)
BR - 282(*)		

(*) A conclusão da BR-282, no trecho Lages - Florianópolis, facilitará as ligações do porto com as regiões do planalto e oeste do estado.

A bacia da evolução possui uma profundidade de 11 metros, alcançando 13 metros no final dos molhes, de acordo com as seguintes características:

BERÇO	PROFUNDIDADE (m)	EXTENSAO (m)	UTILIZAÇÃO
1	9,50	154	Carvão e carga geral
2	9,50	154	Carga geral
3	10,00	250	Rocha fosfática, açúcar e carvão
4	9,50	24	Opera com navios no sistema "roll-on-roll-off"

ESTRUTURA DE ARMAZENAGEM:

- 2 armazéns com área de 5.921 m², para carga geral ou a granel;
- 1 vala para carvão, com capacidade de 7.000 t;
- 5 pátios externos para armazenagem de carvão, com capacidade total de 220.000 t;

- 3 tanques para armazenagem de soda cáustica, com capacidade para 7.760 m³.
- O complexo de movimentação de grãos compreende 5.429 m de linhas ferroviárias, 11 conjuntos de correias transportadoras (cuja capacidade varia de 500 a 1.500 t/h), 13 guindastes de pórtico e auto-guindastes, 1 "shiploader", 11 pás carregadeiras, 4 tratores, 4 locomotivas, além de "grabs", vagões e balanças, dentre outros.

Salienta-se que o porto possui área de influência também no sul do Paraná e norte do Rio Grande do Sul, com movimentação de produtos alimentícios e manufaturados, tais como açúcar a granel e em sacos, frango e peixe congelados, grãos, óleo de soja e arroz, peças para indústrias, azulejos, produtos siderúrgicos, que, através do sistema "roll-on-roll-off", levam o produto de Santa Catarina para outras regiões brasileiras.

Em 1987, operou com 74,4% de carvão (2.954.000 t), 6,7% de mercadorias diversas movimentadas por navios "roll-on-roll-off" (261.000 t), 3,3% de ácido fosfórico (127.000 t), 2,3% de açúcar em sacos (85.000 t), 1,5% de soda cáustica (57.000 t) e 0,5% de outras mercadorias (16.000 t).

- PORTO DE LAGUNA

Este porto está localizado no município de Laguna, nas coordenadas geográficas de 28º28' latitude sul e 48º46' longitude oeste, próximo ao município de Imbituba (distante 13 km).

Possui acesso rodoviário e aeroviário idêntico ao do porto de Imbituba, inexistindo acesso ferroviário.

Com um calado de 5 metros e a falta de equipamentos que possam dar suporte a uma melhor operacionalização, o porto opera com embarcações de pequeno e médio porte, particularmente com barcos pesqueiros. O fato de possuir uma infra-estrutura específica para a atividade pesqueira também influenciou para que o mesmo se mantivesse voltado para esta atividade.

ESTRUTURA DE ARMAZENAGEM:

- 1 armazém geral interno, com capacidade para 12.000 m³;
- 1 armazém geral externo, com capacidade para 3.140 m³;
- 3 tanques para estocagem de óleo diesel com capacidade para 55.000 litros.

Possui uma infra-estrutura para atividade pesqueira composta de:

- 1 entreposto frigorífico com uma câmara de estocagem com capacidade nominal de 800 t (temperatura de 0^o a -30^o centígrados), uma câmara de espera com capacidade nominal de 160 t (temperatura de 0^o a -10^o centígrados) e dois túneis de congelamento com capacidade para 48 t/24 horas;
- 1 fábrica de gelo com capacidade para produzir 60 t/dia;
- 1 silo para estocagem de 150 t de gelo;
- 1 prédio com capacidade para lavagem de 400 cx/hora;
- 1 reservatório inferior de água com capacidade para 400 m³ e um superior para 315 m³;
- 1 área plana, nivelada e ensaibrada, de 150.000 m².

Salienta-se que a operacionalização do terminal pesqueiro se restringe somente à movimentação do cais para descarga de pescados, fornecimento de energia elétrica e abastecimento de água e gelo.

ESTRUTURA AGRÁRIA

3. ESTRUTURA AGRÁRIA

O exame dos resultados preliminares do Censo Agropecuário de 1985, referente ao país como um todo, sugere, uma evolução diferenciada da predominante há pelo menos duas décadas. E o que se pode constatar a partir do contraste de suas informações com as do Censo de 1980(2):

1. Crescimento mais acentuado do número de estabelecimentos rurais (13,1%) em relação ao de sua área total (3,1%).
2. Diminuição da área média (de 71,7 para 64,6 ha) e mediana (de 9,7 para 8,3 ha).
3. Variação do número de estabelecimentos rurais (8,7% e 24,1%, respectivamente) em relação ao de sua área total (1,9% e -3,1%) nas mãos de proprietários e ocupantes.
4. Forte aumento dos estabelecimentos rurais administrados por parceiros, tanto em número (43%), quanto em área (66,2%).
5. Evolução em 18,8% do número e 11,4% da área dos estabelecimentos de dimensões inferiores a 10 ha.
6. Estabilização da quantidade total de área cultivada, em torno de 14% da área agrícola total.
7. Aumento da representatividade das áreas de pastagens - com base no aumento do rebanho bovino em cerca de 20 milhões de cabeças.
8. Menor ritmo de incremento do número global de tratores agrícolas (de 545 mil para 652 mil unidades).

(2) SAMPAIO, Plínio & GRAZIANO DA SILVA, José. A Questão Agrária no Brasil: O que realmente mudou nos anos 80/85? Reforma Agrária, Campinas, SP, 17(3):11-9, dez.1987-mar.1988

Esse conjunto de dados destaca a ocorrência, neste período, de um processo de redivisão dos estabelecimentos agropecuários e, possivelmente, de uma minifundização das pequenas unidades produtivas. Além disso, deixa entrever o arrefecimento do processo de modernização que veio se acelerando desde meados dos anos 1950, bem como a elevação dos níveis de subemprego e subocupação da mão-de-obra no meio rural brasileiro.

3.1. EVOLUÇÃO DA ESTRUTURA FUNDIÁRIA ESTADUAL

No período de 1980 a 1985, verificou-se uma ligeira elevação do índice de Gini da distribuição da posse da terra entre os estabelecimentos rurais deste estado (de 0,665 para 0,670) (3). De mais a mais, sua área média e mediana evoluiu negativamente (de 34,6 ha para 31,4 ha e de 15,5 ha para 14,0 ha, respectivamente) (4).

Do mesmo modo, é possível observar-se a estabilização da área incorporada à produção agrícola (-1% entre os dois Censos) (tabela 1) e a concomitante aplicação do número de estabelecimentos rurais (8,9%) (tabela 1). Ao se considerar, em complementaridade, as estratificações de área, observa-se que o menor ritmo de crescimento da área dos estabelecimentos rurais do estado, em relação ao seu número, atingiu os menores (até 20 ha) e com menor expressão aqueles cuja área situa-se entre 200 e 1.000 ha (tabela 2). Já as classes de área que, a grosso modo, caracterizam os estabelecimentos de pequeno e médio porte (entre 20 ha e 200 ha), mostraram evolução negativa tanto em número quanto em área (tabela 2).

Ao se verificar, por outro lado, esse processo através da ótica da evolução da representatividade dos estabelecimentos rurais segundo sua classe de tamanho, chega-se aos seguintes resultados (tabela 2):

(3) Cálculos do Instituto CEPA/SC.

(4) Idem.

TABELA 1
CRESCIMENTO RELATIVO DO NÚMERO E DA ÁREA DOS ESTABELECIMENTOS AGRÍCOLAS DE SANTA CATARINA, PERÍODO 1960-1985 (%)

CENSO	NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS/CLASSES DE ÁREA									
	Total	0-10 ha	10-20 ha	20-50 ha	50-100 ha	100-200 ha	200-500 ha	500-1000 ha	+ 1000 ha	
1970/60	31,0	36,2	40,1	26,9	10,1	7,9	24,1	2,8	3,1	
1980/70	4,2	14,6	12,8	- 5,9	- 3,4	0,1	8,9	11,5	33,3	
1985/80	8,9	21,6	8,5	- 2,3	- 6,1	- 0,7	2,6	0,6	- 6,6	
ÁREA DOS ESTABELECIMENTOS/CLASSES DE ÁREA										
1970/60	18,1	44,3	41,5	27,7	11,1	10,8	27,6	23,2	- 9,5	
1980/70	6,4	10,9	4,6	- 6,2	- 3,4	0,8	9,3	17,3	33,6	
1985/80	- 1,0	19,1	7,6	- 2,8	- 6,2	- 1,3	2,8	1,1	- 9,3	

FONTE: Censos Agropecuários de Santa Catarina, 1960, 1970 e 1980.

Sinopse Preliminar do Censo Agropecuário de Santa Catarina, 1985.

ELABORAÇÃO: Instituto CEPA/SC.

TABELA 2
EVOLUÇÃO DA ESTRUTURA FUNDIÁRIA - SANTA CATARINA - 1980-1985

CLASSES DE ÁREA (ha)	1980			1985			EVOLUÇÃO (%)		
	Nº	%	Área (ha)	Nº	%	Área (ha)	%	Nº	Área (ha)
0 - 10	75.724	35,0	376.793	92.111	39,1	448.913	6,1	21,6	19,1
10 - 20	58.943	27,3	824.559	63.951	27,2	887.141	12,0	8,5	7,6
20 - 50	57.588	26,6	1.720.446	56.239	23,9	1.672.367	22,6	- 2,3	- 2,8
50 - 100	14.257	6,6	953.380	13.387	5,7	894.386	12,1	- 6,1	- 6,2
100 - 200	4.946	2,3	670.444	4.913	2,1	661.966	8,9	- 0,7	- 1,3
200 - 500	2.901	1,3	881.613	2.975	1,3	906.603	12,3	2,6	2,8
500 - 1.000	1.009	0,5	694.035	1.015	0,4	701.852	9,5	0,6	1,1
Mais de 1.000	624	0,3	1.352.505	583	0,2	1.226.767	16,6	- 6,6	- 9,3
TOTAL	216.159	100,0	7.473.778	235.361	100,0	7.399.999	100,0	8,9	- 1,0

FONTE: Censo Agropecuário de Santa Catarina, 1980.

Sinopse Preliminar do Censo Agropecuário de Santa Catarina, 1985.

ELABORAÇÃO: Instituto CEPA/SC.

- um significativo aumento numérico e de área dos estabelecimentos rurais menores de 20 ha (21,6% e 19,1% na faixa de 0 a 10 ha e, 8,5% e 7,6% na de 10 e 20 ha);
- uma leve queda do número de área dos estabelecimentos de 20 a 50 ha (-2,3% e -2,8%) e de 100 a 200 ha (-0,7% a -1,3%);
- uma queda mais expressiva do número e área dos estabelecimentos de 50 a 100 ha (-6,1% e -6,2%) e de mais de 100 ha (-6,6% e -9,3%).

3.2. EVOLUÇÃO DA CONDIÇÃO DE POSSE

Nesse mesmo período, os estabelecimentos rurais administrados por seus proprietários, amplamente majoritários, continuam a perder representatividade (de 79,4% do número e de 90,6% da área agrícola total para, respectivamente, 76,2% e 87,7%) (tabela 1). Sua evolução, porém, assinala um crescimento positivo no número de estabelecimentos (4,6%) e negativo na sua área total (-4,2%) (tabela 1). Em sua variação nos diversos estratos de área, os estabelecimentos situados em seus extremos inferiores (até 20 ha) foram os que apresentaram aumento em número e área, destacando-se os estabelecimentos de área inferior a 10 ha (16,5% em número e 16,1% em área) (tabela 1).

Por sua vez, as categorias não-proprietárias evoluíram de maneira diferenciada. Estas, em sua ampla maioria, mostraram crescimento intercensitário em número e área. A exceção, nesse caso, corre por conta dos maiores estabelecimentos administrados por seus ocupantes (acima de 500 ha), que conheceram fortes restrições em sua representatividade (tabela 1).

Em verdade, os produtores enquadrados nessa última condição aumentaram em 13% sua representatividade e em 13% a área.

Já os estabelecimentos gerenciados por arrendatários e por parceiros expandiram-se, em número e área, respectivamente, 26,7% e 33,8% os primeiros, e 27,7% e 15,2% os segundos (tabela 1).

A evolução dessas categorias dentro de cada estrato de área, por sua parte, indica (tabela 1):

- expressivo crescimento dos estabelecimentos em mãos de arrendatários, notadamente daqueles situados nos estratos de área (acima de 500 ha);

- igualmente expressivo crescimento dos estabelecimentos comandados por parceiros, em quase todos os estratos (exceto os de área entre 20 e 50 ha e entre 500 e 1.000 ha), sendo mais acentuado no estrato menor e em alguns intermediários (100 e 500 ha);
- mais significativa elevação da representatividade, entre os dois censos, dos estabelecimentos de ocupantes, tanto no menor estrato de área quanto nos de 50 a 100 e de 200 a 500 ha (elevação aproximada de 15% de área e número para todos os estratos, exceto para o de 500 ha, cujo aumento em quantidade beirou os 30%).

Sob o enfoque da participação dos estabelecimentos por estrato de área em cada categoria de produtor, chega-se às seguintes constatações (tabela 2):

- Dentre os estabelecimentos dirigidos por seus proprietários e ocupantes, ocorre uma estabilização da representatividade de cada classe em número e área.
- O conjunto dos estabelecimentos rurais administrados por arrendatários demonstrou crescimento percentual de área nos estratos maiores (acima de 500 ha) e de número no menor. Em compensação, perdeu área nos estratos de 20 a 100 ha.
- Os estabelecimentos rurais sob o comando de parceiros apresentaram crescimento, tanto em número quanto em área, unicamente nos de menor tamanho (até 10 ha).
- Na participação sobre o total das classes de área, verifica-se, entre os proprietários, um descenso de uma posição relativa, em número e área, em todas elas; a participação dos ocupantes também diminuiu nas maiores faixas dos estabelecimentos (acima de 1.000 ha).
- Os arrendatários e parceiros mostraram tendência de aumento da participação em todos os estratos de área, mais acentuadamente nos de maior tamanho (acima de 500 ha) por parte dos primeiros, e no de menor dimensão (abaixo de 10 ha) por parte dos segundos.

TABELA 1

CONDIÇÃO DO PRODUTOR, SEGUNDO A PROPRIEDADE DAS TERRAS - SANTA CATARINA - 1980-1985

CLASSE DE ÁREA (ha)	P R O P R I E T Á R I O						A R R E N D A T Á R I O						TOTAL NÚMERO
	NÚMERO		ÁREA (ha)		Nº índice (1980=100)		NÚMERO		ÁREA (ha)		Nº índice (1980=100)		
	1980	1985	1980	1985	1980	1985	1980	1985	1980	1985	1980	1985	
0 - 10	46.456	54.088	116,5	240.924	279.794	116,1	8.027	10.689	133,2	39.284	49.558	126,2	121,6
10 - 20	50.386	54.049	107,3	711.395	756.482	106,3	2.579	2.991	116,0	34.036	39.436	115,9	108,5
20 - 50	52.649	50.598	96,1	1.578.819	1.509.484	95,6	1.526	1.665	109,1	44.152	48.312	109,4	98,9
50 - 100	13.251	12.108	91,3	886.612	809.552	91,3	336	426	126,8	22.984	28.679	124,8	93,9
100 - 200	4.568	4.417	96,7	621.099	596.894	96,1	163	212	129,4	21.754	28.358	130,4	99,3
200 - 500	2.648	2.623	99,1	805.532	800.804	99,4	131	163	124,4	39.585	50.735	128,2	102,6
500 - 1.000	931	905	97,2	641.534	629.034	98,1	35	61	174,3	24.853	40.485	163,0	100,6
Mais de 1.000	593	530	89,4	1.285.650	1.108.326	86,2	17	24	141,2	30.010	57.765	192,5	93,7
TOTAIS	171.482	179.349	104,6	6.771.570	6.490.375	95,8	12.815	16.235	126,7	256.662	343.332	133,8	108,9

(continua)

(conclusão)

CLASSE DE ÁREA (ha)	P A R C E I R O						O C U P A N T E						TOTAL NÚMERO
	NÚMERO		ÁREA (ha)		Nº índice (1980=100)		NÚMERO		ÁREA (ha)		Nº índice (1980=100)		
	1980	1985	1980	1985	1980	1985	1980	1985	1980	1985	1980	1985	
0 - 10	8.990	12.171	135,4	43.737	55.927	127,9	12.251	14.390	117,5	52.846	60.243	114,0	119,1
10 - 20	2.630	3.012	114,5	34.551	39.130	113,3	3.348	3.534	105,6	44.576	47.005	105,4	107,6
20 - 50	1.343	1.409	104,9	38.180	39.541	103,6	2.070	2.240	108,2	59.294	65.120	109,8	97,2
50 - 100	202	221	109,4	12.890	14.322	111,1	468	537	114,7	30.376	35.472	116,8	93,8
100 - 200	57	74	129,8	7.214	9.410	130,4	158	154	97,5	20.376	19.619	96,3	98,7
200 - 500	40	46	115,0	11.467	13.947	121,6	82	106	129,3	25.028	29.382	117,4	102,8
500 - 1.000	14	13	92,9	8.666	9.085	104,8	29	21	72,4	18.979	12.879	67,9	101,1
Mais de 1.000	2	5	250,0	8.966	9.483	105,8	10	7	70,0	27.878	13.925	49,9	91,8
TOTAIS	13.282	16.961	127,7	165.674	190.850	115,2	18.576	20.997	113,0	279.871	283.648	101,3	99,0

FONTE: Censo Agropecuário de Santa Catarina, 1980.

Sinopse Preliminar do Censo Agropecuário de Santa Catarina, 1980.

ELABORAÇÃO: Instituto CEPA/SC.

TABELA 2
PARTICIPAÇÃO RELATIVA DOS PRODUTORES RURAIS, FACE À SUA CONDIÇÃO, SEGUNDO A PROPRIEDADE DAS TERRAS, POR ESTRATO DE ÁREA - SANTA CATARINA - 1980-1985

CLASSES DE ÁREA (ha)	PARTICIPAÇÃO SOBRE O TOTAL DA CONDIÇÃO (%)															
	PROPRIETÁRIOS				ARRENDATÁRIOS				PARCEIROS				OCUPANTES			
	Número		Área		Número		Área		Número		Área		Número		Área	
	1980	1985	1980	1985	1980	1985	1980	1985	1980	1985	1980	1985	1980	1985	1980	1985
0 - 10	27,1	30,2	3,6	4,3	62,6	65,8	15,3	14,4	67,7	71,8	26,4	29,3	66,0	68,5	18,9	21,2
10 - 20	29,4	30,1	10,5	11,7	20,1	18,4	13,3	11,5	19,8	17,8	20,9	20,5	18,0	16,8	15,9	16,6
20 - 50	30,7	28,2	23,3	23,3	11,9	10,3	17,2	14,1	10,1	8,3	23,0	20,7	11,1	10,7	21,2	23,0
50 - 100	7,7	6,8	13,1	12,5	2,6	2,6	9,0	8,4	1,5	1,3	7,8	7,5	2,5	2,6	11,0	12,5
100 - 200	2,7	2,5	9,2	9,2	1,3	1,3	8,5	8,3	0,4	0,4	4,4	4,9	0,9	0,7	7,3	6,9
200 - 500	1,5	1,5	11,9	12,3	1,0	1,0	15,4	14,8	0,3	0,3	6,9	7,3	0,4	0,5	8,9	10,1
500 - 1.000	0,5	0,5	9,5	9,7	0,3	0,4	9,7	11,8	0,1	0,1	5,2	4,8	0,2	0,1	6,8	4,5
Mais de 1.000	0,3	0,3	19,0	17,1	0,1	0,1	11,7	16,8	0,02	0,03	5,4	5,0	0,05	0,03	10,0	4,9
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
PARTICIPAÇÃO SOBRE O TOTAL DA CLASSE DE ÁREA (%)																
0 - 10	61,3	58,7	63,9	62,3	10,6	11,6	10,4	11,0	11,9	13,2	11,6	12,5	16,2	15,6	14,0	13,4
10 - 20	85,5	84,5	86,3	85,3	4,4	4,7	4,1	4,4	4,5	4,7	4,2	4,4	5,7	5,5	5,4	5,3
20 - 50	91,4	90,0	91,8	90,3	2,6	3,0	2,6	2,9	2,3	2,5	2,2	2,4	3,6	4,0	3,4	3,9
50 - 100	92,9	90,4	93,0	90,5	2,4	3,2	2,4	3,2	1,4	1,7	1,4	1,6	3,3	4,0	3,2	4,0
100 - 200	92,4	89,9	92,6	90,2	3,3	4,3	3,2	4,3	1,2	1,5	1,1	1,4	3,2	3,1	3,0	3,0
200 - 500	91,3	88,2	91,4	88,3	4,5	5,5	4,5	5,6	1,4	1,5	1,3	1,5	2,8	3,6	2,8	3,2
500 - 1.000	92,3	89,2	92,4	89,6	3,5	6,0	3,6	5,8	1,4	1,3	1,2	1,3	2,9	2,1	2,7	1,8
Mais de 1.000	95,3	90,9	96,2	90,3	2,7	4,1	2,2	4,7	0,3	0,9	0,7	0,8	1,6	1,2	2,1	1,1
TOTAL	79,3	76,2	90,6	87,7	5,9	6,8	3,4	4,6	6,1	7,2	2,2	2,6	8,6	8,9	3,7	3,8

FONTE: Censo Agropecuário de Santa Catarina de 1980.

Sinopse Preliminar do Censo Agropecuário de Santa Catarina de 1985.

ELABORAÇÃO: Instituto CEPA/SC.

Ao se conjugar, por fim, a condição do produtor com a destinação das áreas agrícolas (tabela 3), observa-se, em primeiro lugar, uma retração em torno de 35% no número de estabelecimentos rurais que abrigam lavouras permanentes e um acréscimo de 9,5% no de lavouras temporárias. Quanto à área ocupada, estes números são, respectivamente, 16,4% e 3,8%. Em segundo lugar, é possível constatar-se uma forte diminuição no número de estabelecimentos que exploram culturas permanentes (independentemente da categoria de produtor porém mais pronunciadamente na de parceiros e ocupantes), enquanto que a área por eles envolvida apresentou crescimento (com destaque para as mesmas duas categorias de produtores).

Por outro lado, as lavouras temporárias evoluíram, entre os dois censos, em torno de 5% no tocante ao número de estabelecimentos controlados por proprietários e ocupantes, e 27,5% nos de arrendatários e parceiros. Quanto à área por eles ocupada, o crescimento das duas primeiras categorias de produtores praticamente inexistiu. Para as duas últimas categorias em questão, por seu turno, o incremento foi igual ao de seu número para os arrendatários e inferior para os parceiros.

TABELA 3
EVOLUÇÃO DA CONDIÇÃO DO PRODUTOR EM RELAÇÃO À DESTINAÇÃO ECONÔMICA DA ÁREA - SANTA CATARINA - 1980-1985

CONDIÇÃO DO PRODUTOR	ESTABELECIMENTOS (Nº)											
	LAVOURAS											
	TOTAL			Permanentes			Temporários			Total		
	1980	1985	Evolu- ção %	1980	1985	Evolu- ção %	1980	1985	Evolu- ção %	1980	1985	
Proprietário	171.486	179.349	4,6	76.629	50.062	-34,7	161.778	170.028	5,1	238.407	220.090	- 7,7
Arrendatário	12.815	16.235	26,7	2.332	1.411	-39,5	12.322	15.714	27,5	14.654	17.125	16,9
Parceiro	13.282	16.961	27,7	2.680	1.304	-51,3	13.131	16.783	27,8	15.811	18.087	14,4
Ocupante	18.576	20.997	13,0	4.259	2.355	-44,7	17.539	20.112	4,7	21.798	22.467	3,1
Outra Condição	-	708	-	-	130	-	-	544	-	-	674	-
TOTALS	216.159	235.361	8,9	85.900	55.455	-35,4	204.770	224.176	9,5	290.670	277.769	- 4,4
ÁREA (ha)												
Proprietário	6.771.570	6.490.375	- 4,2	67.895	78.014	14,9	1.461.210	1.470.699	0,6	1.529.105	1.548.713	1,3
Arrendatário	256.662	343.332	33,8	2.625	2.414	- 8,0	99.578	127.414	28,0	102.203	129.828	27,0
Parceiro	165.674	190.850	15,2	1.930	2.870	48,7	80.859	96.212	19,0	82.789	99.082	19,7
Ocupante	279.871	283.648	1,3	2.361	3.065	29,8	87.347	88.554	1,4	89.708	91.619	2,1
Outra Condição	-	30.439	-	-	221	-	-	3.663	-	-	3.884	-
TOTALS	7.473.778	7.399.999	- 1,0	74.813	87.081	16,4	1.728.996	1.794.901	3,8	1.803.805	1.873.126	3,8

FONTE: Sinopse Preliminar do Censo Agropecuário de Santa Catarina, 1985.

ELABORAÇÃO: Instituto CEPA/SC.

3.3. UTILIZAÇÃO DAS TERRAS

A escassez de informações censitárias não permite mais do que algumas indicações acerca da evolução do uso das terras agrícolas catarinenses. Começa-se, então, por visualizar um aumento de 3,8% na área cultivada com lavouras (tabela 3, item 3.2). Tal aumento foi inteiramente matizado pela elevação, na mesma ordem de grandeza, do volume de áreas cultivadas com culturas temporárias, embora tenha ocorrido significativo crescimento da área de culturas permanentes (16,4%) (tabela 3, item 3.2).

A par desses, outros incrementos se verificaram, tais como os dos contingentes de animais e tratores (tabela 1). No que se refere ao primeiro item, afora a diminuição do rebanho suíno, verificou-se uma expressiva ascensão, da ordem de 25%, do contingente avícola. Já o efetivo de bovinos acusou aumento em menor escala (4,6% no rebanho e 7,2% no número de estabelecimentos (tabela 1).

Ademais, a frota de tratores agrícolas cresceu 37,4% nesse quinquênio, de forma a reduzir a proporcionalidade de seu uso em relação à área cultivada (de 54,5 a 41,2 ha de área de lavouras permanentes e de 52,2 a 39,5 ha de área de lavouras temporárias por trator) (tabela 1).

TABELA 1
EVOLUÇÃO DO CONTINGENTE BOVINO, SUÍNO, AVÍCOLA E DE TRATORES,
SEGUNDO GRUPOS DE ÁREA TOTAL, EM SANTA CATARINA - 1980-1985

INDICADOR	ANO	1980	1985	EVOLUÇÃO (%)
REBANHO BOVINO				
. Cabeças		2.615.629	2.734.930	4,6
. Informantes		186.057	199.541	7,2
EFETIVO DE SUÍNOS (cabeças)		3.896.822	3.175.633	-18,5
EFETIVO DE AVES (cabeças)		43.697.654	54.607.935	25,0
TRATORES		33.105	45.471	37,4
ÁREA DE LAVOURAS/TRATOR (ha)		54,5	41,2	-
ÁREA DE LAVOURAS TEMPORÁRIAS/TRATOR (ha)		52,2	39,5	-

FONTE: Sinopse Preliminar do Censo Agropecuário de Santa Catarina, 1985.

ELABORAÇÃO: Instituto CEPA/SC.

Essa mesma frota, por outro lado, cresceu em todos os estratos de área, mas de forma muito forte naqueles cuja área é inferior a 50 ha. Estes absorviam, em 1980, cerca de 64% e, em 1985, cerca de 70% do total de tratores agrícolas do estado (tabela 2).

TABELA 2
EVOLUÇÃO DO USO DE TRATORES E DO PESSOAL OCUPADO, SEGUNDO AS CLASSES DE ÁREA, EM SANTA CATARINA - 1980-1985

CLASSES DE ÁREA (ha)	TRATORES						PESSOAL OCUPADO				
	1980		1985			1980		1985			
	Absol.	% sobre nº total	Absol.	% sobre nº total	Evolução %	Absol.	% sobre nº total	Absol.	% sobre nº total	Evolução %	
0 - 10	2.744	8,3	5.210	11,5	89,9	228.935	27,4	275.810	31,2	20,5	
10 - 20	5.987	18,1	9.394	20,7	56,9	223.543	26,7	235.075	26,6	5,2	
20 - 50	12.598	38,1	17.192	37,8	36,5	254.455	30,4	241.192	27,3	- 5,2	
50 - 100	5.370	16,2	6.290	13,8	17,1	70.632	8,4	66.115	7,5	- 6,4	
100 - 200	2.410	7,3	2.915	6,4	21,0	25.574	3,1	26.513	3,0	3,7	
200 - 500	1.977	6,0	2.334	5,1	18,1	17.448	2,1	20.375	2,3	16,8	
500 - 1.000	939	2,8	1.044	2,3	11,2	7.109	0,8	8.691	1,0	22,3	
Mais de 1.000	1.078	3,3	1.089	2,4	1,0	8.682	1,0	9.605	1,1	10,6	
T O T A L	33.105	100,0	45.471	100,0	37,4	883.755	100,0	883.653	100,0	5,6	

FONTE: Censo Agropecuário de Santa Catarina, 1980.

Sinopse Preliminar do Censo Agropecuário de Santa Catarina, 1985.

ELABORAÇÃO: Instituto CEPA/SC.

3.4. PESSOAL OCUPADO

Lado a lado com as estimativas de decréscimo populacional rural (-2,4%) (5), permanece em ascensão o contingente de pessoal ocupado (5,6%) entre os dois censos (tabela 2, item 2.3). Tal ascensão, no entanto, não ocorreu de forma linear entre os vários estratos de área. Seu incremento mais vigoroso deu-se nos estabelecimentos rurais menores de 10 ha e naqueles de área superior a 200 ha. Mas, registrou-se também descenso desse contingente nos estabelecimentos entre 20 e 100 ha. Nos demais estratos, seu crescimento ficou em torno da média (tabela 2, item 3.3). Como não poderia deixar de ser, os estabelecimentos de área inferior a 50 ha concentram a esmagadora maioria desse contingente (em torno de 85% nos dois censos) (tabela 2, item 3.3).

(5) SANTA CATARINA. Gabinete de Planejamento e Coordenação Geral. Projeção da população residente total, urbana e rural segundo os municípios e microrregiões polarizadas do Estado de Santa Catarina, 1980-1990. Florianópolis, s.d.

3.5. CONCLUSOES

Embora nem o sumarismo das informações censitárias de 1985, em disponibilidade até o momento, nem a evolução em tão curto espaço de tempo confirmem uma base adequada a conclusões sólidas, algumas indicações delas podem ser extraídas. Todavia, tais indicações podem ser reforçadas ao se ter como referência as séries temporais correspondentes extraídas dos censos anteriores mais próximos (a partir de 1960, no caso).

Assim, tendo em conta as condições acima, é possível concluir, em primeiro lugar, a simples observação da evolução do índice de Gini, pela permanência de fortes taxas de concentração de terra. Mas não só. Visualiza-se, também, a continuidade de sua elevação, embora em ritmo lento.

Em segundo lugar, a comparação entre o crescimento do número e da área total dos estabelecimentos rurais do estado, sua área média e sua área mediana sugerem a ocorrência de fracionamento nos dois extremos da distribuição da posse da terra.

Em terceiro lugar, o exame da evolução dos estabelecimentos, de acordo com as diversas categorias de produtor, admite o crescimento das categorias de arrendatário e parceiro em níveis diferenciados. Em realidade, prosseguem em um ritmo mais compassado, elevando sua representatividade. Só que ambos reverteram a direção de seu movimento. Os primeiros, que nas duas últimas décadas vinham-se direcionando para os estabelecimentos de menor dimensão, passaram a fazê-lo para os maiores estabelecimentos. Já com os parceiros ocorreu justamente o inverso. Destaque-se, ainda, o aumento generalizado de todas as categorias de produtor nos menores estabelecimentos - especialmente nos de área inferior a 10 ha. Tais constatações estão a indicar tanto a proliferação de pequenos e mini produtores, como a ampliação da agricultura capitalista (via médio e grande arrendamento).

Em quarto lugar, a dinâmica dos dados de pessoal ocupado deixa explícita sua forte correlação com a evolução dos estabelecimentos de menos de 10 ha. Mas, por outro lado, mostra crescimento nos grandes estabelecimentos, notadamente nos de área entre 500 e 1.000 ha. Estes dados talvez reflitam duas faces do processo de minifundiarização do campo catarinense: o crescimento das categorias mão-de-obra familiar e assalariados temporários. Ou, dito de outro modo, pode ter ocorrido, no período em causa, um aumento do nível de subocupação e subemprego no meio rural deste estado.

Por fim, ao se observar alguns indicadores do ritmo de tecnificação no meio rural do estado, pode-se constatar, antes de mais nada, seu elevado patamar. Neste sentido, basta estabelecer a correlação entre a quantidade de terra cultivada por trator: 41,2 ha (tabela 1) - dado que a equipara não só a agricultura paulista, mas, também, a norte-americana. Porém, o desempenho do processo modernizante no decorrer do quinquênio em tela não foi decisivo para o alcance desta situação. Pelo contrário, sua contribuição mostrou-se tímida, com visível perda de impulso em relação à década de 1970. E o que se pode verificar, por exemplo, a partir dos números da frota de tratores, quintuplicada nessa década e acrescida em pouco mais de 1/3 no último quinquênio. O mesmo ocorre com a evolução do percentual de estabelecimentos possuidores de trator, que, depois de pular de 2,5% para 12,7% entre os censos de 1970 e 1980, alcançou, em 1985, 16,8% do número total (tabela 1). De modo similar cresceu a área de lavouras, no mesmo período, ou seja, apenas 1,4% no conjunto da área agrícola estadual (tabela 1).

Ademais, conquanto a Sinopse Preliminar de 1985 não forneça dados referentes às áreas de pastagens, é possível presumir seu desempenho de maneira análoga à supracitada, na medida em que o aumento do rebanho bovino foi de 4,6% com relação a 1980 e de 118% entre esta data e 1970(6).

(6) CENSO AGROPECUARIO. Santa Catarina. Rio de Janeiro, IBGE, 1970 e 1980.

TABELA 1
 ALGUNS INDICADORES DA MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA - SANTA CATARINA, 1960-1985

INDICADORES	1960	1970	1980	1985
Tratores (mil unidades)	1,1	6,1	33,1	45,5
Área de Lavouras (mil ha)	993,3	1.331,7	1.803,8	1.882,0
Estabelecimentos com trator (%)	0,6	2,5	12,7	15,8
Pessoal Ocupado/trator	520,2	125,9	25,3	19,4
Área Lavoura/total (%)	16,7	19,0	24,1	25,4
Crédito Investimento	-	100,0	236,7	325,8
Crédito Custeio	-	100,0	907,4	747,6
PIB Agrícola (US\$)	-	100,0	237,3	292,1

FONTE: Censos Agropecuários: 1960, 1970 e 1980.

Síntese Preliminar do Censo Agropecuário de Santa Catarina, 1985.

ELABORAÇÃO: Instituto CEPA/SC.

Por fim, e à guisa de conclusão, afirma-se que as causas principais do abrandamento do ritmo de modernização da agricultura catarinense, da mesma forma que da nacional, são:

1. a ampliação e o aprofundamento da crise ainda presente na economia nacional;
2. a redução, em consequência à primeira, dos incentivos creditícios e dos subsídios a esta finalidade (tabela 1);
3. um mais elevado patamar tecnológico da agricultura estadual que, a julgar pelas características contraditórias desse processo modernizador, já incorporou um contingente de agricultores próximo ao seu limite de absorção.

***AS CONDIÇÕES DE MANEJO
DOS RECURSOS NATURAIS***

4. AS CONDIÇÕES DE MANEJO DOS RECURSOS NATURAIS

4.1. INTRODUÇÃO

As condições de manejo dos recursos naturais de um espaço territorial qualquer não podem deixar de refletir a interação de três fatores fundamentais. São eles, as suas características físicas, químicas e biológicas, a dinâmica de ocupação e uso de seus solos e o padrão tecnológico progressivamente alcançado pela produção de bens e serviços, quer no meio urbano, quer no rural. As consequências de maior impacto, ou seja, aquelas que se fazem sentir com maior amplitude e magnitude, manifestam-se preponderantemente em duas direções: a da degradação dos solos e a da poluição das águas.

4.2. A DEGRADAÇÃO DOS SOLOS

Exprime-se através de um somatório de fenômenos onde ganham relevo tanto os diferentes níveis de perda das camadas superficiais do solo, quanto sua compactação. Entre seus fatores causais figuram, basicamente, o processo predatório de desmatamento e o manejo inadequado dos solos agrícolas.

4.2.1. O DÊSMATAMENTO

O processo predatório de desmatamento verificado no território catarinense, intensificado nas últimas décadas, vem-se mostrando devastador. Seu ritmo é de tal monta que, hoje, coloca em questão a estimativa oficial de permanência de 30% de áreas de matas naturais no estado. Algumas estimativas atuais calculam que as áreas de cobertura florestal representam apenas cerca de 15% de área total.

Para tal vem concorrendo de forma decisiva, de um lado, a expansão potenciada da área de produção agrícola. Esta resulta, em última análise, da confluência de dois fatores: o elevado patamar alcançado pelo processo de tecnificação da produção agrícola e a fortemente concentrada estrutura fundiária estadual.

De outro lado, esse mesmo processo vem sendo provocado pela acentuada e crescente demanda daquela parcela do parque industrial urbano que utiliza a madeira como fonte de energia e/ou matéria-prima.

Além destes, e em menor escala, outros fatores intervêm nesse sentido. Entre eles:

. o desenvolvimento da malha viária - notadamente a municipal;

- . a mais recente intensificação da derrubada de matas, predominantemente de médias e grandes propriedades, após a promulgação do 3º Plano Nacional de Reforma Agrária; e
- . a prática de agricultura itinerante, ainda persistente no interior de muitas propriedades rurais, especialmente nas de menor porte.

Para se ter uma idéia das proporções alcançadas pela atividade de derrubada das matas, basta considerar apenas uma das finalidades mencionadas - a do consumo de lenha e madeira pelo setor industrial e energético agrícola deste estado. Estimando-o em 22,88 milhões de metros estéreos (mst), em 1985, e considerando um rendimento médio de 210 mst/ha/ano, chega-se ao total de área desmatada: 1.092 km² ou 1,14% da superfície estadual(7).

4.2.2. MANEJO INADEQUADO DOS SOLOS AGRICOLAS

Como é de todo evidente, o conjunto de práticas caracterizadoras da atividade produtiva agrícola desta unidade federativa, em seu presente estágio de desenvolvimento, ampliou substancialmente o elenco de tecnologias disponíveis. Sua incidência sobre a capacidade produtiva dos solos agrícolas estaduais atinge, igualmente, grande pujança. E o vem fazendo essencialmente por duas formas. A primeira, a da utilização de tecnologias de baixa produtividade, de base diversificada e difundida pela tradição, vem provocando perdas de variada monta, principalmente pelo desnudamento indiscriminado dos solos, em geral declivosos. A segunda forma é a da aplicação em escala mais acentuada de tecnologias de elevado padrão. Sua base, essencialmente química e mecânica, desenvolvida para condições edafoclimáticas e sociais bastante distintas das aqui vigentes, e manipuladas por agricultores em sua maioria

(7) INSTITUTO CEPA/SC. Projeto de recuperação, conservação e manejo de recursos naturais em microbacias hidrográficas. Florianópolis, 1988. p. 14

insuficientemente informados a seu respeito, vem acarretando um grau especialmente intenso de degradação dos solos agrícolas. Não é por outra razão que se estima a perda atual de solo/ha/ano, neste estado, em 12 milhões de t(8).

Além dessas duas, uma terceira "fonte" de erosão vem se destacando: o desenvolvimento da malha viária, notadamente a de estradas vicinais, cujo traçado, via de regra, não leva na devida conta as condições topográficas e físicas dos solos.

O outro tipo de degradação, cada vez mais relevante à medida que se moderniza a produção agrícola, é a compactação dos solos. Deriva diretamente do uso inadequado de máquinas agrícolas, ocasionando a instabilização de agregados, a diminuição das taxas de infiltração da água, menor aeração e maior escoamento superficial da água das chuvas.

A agravar este quadro, pode-se agregar a inobservância, em linhas gerais, da aptidão natural desses solos, de cujo total estadual cerca de 40% possui condições adversas de relevo para culturas temporárias. Tal comportamento tem por trás de si a estrutura fundiária do estado, compelindo grande número de minifundiários e pequenos produtores à exploração máxima da área de sua unidade de produção.

(8) INSTITUTO CEPA/SC. Programa de recuperação, conservação e manejo de recursos naturais em microbacias hidrográficas. Florianópolis, 1987. p. 19.

4.3. A POLUIÇÃO DOS RECURSOS HIDRICOS

Toda esta situação, como não poderia deixar de ser, vem interferindo na qualidade e, em alguns casos, na disponibilidade dos recursos hídricos, notadamente os superficiais. Assim, os processos de desmatamento e manejo inadequados dos solos, além de concorrerem para o assoreamento da rede fluvial, ainda contribuem fortemente para sua poluição com elementos químicos (adubos químicos e agrotóxicos) ou orgânicos (dejetos de animais confinados - suínos e aves, principalmente).

Mas o quadro de degradação das águas se completa ao se considerar a poluição de origem urbana. Esta compromete as condições naturais de disponibilidade dos recursos hídricos, em primeiro lugar, através do despejo de rejeitos da mineração de carvão, contendo sais de enxofre, além dos de níquel e cádmio. Em segundo lugar, as alterações verificadas nos cursos d'água estaduais têm sua origem nos despejos industriais propriamente ditos (metais pesados e despejos de indústrias de papel e celulose, de frigoríficos e curtumes, de óleos vegetais e industriais, além de efluentes de tinturarias das indústrias têxteis e de fecularias, entre outros). Em terceiro lugar, ocorrem, ainda, a poluição e a contaminação provocadas pelo despejo, nesses cursos d'água, do esgoto doméstico.

Em resumo, nos termos da breve exposição empreendida, pode-se inferir da total impropriedade quanto à forma como se vem procedendo ao manejo dos recursos naturais em território catarinense. Na realidade, tal impropriedade já alcança um ponto tão elevado que está afetando os níveis de oscilação da precipitação pluviométrica, ampliando seus extremos. Ou, por outra, já se faz sentir cada vez com mais intensidade a alternância de períodos chuvosos com outros de estiagem prolongada.

CRÉDITO RURAL

5. CRÉDITO RURAL

5.1. MUDANÇAS NO CRÉDITO

Em função da elevação descontrolada da inflação e dos encargos financeiros dos empréstimos agrícolas, já em fevereiro de 1987 o governo federal, reagindo a várias manifestações dos produtores rurais, divulgou uma série de medidas relativas ao crédito rural, que passaram a vigorar em março (quadro 1) (9).

Já em julho, entretanto, em consequência ao redirecionamento econômico imposto pelo Novo Plano Cruzado (12/06/87), as autoridades federais anunciaram novas medidas com vistas a amenizar a situação dos produtores rurais, violentamente deteriorada com os empréstimos contraídos a partir do Plano Cruzado. Elas foram implementadas pelas Resoluções nº 1.349, 1.350, 1.351, 1.352, de 01/07/87; nº 1.354, 1.355 e 1.356, de 02/07/87; e nº 1.357, de 10/07/87. Não resolveram os problemas fundamentais da agricultura, mas deram um novo impulso positivo à situação de muitos produtores rurais, já parcialmente amenizada pelas medidas de março. Geraram diferentes interpretações, criando problemas entre agricultores e instituições financeiras. Por fim, definiram com uma antecedência adequada a maioria das regras para a safra 1987/88.

Devido ao fato de a correção monetária dos créditos rurais concedidos durante a vigência das Resoluções nº 1.266 de 27/02/87 e nº 1.323, de 26/05/87, ter permanecido sob critérios diferentes dos estabelecidos pela Resolução nº 1.350, de 01/07/87, que decorreu do Decreto-Lei nº 2.335, de 12/06/87, o Conselho Monetário Nacional aprovou, em 27/07/87, voto do Ministério da Agricultura com a seguinte sugestão:

(9) LERNER, E. Alternativas ao Crédito Rural. Gazeta Mercantil, São Paulo, 30 set. 1988. Relatório da Gazeta Mercantil, p. 2, c. 3-8

"Facultar aos mutuários de operações formalizadas sob as condições das Resoluções nº 1.260 e 1.323, optar, a partir de 01/08/87, pelas condições da Resolução nº 1.350; essa opção deve ser formalizada até 30/10/88".

Como consequência, produtores que tomaram empréstimos com taxas de juros de 10% ao ano mais a menor variação entre o Índice de Preços Recebidos pelos Produtores (IPR) e a Letra do Banco Central (LBC) puderam optar por taxas de juros de 7% a 9% - dependendo da categoria - mais a variação da OTN.

QUADRO 1

AS MUDANÇAS NOS JUROS DO CRÉDITO RURAL (Encargos financeiros em taxas anuais)

ATÉ FEVEREIRO DE 1987	A PARTIR DE MARÇO DE 1987	A PARTIR DE JULHO DE 1987																																				
CRÉDITO DE INVESTIMENTO																																						
<table border="1"> <thead> <tr> <th colspan="4">Sudam/Sudene/Vale Jequitinhonha/ Esp.Santo</th> </tr> <tr> <th>Produtor</th> <th>Investim. em geral</th> <th>Café, cana, cacau, seringa</th> <th>Demais regiões</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Mini e peq.</td> <td>3</td> <td>8</td> <td>10</td> </tr> <tr> <td>Médio</td> <td>6</td> <td>8</td> <td>10</td> </tr> <tr> <td>Grande</td> <td>8</td> <td>8</td> <td>10</td> </tr> </tbody> </table>	Sudam/Sudene/Vale Jequitinhonha/ Esp.Santo				Produtor	Investim. em geral	Café, cana, cacau, seringa	Demais regiões	Mini e peq.	3	8	10	Médio	6	8	10	Grande	8	8	10	<p>Sudam/Sudene/Vale do Jequitinhonha/Espírito Santo Demais regiões é café, cacau, cana e seringa nas regiões acima</p> <p>Fator de atualização mensal do saldo devedor: o mesmo índice aplicável aos depósitos em caderneta de poupança: Março: 16,8200; Abril: 19,6074; Maio: 14,5151; Junho: 20,9600; Julho: 23,4434.</p>	<p>Qualquer região</p> <p>Qualquer tipo de beneficiário - 7</p> <p>Atualização monetária; com base na variação mensal da OTN</p>																
Sudam/Sudene/Vale Jequitinhonha/ Esp.Santo																																						
Produtor	Investim. em geral	Café, cana, cacau, seringa	Demais regiões																																			
Mini e peq.	3	8	10																																			
Médio	6	8	10																																			
Grande	8	8	10																																			
CRÉDITOS DE CUSTEIO																																						
<table border="1"> <thead> <tr> <th colspan="4">Sudam/Sudene/Vale Jequitinhonha/Esp.Santo</th> </tr> <tr> <th>Produtor</th> <th>Custeio em geral</th> <th>Café, cana, cacau, seringa</th> <th>Demais regiões</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Mini e peq.</td> <td>3</td> <td>8</td> <td>10</td> </tr> <tr> <td>Médio</td> <td>6</td> <td>8</td> <td>10</td> </tr> <tr> <td>Grande</td> <td>8</td> <td>8</td> <td>10</td> </tr> </tbody> </table>	Sudam/Sudene/Vale Jequitinhonha/Esp.Santo				Produtor	Custeio em geral	Café, cana, cacau, seringa	Demais regiões	Mini e peq.	3	8	10	Médio	6	8	10	Grande	8	8	10	<table border="1"> <thead> <tr> <th>Produtor</th> <th>Sudam/Sudene/Vale do Jequitinhonha/Espírito Santo</th> <th>Sudam/Sudene/Vale do Jequitinhonha/Espírito Santo</th> <th>Demais regiões</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Poqueno</td> <td>8</td> <td>3</td> <td>10</td> </tr> <tr> <td>Médio</td> <td>8</td> <td>16</td> <td>10</td> </tr> <tr> <td>Grande</td> <td>8</td> <td>8</td> <td>10</td> </tr> </tbody> </table> <p>Fator de atualização mensal do devedor: o menor dos índices de variação dos rendimentos produzidos pelas LEC (Letras do Banco Central) ou do IPR (Índice de Preços Recebidos pelos agricultores) - Março: 6,6769; Abril: 6,5186; Maio: 4,8050; Junho: 6,2070; Julho: 12,9984. Estas condições vigoram até 31/12/1987 para regiões Sudam/Sudene/Vale do Jequitinhonha e Espírito Santo.</p>	Produtor	Sudam/Sudene/Vale do Jequitinhonha/Espírito Santo	Sudam/Sudene/Vale do Jequitinhonha/Espírito Santo	Demais regiões	Poqueno	8	3	10	Médio	8	16	10	Grande	8	8	10	<p>Qualquer região</p> <p>Mini/poquenos produtores e suas cooperativas (70% do quadro social) - 7</p> <p>Médios/Grandes produtores e suas cooperativas - 9</p> <p>Atualização monetária; com base na variação mensal da OTN</p> <p>(Nas regiões Sudam/Sudene/Vale do Jequitinhonha e Espírito Santo estes encargos só vigorarão a partir de 19 de janeiro de 1988).</p>
Sudam/Sudene/Vale Jequitinhonha/Esp.Santo																																						
Produtor	Custeio em geral	Café, cana, cacau, seringa	Demais regiões																																			
Mini e peq.	3	8	10																																			
Médio	6	8	10																																			
Grande	8	8	10																																			
Produtor	Sudam/Sudene/Vale do Jequitinhonha/Espírito Santo	Sudam/Sudene/Vale do Jequitinhonha/Espírito Santo	Demais regiões																																			
Poqueno	8	3	10																																			
Médio	8	16	10																																			
Grande	8	8	10																																			
COMERCIALIZAÇÃO (EGF) - GERAL																																						
<table border="1"> <thead> <tr> <th colspan="2">Produto</th> </tr> <tr> <th>In natura</th> <th>Industrial., beneficiado</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>10</td> <td>15</td> </tr> </tbody> </table>	Produto		In natura	Industrial., beneficiado	10	15	<table border="1"> <thead> <tr> <th colspan="2">Produto</th> </tr> <tr> <th>In natura</th> <th>Industrializado, beneficiado</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>10</td> <td>15</td> </tr> </tbody> </table> <p>Fator de atualização mensal do saldo devedor: o menor dos índices de variação dos rendimentos produzidos pelas LEC (Letras do Banco Central) ou do IPR - iguais aos da tabela acima.</p>	Produto		In natura	Industrializado, beneficiado	10	15	<p>Qualquer região</p> <p>Produtores rurais/cooperativas/beneficiários - 7</p> <p>Indústrias - 12</p> <p>Atualização monetária; com base na variação mensal da OTN</p>																								
Produto																																						
In natura	Industrial., beneficiado																																					
10	15																																					
Produto																																						
In natura	Industrializado, beneficiado																																					
10	15																																					
COMERCIALIZAÇÃO - EGF PARA SOJA PARA INDÚSTRIA																																						
<table border="1"> <thead> <tr> <th colspan="2">Produto</th> </tr> <tr> <th>In natura</th> <th>Industrial., beneficiado</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>10</td> <td>15</td> </tr> </tbody> </table>	Produto		In natura	Industrial., beneficiado	10	15	<p>Fator de atualização do saldo devedor: índice de variação dos rendimentos produzidos pelas LEC (Letras do Banco Central) - (Prazo para contratação expirou em 30/6/1987).</p>	<p>Mesmas condições acima</p>																														
Produto																																						
In natura	Industrial., beneficiado																																					
10	15																																					
COMERCIALIZAÇÃO DESCONTO NPR (NOTA PROMISSÓRIA RURAL)																																						
<p>(Taxa cobrada no ato do desconto - valor ao mês equivalente)</p>	<p>Será divulgada periodicamente pelo Banco Central e terá por base a variação das LEC e as taxas de juros dos empréstimos do Governo Federal (EGF), em juros por mês: Março: 10,84; Abril: 11,4/12,44; Maio: 13,5/13,64; Junho: 14,32/14,784.</p>	<p>Será divulgada periodicamente pelo Banco Central e terá por base as taxas de juros e a atualização dos NF formalizados com indústrias.</p>																																				
COOPERATIVAS																																						
<p>Adiantamento para cooperado - 10</p>	<p>Fator de atualização mensal do saldo devedor: o menor dos índices de variação dos rendimentos produzidos pela LEC ou IPR.</p>	<p>Qualquer região</p> <p>Atualização monetária; com base na variação mensal da OTN</p>																																				
<p>Aquisição de insumos para venda a cooperados Sudam/Sudene/Vale Jequitinhonha/Espírito Santo</p> <table border="1"> <thead> <tr> <th>Demais regiões</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>8</td> </tr> <tr> <td>10</td> </tr> </tbody> </table>	Demais regiões	8	10	<p>Encargos financeiros do custeio agrícola ou investimentos conforme a natureza do bem adquirido</p>	<p>Encargos financeiros idênticos aos incidentes nos custeios e investimentos</p>																																	
Demais regiões																																						
8																																						
10																																						

FONTE: FEBRABAN

5.2. UTILIZAÇÃO DOS RECURSOS

No contexto nacional, Santa Catarina, em geral, toma aproximadamente 4% do valor dos financiamentos concedidos. Analisando-se em termos de número de contratos, a participação do estado sobe para aproximadamente 8%, o que é explicado pelo grande número de mini e pequenos produtores. Esses percentuais vem se mantendo, com pequenas variações, nos anos 80 (tabela 1).

Em 1987, o número dos contratos de crédito concedido aos produtores rurais caiu sensivelmente (33%) em relação a 1986 (ano do Plano Cruzado). Decresceu também, em valores reais, o volume de recursos tomados (23,5%). Isso pode ser creditado ao aumento dos encargos financeiros (tabela 2 e gráfico 1 e 1A). Em termos relativos, o maior decréscimo ocorreu nos investimentos (61,2% no número de contratos e 52,1% no valor). Quanto ao custeio, as reduções foram de 25,5% e 17,2% no número de contratos e no valor. Já no caso da comercialização, aumentou o número de contratos, o que seria explicado pelo fato de que 1987 foi um ano em que os preços da maioria dos produtos estiveram baixos e as relações de troca, defasadas (tabelas 3, 4 e 5 e gráficos 2, 2A, 3, 3A, 4 e 4A).

Tomando-se por base os dados do Banco do Brasil (que representa aproximadamente 75% do total do crédito rural do país), observa-se que em 1987 a participação relativa dos miniprodutores no total do crédito utilizado no estado diminuiu sensivelmente, por conta da insegurança em relação à política econômica (encargos financeiros) (tabela 6 a 13).

Em termos de financiamento de custeio para a atividade agrícola, observa-se que o milho foi a cultura mais beneficiada em número de contratos (45.885), seguida de perto pelo fumo (43.357). O alho foi a cultura que apresentou a variação positiva mais expressiva em termos relativos (60%) e o feijão, a maior variação negativa (56%) (tabela 14).

Os financiamentos de investimentos efetuados em 1987 destinaram-se, em primeiro lugar, à construção ou reforma de depósitos, galpões ou paióis (9.142 contratos), seguida da compra de máquinas e implementos (1.728 contratos), de animais de serviços (1.242 contratos) e de tratores (1.210 contratos).

Dos 2.081 contratos efetuados e destinados à comercialização na atividade agrícola, destacam-se os EGF para o arroz (1.040 contratos), o milho (382) e o feijão (211).

No custeio da atividade pecuária destacam-se, em 1987, o custeio da criação de suínos (6.331 contratos) e a bovinocultura (com 371 contratos). Os investimentos destinam-se, em primeiro lugar, às granjas avícolas (290 contratos) e, em seguida, à aquisição de máquinas e implementos (229). Por fim, os empréstimos para comercialização pecuária destinam-se, em grande parte (16 dos 24 contratos efetuados em 1987), aos EGF de carcaça, carrê, lombo, paleta e pernil congelado de suínos.

TABELA 1

PERCENTUAIS DO NÚMERO DE CONTRATOS E VALORES DOS FINANCIAMENTOS CONCEDIDOS A PRODUTORES E COOPERATIVAS, SEGUNDO AS REGIÕES GEO-ECONÔMICAS E AS UNIDADES DA FEDERAÇÃO, 1983-86 (%)

UNIDADE DA FEDERAÇÃO	1983		1984		1985		1986	
	NUM.	VALOR	NUM.	VALOR	NUM.	VALOR	NUM.	VALOR
RONDÔNIA	0.34	0.22	0.39	0.20	0.47	0.22	0.44	0.28
ACRE	0.15	0.17	0.06	0.30	0.04	0.10	0.07	0.12
AMAZONAS	0.33	0.56	0.23	0.23	0.11	0.20	0.14	0.21
RORAIMA	0.10	0.07	0.05	0.02	0.02	0.02	0.05	0.05
PARÁ	1.18	1.26	0.85	0.84	0.58	0.75	0.99	1.14
AMAPÁ	0.02	0.01	0.01	0.01	0.00	0.00	0.00	0.02
NORTE	2.12	2.29	1.59	1.60	1.22	1.29	1.60	1.62
MARANHÃO	2.04	0.68	1.56	0.69	2.24	0.96	2.10	1.11
PIAUI	3.51	0.53	2.99	0.61	4.00	0.63	3.28	0.59
CEARÁ	4.46	2.18	3.53	1.70	7.46	2.02	5.66	1.75
R.G.DO NORTE	1.51	0.51	1.58	0.57	3.04	0.63	1.69	0.58
PARAÍBA	2.42	1.38	2.61	0.87	4.70	0.98	2.78	0.70
PERNAMBUCO	4.04	2.21	4.37	3.05	6.44	2.22	4.06	1.95
ALAGOAS	1.73	1.55	1.45	1.20	2.04	1.52	1.72	1.39
FERN.NORONHA	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00
SERGIPE	1.78	0.57	1.68	0.61	2.14	0.64	1.53	0.57
BAHIA	10.13	4.64	8.97	4.39	10.30	4.97	8.70	5.35
NORDESTE	31.62	14.25	28.74	13.69	42.36	14.57	31.52	14.19
MINAS GERAIS	8.87	8.69	10.06	9.12	7.68	8.02	9.56	9.81
ESPIRITO SANTO	1.89	1.94	2.36	1.75	2.40	1.63	1.83	1.43
RIO DE JANEIRO	1.03	1.63	0.89	1.34	0.45	0.60	0.74	1.01
SÃO PAULO	10.85	20.58	12.77	18.75	7.32	15.98	9.05	15.98
SUDESTE	22.64	32.84	26.10	30.96	17.85	26.23	21.18	28.23
PARANÁ	11.07	15.92	13.41	17.97	12.20	17.32	15.66	18.24
SANTA CATARINA	9.79	3.90	8.32	4.07	7.82	4.70	8.55	4.52
RIO G. DO SUL	16.64	19.70	15.42	16.71	13.06	19.65	14.78	14.89
SUL	37.50	39.52	37.15	40.75	33.08	41.67	38.99	37.65
MATO GROSSO	1.21	2.74	1.18	3.09	1.25	4.68	1.37	5.06
GOIÁS	3.63	4.98	3.67	5.93	2.99	7.20	3.35	7.61
DIST. FEDERAL	0.07	0.27	0.06	0.24	0.04	0.15	0.13	0.17
MATO G. DO SUL	1.21	3.11	1.51	3.74	1.21	4.21	1.66	5.25
CENTRO-OESTE	6.12	11.10	6.42	13.00	5.49	16.24	6.71	18.11
BRASIL	100	100	100	100	100	100	100	100

FONTES: Banco Central do Brasil.

ELABORAÇÃO: Instituto CEPA/SC.

TABELA 2
 NÚMERO E VALOR DOS CONTRATOS DE CRÉDITO CONCEDIDO A PRODUTORES
 E COOPERATIVAS, SEGUNDO AS ATIVIDADES, EM SANTA CATARINA - 1970-87

A N O	ATIVIDADE								
	TOTAL			AGRÍCOLA			PECUÁRIA		
	NUM. DE CONTRATOS	VL. COR- RENTE(Cz\$)	VL. REAL(1) (Mil Cz\$)	NUM. DE CONTRATOS	VL. COR- RENTE(Cz\$)	VL. REAL(1) (Mil Cz\$)	NUM. DE CONTRATOS	VL. COR- RENTE(Cz\$)	VL. REAL(1) (Mil Cz\$)
70	74254	222535	7,220,943	49813	133606	4,335,324	24441	88929	2,885,619
71	58891	246053	6,472,939	48484	155537	4,193,997	17607	84516	2,278,942
72	68101	386644	8,750,215	43767	238412	5,480,597	24334	142232	3,269,618
73	72273	673807	13,479,931	49780	452576	9,054,066	22493	221231	4,425,865
74	87817	1375062	21,376,646	59847	906494	14,092,311	27970	468568	7,284,335
75	178820	2989786	36,346,945	134323	1933009	23,499,666	44497	1056777	12,847,279
76	172627	4541564	39,091,630	131713	2669789	22,960,278	40914	1871775	16,111,352
77	143091	5754825	34,703,070	110454	3677090	22,174,306	32637	2077735	12,529,564
78	164464	9013710	39,200,974	125141	6040020	26,268,281	39323	2973690	12,932,693
79	176289	16930908	47,842,615	126910	10839552	30,629,929	49379	6091356	17,212,686
80	202814	32820806	46,322,050	150556	21865337	30,888,141	52258	10935469	15,433,909
81	192076	57711724	38,010,632	162942	45735998	30,757,060	29134	11975726	8,053,571
82	202751	142304701	48,961,903	172753	121498081	41,803,097	29998	20806620	7,158,886
83	241883	221701780	29,968,470	216429	176764489	23,894,085	25454	44937291	6,074,354
84	131856	453689716	19,127,912	122679	388807416	16,392,424	9177	64882300	2,735,488
85	177839	2432543056	31,505,888	167458	2150472026	27,052,542	10381	282071830	3,653,356
86	258566	8457260575	45,903,481	241880	6701703926	36,374,845	16686	1755556649	9,520,637
87	173611	20567950176	35,115,491	163365	15655636874	26,729,081	10246	4912113302	8,386,410

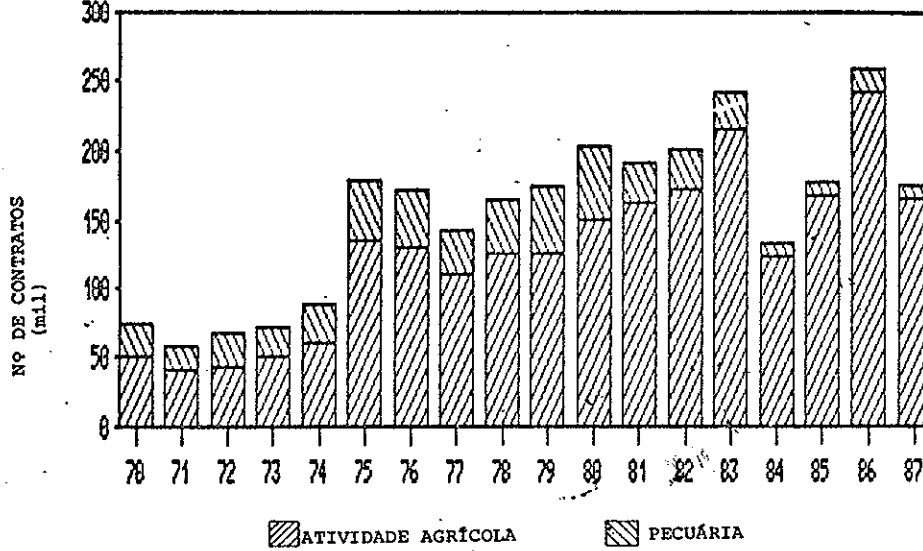
FORNTE : Banco Central do Brasil. Departamento de Crédito Rural

ELABORAÇÃO: Instituto CEPA/SC

(1)Valores Reais a preços de Dez/87, calculados através da Inflação Brasileira

GRÁFICO 1

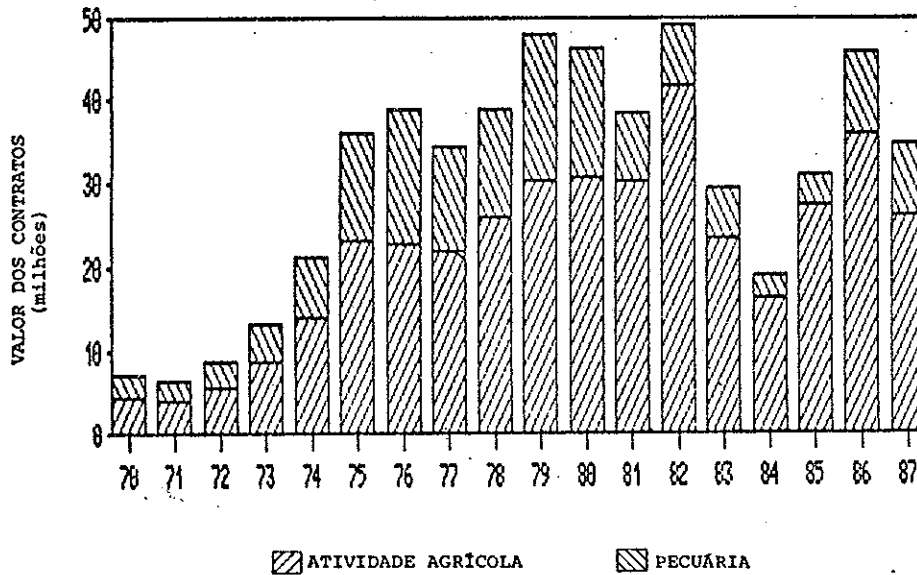
NÚMERO DE CONTRATOS DE CRÉDITO CONCEDIDO A PRODUTORES E COOPERATIVAS
SEGUNDO AS ATIVIDADES, SANTA CATARINA - 1970-87



FONTE: Banco Central do Brasil.
ELABORAÇÃO: Instituto CEPA/SC.

GRÁFICO 1A

VALOR DE DEZ/87⁽¹⁾ DOS CONTRATOS DE CRÉDITO CONCEDIDO A PRODUTORES E
COOPERATIVAS, SEGUNDO AS ATIVIDADES, SANTA CATARINA, 1970-87



FONTE: Banco Central do Brasil.
ELABORAÇÃO: Instituto CEPA/SC

(1) Valores calculados através da inflação brasileira.

TABELA 3
 NÚMERO E VALOR DOS CONTRATOS DE CRÉDITO CONCEDIDO A PRODUTORES
 E COOPERATIVAS, SEGURO A FINALIDADE, EM SANTA CATARINA - 1976-87

FINALIDADE											
N	TOTAL	CUSTEIO	INVESTIMENTO	COMERCIALIZAÇÃO	NUM. DE CONTRATOS	VL. REAL (1) (MIL CZ\$)	NUM. DE CONTRATOS	VL. REAL (1) (MIL CZ\$)	NUM. DE CONTRATOS	VL. REAL (1) (MIL CZ\$)	
0											
70	222535	7.220,943	36970	76125	2.470,147	33344	110638	3.590,045	3940	35772	1.160,750
71	248353	6.472,939	33097	98979	2.668,931	22997	112451	3.032,199	1997	28623	771,888
72	306644	8.750,215	38562	150861	3.467,981	27151	179027	4.115,459	2388	50756	1.166,775
73	673607	13.479,931	36843	268616	4.773,663	29919	309408	6.189,901	3511	125783	2.516,368
74	1375062	21.376,646	43042	528973	8.223,368	40623	670782	10.427,944	4152	175307	2.725,314
75	2969786	36.346,945	118428	1102408	13.402,017	50667	1170724	14.232,537	10325	716654	8.712,391
76	4541564	39.091,630	123324	1702136	14.651,180	34063	1499984	12.911,151	15240	1339444	11.529,299
77	5754825	34.703,870	99475	2366434	14.270,533	31820	1539369	9.283,034	11796	1849022	11.150,334
78	9013710	39.200,974	103178	3956733	17.207,985	43710	2419134	10.520,907	12576	2637843	11.472,081
79	16930908	47.842,615	110311	7914860	22.365,463	51050	4300585	12.378,464	14128	4635463	13.098,687
80	32820806	46.322,050	146958	17498650	24.696,936	38408	5062534	7.145,070	17448	10259622	14.480,044
81	57711724	38.810,632	139676	34212116	23.007,350	43298	8763178	5.893,161	9102	14736430	9.910,121
82	142304701	48.961,903	139915	73832096	25.402,955	55612	21579389	7.424,688	7224	46893216	16.134,260
83	221701790	29.968,470	205239	144712978	19.561,532	34864	29237070	3.952,220	1780	47750932	6.454,717
84	453639716	19.127,912	104588	309224510	13.037,146	25455	74820399	3.154,482	1893	69644907	2.936,284
85	2432543656	31.505,888	134420	1412510313	18.294,590	41267	446013689	5.776,692	1452	574019854	7.434,606
86	6457269575	45.903,481	200914	5727576807	31.087,574	56335	1752385466	9.541,484	1317	977298302	5.304,483
87	20567950176	35.115,491	149609	15079039448	25.745,685	21894	2671255022	4.560,612	2105	2816855806	4.809,195

FORNE: Banco Central do Brasil, Departamento de Crédito Rural

ELABORAÇÃO: Instituto CEPA/SC

(1) Valores Reais a preços de Dez/87, calculados através da Inflação Brasileira

TABELA 4
 NÚMERO E VALOR DOS CONTRATOS DE CRÉDITO CONCEDIDO A PRODUTORES
 E COOPERATIVAS, SEGUNDO A FINALIDADE, EM SANTA CATARINA - 1970-87

N	FINALIDADE		TOTAL	CUSTEIO	INVESTIMENTO		COMERCIALIZAÇÃO					
	NUM. DE CONTRATOS:	VL. REAL (1) (Mil Czs)			NUM. DE CONTRATOS:	VL. REAL (1) (Mil Czs)	NUM. DE CONTRATOS:	VL. REAL (Mil Czs)				
70	49813	133606	4.335,324	31029	63256	2.852,567	17264	48354	1,569,018	1520	21996	713,739
71	40484	155537	4.193,997	28988	80581	2.172,836	10986	51797	1,396,687	510	23159	624,474
72	45767	238412	5.480,597	30637	107022	2.460,214	12453	88167	2.026,776	677	43233	993,837
73	49780	452576	9.054,066	32671	161073	3.222,366	15393	176735	3,535,694	1716	114768	2,296,006
74	59847	906494	14.092,311	34004	380179	5,910,244	24462	381332	5,928,168	1381	144983	2,253,899
75	134323	1933009	23,497,666	99821	695691	8,457,543	30961	714717	8,688,843	3541	522701	6,354,496
76	131713	2669789	22,980,278	105206	1050058	9,838,402	22621	873849	7,521,678	3886	745882	6,420,199
77	110454	3677890	22,174,306	86038	1357987	9,395,278	20858	985102	5,940,555	3558	1134001	6,836,474
78	125141	6040620	26,268,281	91099	2797153	12,164,927	30432	1658391	7,212,407	3610	1584476	6,690,948
79	126910	10839552	30,629,929	89837	5711934	16,140,588	33837	2564492	7,246,629	3236	2563106	7,242,712
80	156556	21885397	30,868,141	125070	13195042	18,622,986	22029	2630750	3,712,942	3457	6059545	8,552,214
81	162942	45735998	30,757,060	127700	27671069	18,608,553	32365	6188204	4,161,513	2877	1187625	7,936,994
82	172753	121498631	41,803,097	126340	62780714	21,600,574	43855	17054088	5,867,943	2558	41662558	14,334,580
83	216429	17674489	23,894,085	188796	114525694	15,480,975	26539	22622995	3,058,056	1094	39615600	5,355,054
84	122679	388807416	16,392,424	100763	268827990	11,333,997	21308	58457566	2,464,617	608	61521860	2,593,810
85	167458	2150472026	27,652,542	129829	1184502271	15,345,355	36188	394355501	5,111,510	1449	571014254	7,395,678
86	241830	6701703926	36,374,845	193918	4379139114	23,768,658	46649	1346317856	7,307,411	1392	976246956	5,298,777
87	163362	1565836874	26,729,081	142094	10960386291	18,712,577	19187	2022420561	3,452,862	2081	267303022	4,563,642

Fonte: Banco Central do Brasil, Departamento de Crédito Rural

Elaboração: Instituto CEPA/SC

(1) Valores Reais a preços de Dez/87, calculados através da Inflação Brasileira

TABELA 5
 NÚMERO E VALOR DOS CONTRATOS DE CRÉDITO CONCEDIDO A PRODUTORES
 E COOPERATIVAS, PARA A ATIVIDADE PECUÁRIA, EM SANTA CATARINA - 1970-87

N	FINALIDADE	TOTAL	CUSTEIO	INVESTIMENTO	COMERCIALIZAÇÃO	NUM. DE		VL. REAL (1)		NUM. DE		VL. REAL (1)	
						CONTRATOS	CR\$ 1000	CONTRATOS	CR\$ 1000	CONTRATOS	CR\$ 1000	CONTRATOS	CR\$ 1000
70		88929	2.885,619	5941	12869	417,581	16080	62284	2.021,027	2420	13776	447,012	
71		84516	2.278,942	4109	18398	496,095	12011	60654	1.635,512	1487	5464	147,335	
72		24334	3.269,618	7925	43839	1.007,768	14698	90860	2.088,683	17711	75533	1.736,347	
73		22473	4.425,865	6172	77543	1.551,296	14526	132673	2.654,206	1795	11015	270,362	
74		27970	7.294,335	9039	148794	2.313,144	16161	289450	4.499,775	2771	30324	471,415	
75		44497	10.567,77	18607	408717	4.944,474	19106	456107	5.344,911	6784	193953	2.357,894	
76		40914	18.111,352	18118	652078	5.612,778	11442	626135	5.389,473	11354	593562	5.109,100	
77		32637	20.773,5	13437	806447	4.863,194	10762	554267	3.342,449	8238	715021	4.311,859	
78		39233	29.736,90	17079	1189580	5.173,530	13278	760743	3.308,501	6965	1053367	4.561,134	
79		49379	6.091,356	20474	2.202.006	6.222,332	18013	1816093	5.131,836	10892	2072357	5.855,975	
80		52258	10.935,469	21888	4303608	6.073,950	16379	2431784	3.432,128	13991	4200077	5.927,831	
81		29134	11.973,726	8.053,571	6.541.047	4.398,797	10933	2574974	1.731,648	6225	2859705	1.923,127	
82		29998	20.806,620	7.158,806	11.051.382	3.802,381	11757	4524581	1.556,745	4666	5230657	1.799,680	
83		25454	4.493,7291	6.074,384	3.018,284	4.080,557	8325	6614875	894,164	686	8135132	1.099,664	
84		9177	6.456,300	3.745	4.039,6520	1.703,149	4147	1.636,2733	689,866	1285	8123047	342,474	
85		10381	28.071,930	3.653,346	4.591	2.277.0042	2.949,235	5787	51358188	665,182	3	3005600	38,928
86		16866	17.555,6649	9.528,657	6.996	15.464.37694	7.318,917	9686	40.606.7609	2.204,014	4	1051346	5,706
87		10246	4.912,1302	8.306,410	7.515	41.945.3657	7.033,108	2707	6.4883.4461	1.107,750	24	143825784	245,553

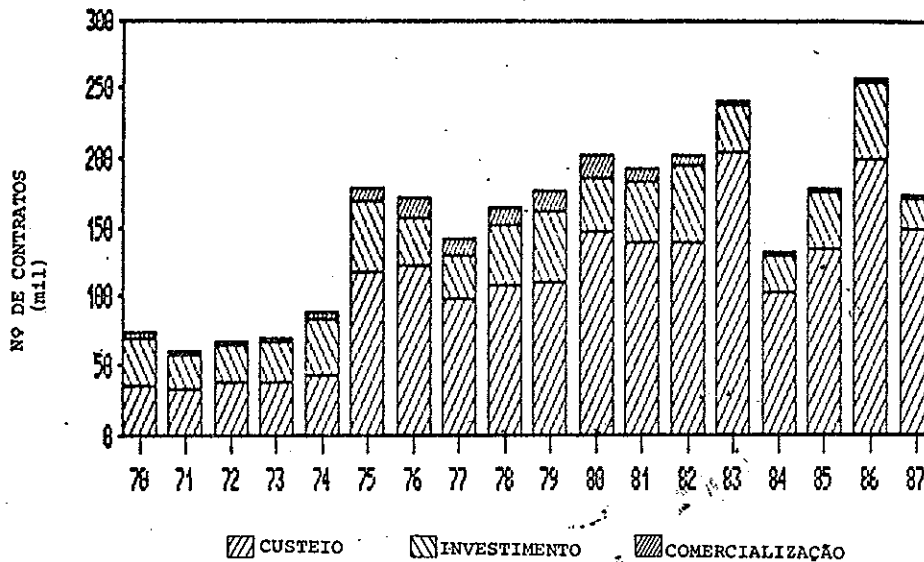
FONTE: Banco Central do Brasil, Departamento de Crédito Rural

ELABORAÇÃO: Instituto CEPA/SC

(1) Valores Reais a preços de Dez/87, calculados através da Inflação Brasileira

GRÁFICO 2

NÚMERO DE CONTRATOS DE CRÉDITO CONCEDIDO A PRODUTORES E COOPERATIVAS, SEGUNDO A FINALIDADE, SANTA CATARINA, 1970-87

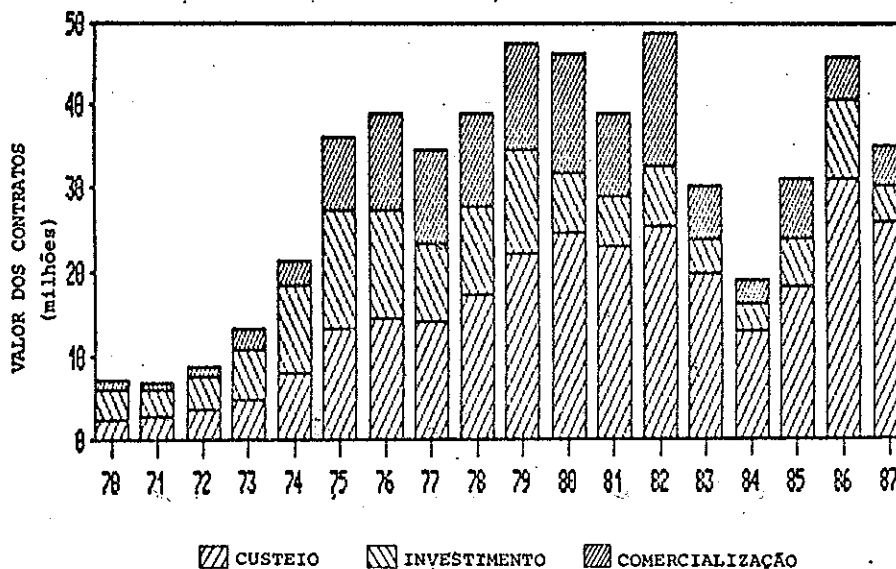


FONTE: Banco Central do Brasil

ELABORAÇÃO: Instituto CEPA/SC.

GRÁFICO 2A

VALOR DE DEZ/87⁽¹⁾ DOS CONTRATOS DE CRÉDITO CONCEDIDO A PRODUTORES E COOPERATIVAS, SEGUNDO A FINALIDADE, SANTA CATARINA, 1970-87



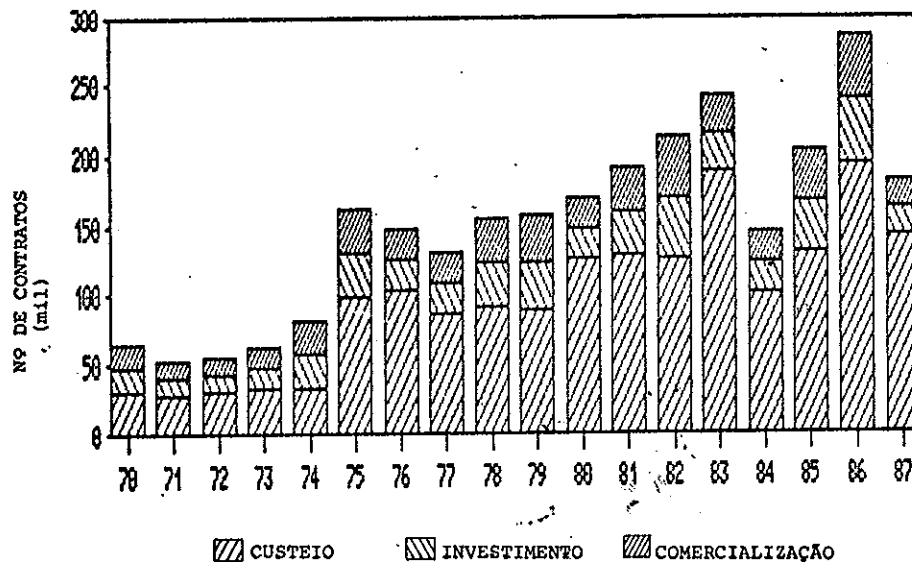
FONTE: Banco Central do Brasil.

ELABORAÇÃO: Instituto CEPA/SC.

(1) Valores calculados através da inflação brasileira.

TABELA 3

NÚMERO DE CONTRATOS DE CRÉDITO CONCEDIDO A PRODUTORES E COOPERATIVAS PARA A ATIVIDADE AGRÍCOLA, SEGUNDO A FINALIDADE, SANTA CATARINA, 1970-87

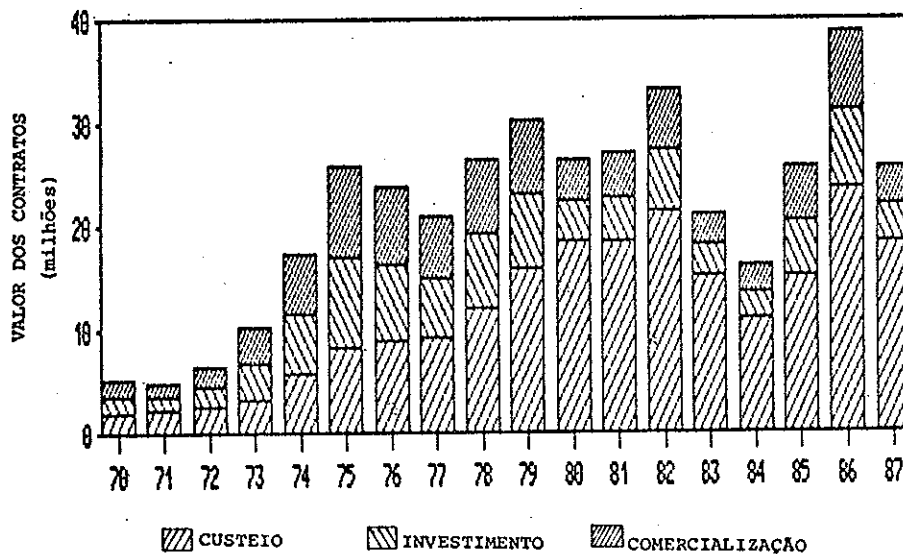


FONTE: Banco Central do Brasil.

ELABORAÇÃO: Instituto CEPA/SC.

GRÁFICO 3A

VALOR DE DEZ/87 (1) DOS CONTRATOS DE CRÉDITO CONCEDIDO A PRODUTORES E COOPERATIVAS PARA A ATIVIDADE AGRÍCOLA, SEGUNDA A FINALIDADE, SC, 1970-87



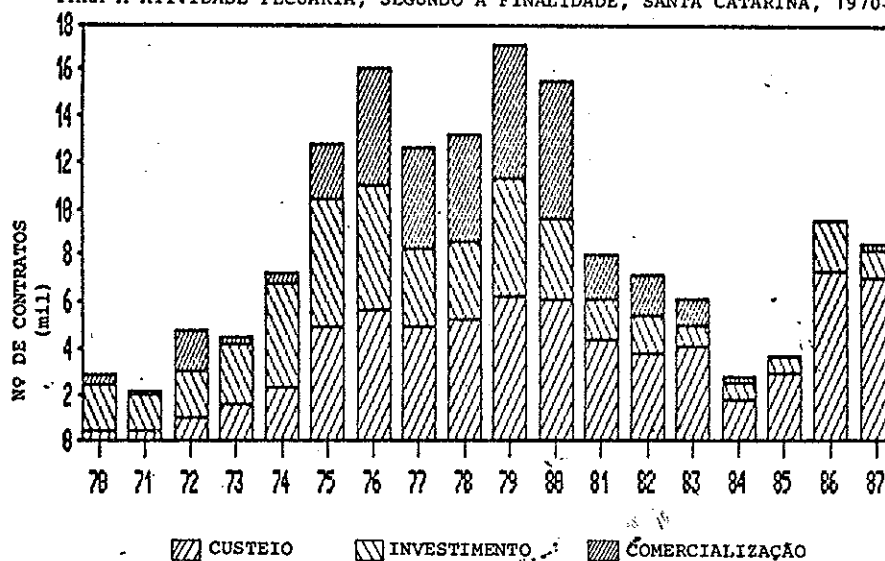
FONTE: Banco Central do Brasil.

ELABORAÇÃO: Instituto CEPA/SC.

(1) Valores calculados através da inflação brasileira.

TABELA 4

NÚMERO DE CONTRATOS DE CRÉDITO CONCEDIDO A PRODUTORES E COOPERATIVAS PARA A ATIVIDADE PECUÁRIA, SEGUNDO A FINALIDADE, SANTA CATARINA, 1970-87

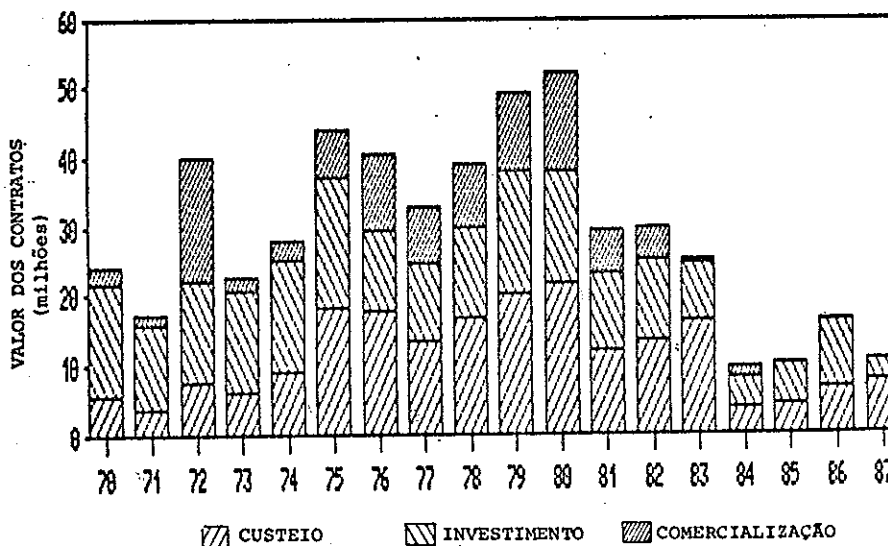


FONTE: Banco Central do Brasil.

ELABORAÇÃO: Instituto CEPA/SC.

TABELA 4A

VALOR DE DEZ/87⁽¹⁾ DOS CONTRATOS DE CRÉDITO CONCEDIDO A PRODUTORES E COOPERATIVAS PARA A ATIVIDADE PECUÁRIA, SEGUNDO A FINALIDADE, SC, 1970-87



FONTE: Banco Central do Brasil.

ELABORAÇÃO: Instituto CEPA/SC.

(1) Valores calculados através da inflação brasileira.

TABELA 6

NÚMERO E VALOR DOS CONTRATOS DE CRÉDITO CONCEDIDOS PELO BANCO DO BRASIL A ATIVIDADE AGRÍCOLA, SEGUNDO O PORTE DOS BENEFICIÁRIOS EM SC, 1982-88

BENEFICIÁRIOS	1986				1987				1988(2)						
	NUM CONTRATOS	VL CORR	VL REAL(1)	NUM CONTRATOS	VL CORR	VL REAL(1)	NUM CONTRATOS	VL CORR	VL REAL(1)	Quant	%	Mil Dzs	Mil Dzs		
	%	Mil Dzs	%	Quant	%	Mil Dzs	%	Quant	%	Mil Dzs	%	Mil Dzs	%		
Mini produtor	103704	60.8	1461203	7931251	26.3	56081	47.7	1974332	3370761	15.0	30004	61.7	5924745	3245551	23.9
Pequeno produtor	54736	32.1	1673430	9863196	30.2	49814	42.4	3627313	6192682	27.6	15829	32.6	6488024	3554113	26.1
Médio produtor	10030	5.9	955504	5186372	17.2	9188	7.8	2463335	4205631	18.7	1703	3.5	2115775	1159013	8.5
Grande produtor	2201	1.3	1459889	7924118	26.3	1812	1.5	2521691	4305262	19.2	393	0.8	2678071	1302677	9.6
Cooperativas	-	-	-	-	-	540	0.5	1805852	3083116	13.7	597	1.2	7198491	3943304	29.0
Outros beneficiários	-	-	-	-	-	185	0.2	772350	1318627	5.9	88	0.2	715652	392031	2.9
TOTAL	170671	100	5550026	30124936	100	117620	100	13164673	22476279	100	48614	100	24820758	13596709	100

FONTE DOS DADOS BÁSICOS: Banco do Brasil.

ELABORAÇÃO: Instituto CERA/SC.

(1) Valores calculados através da inflação brasileira.

(2) até junho

TABELA 7
 NÚMERO E VALOR DOS CONTRATOS DE CRÉDITO DE CUSTEIO CONCEDIDOS PELO BANCO DO BRASIL, À ATIVIDADE AGRÍCOLA, SEGUNDO O PORTE DE BENEFICIÁRIOS EM
 SANTA CATARINA, 1986-88

BENEFICIÁRIO	1986			1987			1988(2)		
	NUM. CONTRATOS	VL CORR Mil Czs	VL REAL(1) %	NUM. CONTRATOS	VL CORR Mil Czs	VL REAL(1) %	NUM. CONTRATOS	VL CORR Mil Czs	VL REAL(1) %
Mini produtor	90843	1195164	6487220 33.4	50629	1732624	2958095 19.2	50629	1732624	949124 19.2
Pequeno produtor	45932	1144892	6214349 32.0	43588	2928724	5000186 32.5	43588	2928724	1604343 32.5
Médio produtor	8518	611159	3317304 17.1	7822	1962120	3349911 21.8	7822	1962120	1074841 21.8
Grande produtor	1557	631864	3429689 17.6	1455	1926354	3288888 21.4	1455	1926354	1055249 21.4
Cooperativas	-	-	-	56	455812	778204 5.1	56	455812	249692 5.1
Outros beneficiários	-	-	-	-	-	-	-	-	-
TOTAL	146750	3583079	19448562 100	103550	9005634	15375245 100	103550	9005634	4933249 100

FORNE DOS DADOS BÁSICOS: Banco do Brasil.
 ELABORAÇÃO: Instituto CEPA/SC.
 (1) Valores calculados através da inflação brasileira.
 (2) até junho

TABELA B
 NÚMERO E VALOR DOS CONTRATOS DE CRÉDITO DE INVESTIMENTO CONCEDIDO PELO BANCO DO BRASIL A ATIVIDADE AGRÍCOLA, SEGUNDO O PORTE DO S BENEFICIÁRIOS,
 EM SANTA CATARINA, 1986-88

BENEFICIÁRIO	1986				1987				1988(2)						
	NUM CONTRATOS	VL CORR	VL REAL (1)	NUM CONTRATOS	VL CORR	VL REAL (1)	NUM CONTRATOS	VL CORR	VL REAL (1)	NUM CONTRATOS	VL CORR	VL REAL (1)			
	Quant	%	Mil Cz\$	Quant	%	Mil Cz\$	Quant	%	Mil Cz\$	Quant	%	Mil Cz\$			
Mini produtor	12814	55.9	264431	1465303	32.6	5340	43.0	232833	397514	15.4	8181	56.6	4815963	994777	32.9
Pequeno produtor	6524	37.2	338592	1637840	41.7	5641	45.4	591740	1010273	39.0	5648	39.0	2704409	1481464	49.0
Médio produtor	1349	5.9	142290	772335	17.5	1107	8.9	375549	641372	24.8	458	3.2	680909	372999	12.3
Grande produtor	218	1.0	66264	359674	8.2	196	1.6	246888	481510	16.3	83	0.6	235038	128753	4.3
Cooperativas	-	-	-	-	-	146	1.2	68806	117472	4.5	96	0.7	86062	47144	1.6
Outros beneficiários	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
TOTAL	22905	100	811577	4405152	100	12430	100	1515816	2587940	100	14466	100	5522381	3025137	100

FONTE DOS DADOS BÁSICOS: Banco do Brasil.

ELABORAÇÃO: Instituto CEPA/SC.

(1) Valores calculados através da inflação brasileira.

(2) até junho.

TABELA 9
 NÚMERO E VALOR DOS CONTRATOS DE CRÉDITO DE COMERCIALIZAÇÃO CONCEDIDO PELO BANCO DO BRASIL À ATIVIDADE AGRÍCOLA, SEGUNDO O PORTE DOS BENEFICIÁRIOS,
 EM SANTA CATARINA, 1986-88

BENEFICIÁRIO	1986			1987			1988(2)		
	NUM. CONTRATOS	VL CORR. (1)	VL REAL(1)	NUM. CONTRATOS	VL CORR. (1)	VL REAL(2)	NUM. CONTRATOS	VL CORR. (1)	VL REAL(1)
	Quant	%	Mil Czs	Quant	%	Mil Czs	Quant	%	Mil Czs
Mini produtor	47	4.6	2208	112	6.8	8875	79	5.4	13766
Pequeno produtor	380	37.4	189746	585	35.7	106849	518	35.5	493897
Médio produtor	163	16.0	202855	259	15.8	125666	233	16.0	340834
Grande produtor	426	41.9	761761	161	9.8	348449	64	4.4	928738
Cooperativas	-	-	-	338	20.6	1281234	476	32.6	6428884
Outros beneficiários	-	-	-	185	11.3	772350	88	6.0	715652
TOTAL	1016	100	1155970	1640	100	2643423	1458	100	8921971

FONTE DOS DADOS BÁSICOS: Banco do Brasil.
 ELABORAÇÃO: Instituto CENPA/SC.
 (1) Valores calculados através da inflação brasileira.
 (2) Até junho.

TABELA 10

NÚMERO E VALOR DOS CONTRATOS DE CRÉDITO CONCEDIDO PELO BANCO DO BRASIL, À ATIVIDADE PECUÁRIA, SEGUNDO O PORTE DOS BENEFICIÁRIOS EM SC, 1986-88

BENEFICIÁRIO	1986				1987				1988(2)						
	NUM CONTRATOS		VL CORR		VL REAL(1)		NUM CONTRATOS		VL CORR		VL REAL(1)				
	Quant	%	Mil Czs	%	Mil Czs	%	Quant	%	Mil Czs	%	Mil Czs	%			
Mini produtor	3060	36.7	66005	358268	12.1	2236	34.1	87060	148637	4.5	804	49.8	177429	97195	3.8
Pequeno produtor	3816	45.7	121902	661671	22.4	2723	41.5	349457	528333	16.0	601	37.2	247095	135358	5.3
Médio produtor	1224	14.7	50621	491861	16.7	1298	19.8	301175	514194	15.6	154	9.5	727456	398497	15.7
Grande produtor	245	2.9	264992	1435348	48.8	266	4.1	949842	1655803	50.2	34	2.1	1889519	1035071	40.7
Cooperativas	-	-	-	-	-	38	0.6	231668	395866	12.0	23	1.4	1599834	876382	34.5
Outros beneficiários	-	-	-	-	-	3	0.0	31320	53472	1.6	-	-	-	-	-
TOTAL	8345	100	543520	2950167	100	6564	100	1900722	6296306	100	1616	100	464133	2542503	100

FONTE DOS DADOS BÁSICOS: Banco do Brasil.

ELABORAÇÃO: Instituto CEPA/SC.

(1) Valores calculados através da inflação brasileira.

(2) Até Junho.

TABELA 11

NÚMERO E VALOR DOS CONTRATOS DE CRÉDITO DE CUSTEIO CONCEDIDO P/BANCO DO BRASIL À ATIVIDADE PECUÁRIA, SEGUNDO O PORTE DOS BENEFICIÁRIOS EM SC, 1986-88

BENEFICIÁRIO	1986				1987				1988(2)						
	NUM CONTRATOS		VL CORR		NUM CONTRATOS		VL CORR		NUM CONTRATOS		VL CORR		VL REAL		
	Quant	%	Mil Czs	Mil Czs	Quant	%	Mil Czs	Mil Czs	Quant	%	Mil Czs	Mil Czs	%	Mil Czs	
Mini produtor	1110	31.6	16069	87221	4.6	1636	30.5	52895	90307	3.7	329	43.0	60181	32967	1.4
Pequeno produtor	1723	49.1	47067	255475	13.6	2646	49.4	187243	319678	13.0	315	41.2	122189	66935	2.9
Médio produtor	544	15.5	44106	239403	12.7	868	16.2	176859	301950	12.3	90	11.8	626624	343262	14.8
Grande produtor	135	3.8	240106	1303269	69.1	196	3.7	796794	1368360	55.3	28	3.7	1857865	1017731	44.0
Cooperativas	-	-	-	-	-	10	0.2	226456	386626	15.7	3	0.4	1558408	853689	36.9
Outros beneficiários	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
TOTAL	3512	100	347348	1885367	100	5356	100	1440247	2458922	100	765	100	425267	2314584	100

FONTE DOS DADOS BÁSICOS: Banco do Brasil.

ELABORAÇÃO: Instituto CEPA/SC.

(1) Valores calculados através da inflação brasileira.

(2) Até junho.

TABELA 12
 NÚMERO E VALOR DOS CONTRATOS DE CRÉDITO DE INVESTIMENTO CONCEDIDO PELO BANCO DO BRASIL À ATIVIDADE PECUÁRIA, SEGUNDO O PORTE DOS BENEFICIÁRIOS EM SC, 1982-88

BENEFICIÁRIO	1986				1987				1988(2)						
	NUM CONTRATOS	VL CORR	VL REAL(1)	NUM CONTRATOS	VL CORR	VL REAL(1)	NUM CONTRATOS	VL CORR	VL REAL(1)	NUM CONTRATOS	VL CORR	VL REAL(1)			
	Quant	%	Mil Czs	Quant	%	Mil Czs	Quant	%	Mil Czs	Quant	%	Mil Czs			
Mini produtor	1950	40.4	49936	271047	26.0	600	27.3	34165	58330	10.1	475	55.8	117248	64228	28.2
Pequeno produtor	2093	43.3	74835	406196	38.9	1077	49.1	122214	208655	36.1	286	33.6	124906	68423	30.0
Médio produtor	680	14.1	46515	252478	24.2	430	19.6	124316	212244	36.7	64	7.5	108832	55235	24.2
Grande produtor	106	2.2	21077	114404	11.0	60	2.7	52380	89428	15.5	6	0.7	31654	17340	7.6
Cooperativas	-	-	-	-	-	28	1.3	5412	9240	1.6	20	2.4	41426	22693	10.0
Outros beneficiários	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
TOTAL	4829	100	123863	1044125	100	2195	100	338487	577896	100	851	100	416066	227919	100

FCNTE DOS DADOS BÁSICOS: Banco do Brasil.

ELABORAÇÃO: Instituto CEPA/SC.

(1) Valores calculados através da inflação brasileira.

(2) Até Junho.

TABELA 13
 QUANTIDADE E VALOR DOS CONTRATOS DE CREDITO DE COMERCIALIZACAO CONCEDIDO PELO BANCO DO BRASIL A ATIVIDADE
 PECUARIA, SEGUNDO O PORTE DOS BENEFICIARIOS EM SANTA CATARINA, 1986-87

BENEFICIÁRIO	1986		1987	
	NUM CONTRATOS	VL CORR ; VL REAL(1)	NUM CONTRATOS	VL CORR ; VL REAL(1)
	Quant ; % ; Mil Czs ; Mil Czs	% ; % ; Mil Czs ; Mil Czs	Quant ; % ; Mil Czs ; Mil Czs	% ; % ; Mil Czs ; Mil Czs
Mini produtor	-	-	-	-
Pequeno produtor	-	-	-	-
Medio produtor	-	-	-	-
Grande produtor	4	100,0 3809 20675 100,0	10	76,9 31320 206015 79,4
Cooperativas	-	-	-	-
Outros beneficiarios	-	-	3	23,1 53472 20,6
TOTAL	4	100,0 3809 20675 100,0	13	100 151988 259488 100

FONTE DOS DADOS BÁSICOS: Banco do Brasil.

ELABORACAO: Instituto DEPA/SC.

(1) Valores calculados através da inflação brasileira.

TABELA 14
 NÚMERO E VALOR DOS CONTRATOS DE CRÉDITO DE CUSTEIO CONCEDIDO AS PRINCIPAIS CULTURAS EM SANTA CATARINA, 1980-87

CULTURAS	1985		1986		1987	
	NUM. DE CONTRATOS: (Mil Czs)	VL. CORTEI VALOR REAL (1): (Mil Czs)	NUM. DE CONTRATOS: (Mil Czs)	VL. CORTEI VALOR REAL (1): (Mil Czs)	NUM. DE CONTRATOS: (Mil Czs)	VL. CORR VALOR REAL (1): (Mil Czs)
ALHO	368	6,649,260	930	84,806,913	1,489	361,250,752
ARROZ	5,298	134,038,776	6,714	360,796,290	6,797	1,204,900,815
BATATA-INGLESA	667	26,972,552	1,694	211,529,702	1,846	944,702,446
CEBOLA	1,630	8,625,262	4,144	120,304,117	2,993	168,913,720
FEIJAO	23,304	136,242,859	40,202	433,396,188	17,777	789,604,170
FUNGO	45,969	331,232,556	48,730	1,019,592,618	45,885	1,457,196,164
MANDIOCA	2,272	6,708,042	2,904	41,996,995	2,297	95,120,873
MILHO	29,732	228,423,251	56,793	989,013,912	43,357	2,260,626,786
SOJA	6,386	154,063,209	6,205	312,367,062	7,859	1,424,736,362
TRIGO	1,099	16,230,008	5,713	289,064,285	5,274	726,008,536

FONTE: Banco Central do Brasil, Departamento de Crédito Rural. Dados estatísticos.

ELABORACAO: Instituto CEPA/SC.

(1) Valores calculados através dos índices de inflação brasileira.

INSUMOS EMÁQUINAS AGRÍCOLAS

6. INSUMOS EM MÁQUINAS AGRÍCOLAS

6.1. FERTILIZANTES

A produção de nutrientes, no ano de 1987, apresentou um acréscimo de 1,7% em relação aos 2.140,5 mil t produzidas no ano anterior. Não obstante, para suprir a demanda interna, o setor teve que importar 1.899,8 mil t, o que representou um acréscimo de 11,5% sobre o volume importado em 1986.

Para reverter esta situação, o Plano Nacional de Fertilizantes prevê a implantação de 20 projetos industriais até 1991, envolvendo investimentos da ordem de 1,2 bilhão de dólares. O referido plano visa basicamente: reduzir a dependência dos insumos importados, priorizando os projetos que se utilizam de matérias-primas nacionais; minimizar a incidência dos custos do frete no preço final dos fertilizantes, através da regionalização da produção e aumentar a participação do setor privado na sua produção.

As vendas de fertilizantes, em 1987, apresentaram um desempenho satisfatório diante das expectativas. Foi entregue aos distribuidores um volume estimado em, 9,6 milhões de t, quando a previsão inicial oscilava entre 8,7 e 8,8 milhões de t. Contudo, em relação ao ano anterior, verificou-se um decréscimo de 0,1%, o que efetivamente não é significativo diante do volume recorde entregue em 1986.

A queda de 0,1% em relação a 1986 não necessariamente significou uma menor adubação das lavouras, pois, a nível nacional, houve um aumento de 0,7% na concentração total dos macronutrientes (NPK) nos fertilizantes (tabela 2).

Os estados de São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Goiás destacam-se como os maiores produtores de alimentos do país e absorveram, em 1987, 74,8% da disponibilidade interna de fertilizantes (tabela 4).

Na Região Sul, o consumo aparente de fertilizantes (volume entregue aos distribuidores, sem considerar os estoques iniciais e finais), embora com menor concentração dos macronutrientes (NPK), manteve-se nos mesmos níveis do ano anterior (tabela 2). Este comportamento pode ser atribuído principalmente ao significativo aumento no cultivo da soja. Em particular, o estado de Santa Catarina registrou uma queda acentuada, basicamente causada pela redução do uso de insumos para o plantio do milho e um menor crescimento da área cultivada com soja, proporcionalmente aos estados do Rio Grande do Sul e Paraná.

Os preços dos fertilizantes praticados em Santa Catarina, segundo dados levantados pelo Instituto CEPA/SC, apresentaram, no ano de 1987 e primeiro semestre de 1988, um aumento real de 16,3% e 2,0%, respectivamente. Entretanto, conforme se verifica no gráfico 1, constata-se uma queda real dos preços a partir de junho de 1985, em relação ao preço médio praticado no período jan/83-dez/85.

As perspectivas do setor para 1988 são otimistas, uma vez que a previsão é de que as vendas superem em mais de 5,0% o volume comercializado no ano passado. Este acréscimo é atribuído, principalmente, à medida governamental que garante o reajuste dos preços mínimos conforme a variação das Obrigações do Tesouro Nacional (OTN) e à expectativa de bons preços no mercado internacional dos produtos exportáveis, principalmente soja, café e algodão, que demandam grande quantidade de fertilizantes.

De acordo com o Plano Nacional de Fertilizantes, elaborado pela Associação Nacional para Difusão de Adubos e Corretivos Agrícolas (ANDA), no período de 1987-95 a demanda interna de fertilizantes deverá apresentar um crescimento médio estimado em 3,8% ao ano.

TABELA 1
BRASIL - QUANTIDADE PRODUZIDA, IMPORTAÇÃO E DISPONIBILIDADE DE NUTRIENTES, 1980- 87

NUTRIENTES/ORIGENS	(1.000 toneladas)							
	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987
NITROGÊNIO (N)								
. Prod.Nacional	383,0	348,8	396,8	533,3	670,2	723,6	714,2	746,1
. Importação	522,6	319,1	246,8	103,9	153,8	131,7	275,7	217,8
. Disponibilidade (1)	905,6	667,9	643,6	637,2	824,0	855,3	989,9	963,9
FOSFATO (P₂O₅) (2)								
. Prod.Nacional	1.486,7	1.084,4	1.025,5	984,2	1.481,8	1.210,8	1.415,8	1.393,3
. Importação	365,2	136,5	73,6	-	70,8	31,1	147,3	180,1
. Disponibilidade (1)	1.851,9	1.220,9	1.099,1	984,2	1.552,6	1.241,9	1.563,1	1.573,4
POTÁSSIO (K₂O)								
. Prod.Nacional	-	-	-	-	-	-	10,5	37,3
. Importação	2.198,6	1.280,3	1.656,2	1.200,2	1.076,0	1.061,6	1.280,1	1.501,9
. Disponibilidade (1)	2.198,6	1.280,3	1.656,2	1.200,2	1.076,0	1.061,6	1.290,6	1.539,2
TOTAL								
. Prod.Nacional	1.869,7	1.433,2	1.422,3	1.517,5	2.152,0	1.934,4	2.140,5	2.176,7
. Importação	3.086,4	1.735,9	1.976,6	1.304,1	1.300,6	1.224,4	1.703,1	1.899,8
. Disponibilidade	4.956,1	3.169,1	3.398,9	2.821,6	3.452,6	3.158,8	3.843,6	4.076,5

FONTE: ANDA - Associação Nacional para difusão de adubos e corretivos agrícolas.
SIACESP - Sindicato das Indústrias de adubos e corretivos no Estado de São Paulo.

ELABORAÇÃO: Instituto CEPA/SC.

(1) Não considerado os estoques iniciais e finais.

(2) Excluído fosfato natural moído.

TABELA 2
 CONSUMO APARENTE (1) DE FERTILIZANTES E NUTRIENTES NO BRASIL, REGIÃO SUL E SANTA CATARINA - 1986-87

ABRANGÊNCIA	FERTILIZANTES		NUTRIENTES				TOTAL (NUTRIENTES)								
	Total (2)		Nitrogênio (N)		Fósforo (P ₂ O ₅)		Potássio (K ₂ O)		Total (Nutrientes)						
	1986	1987	%	1986	%	1986	%	1986	%	1986	1987				
Brasil	9.651,3	9.645,5	- 0,1	895,2	880,8	-1,6	1.500,9	1.503,8	0,2	1.276,0	1.302,3	2,1	3.672,1	3.686,9	0,7
Região Sul	3.004,5	3.008,3	0,1	263,5	263,3	-0,1	566,7	535,3	-5,5	436,5	427,6	-2,0	1.266,7	1.257,6	-7,6
Santa Catarina	270,9	243,5	-10,1	30,7	27,5	-10,4	47,1	39,8	-1,5	35,0	33,6	-4,0	112,8	100,9	-29,9

FONTE: ANDA - Associação Nacional para Difusão de Adubo e Corretivos Agrícolas.
 SIACESP - Sindicato das Indústrias de Adubos e Corretivos do estado de São Paulo.

ELABORAÇÃO: Instituto CEPA/SC.

(1) Exclui-se fosfato natural moído.

(2) Não foram considerados os estoques iniciais e finais.

TABELA 3
 PRODUÇÃO NACIONAL E IMPORTAÇÃO DOS NUTRIENTES, POR REGIÃO ⁽¹⁾
 E BRASIL - 1987

(1.000 toneladas)					
NUTRIENTES	REGIÃO	NORTE/ NORDESTE	CENTRO	SUL	BRASIL
NITROGENADOS					
.Produção Nacional		322,3	385,5	38,3	746,1
.Importação		47,3	152,4	18,1	217,8
.TOTAL		369,6	537,9	56,4	963,9
FOSFATADOS					
.Produção Nacional		18,1	1.094,4	208,8	1.321,3
.Importação		113,8	50,2	16,1	180,1
.TOTAL		131,9	1.144,6	224,9	1.573,4
POTÁSSICOS					
.Produção Nacional		37,3	-	-	37,3
.Importação		141,5	1.058,8	301,5	1.501,8
.TOTAL		178,8	1.058,8	301,5	1.539,1
TOTAL					
.Produção Nacional		377,7	1.479,9	247,1	2.104,7
.Importação		302,6	1.261,4	335,7	1.899,7
.TOTAL		680,3	2.741,3	582,8	4.004,4

FONTE: ANDA/SEACESP.

ELABORAÇÃO: Instituto CEPA/SC

(1) Segundo critério de regionalização do SIACESP, a Região Centro compreende os estados de Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás; a Região Sul, aos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul e a Região Norte/Nordeste os demais estados.

TABELA 4
 CONSUMO APARENTE ⁽¹⁾ E FÓRMULA MÉDIA DE FERTILIZANTES POR
 UNIDADE DA FEDERAÇÃO - 1987

UNIDADE DA FEDERAÇÃO	QUANTIDADE FERTILIZANTES ⁽²⁾ (t)	ÍNDICE	FÓRMULA MÉDIA (NPK)
São Paulo	2.710.098	28,2	10 13 13
Paraná	1.431.045	14,8	8 18 12
Rio Grande do Sul	1.333.769	13,8	9 18 17
Minas Gerais	1.048.645	10,9	9 13 12
Goiás	685.423	7,1	6 19 12
Mato Grosso	423.847	4,4	3 22 16
Mato Grosso do Sul	408.858	4,2	5 21 13
Bahia	254.574	2,6	10 16 12
Santa Catarina	243.473	2,5	11 16 14
Pernambuco	238.291	2,5	16 10 16
Alagoas	232.161	2,4	14 12 16
Outros	635.360	6,6	- - -
TOTAL	9.645.544	100,0	9 16 14

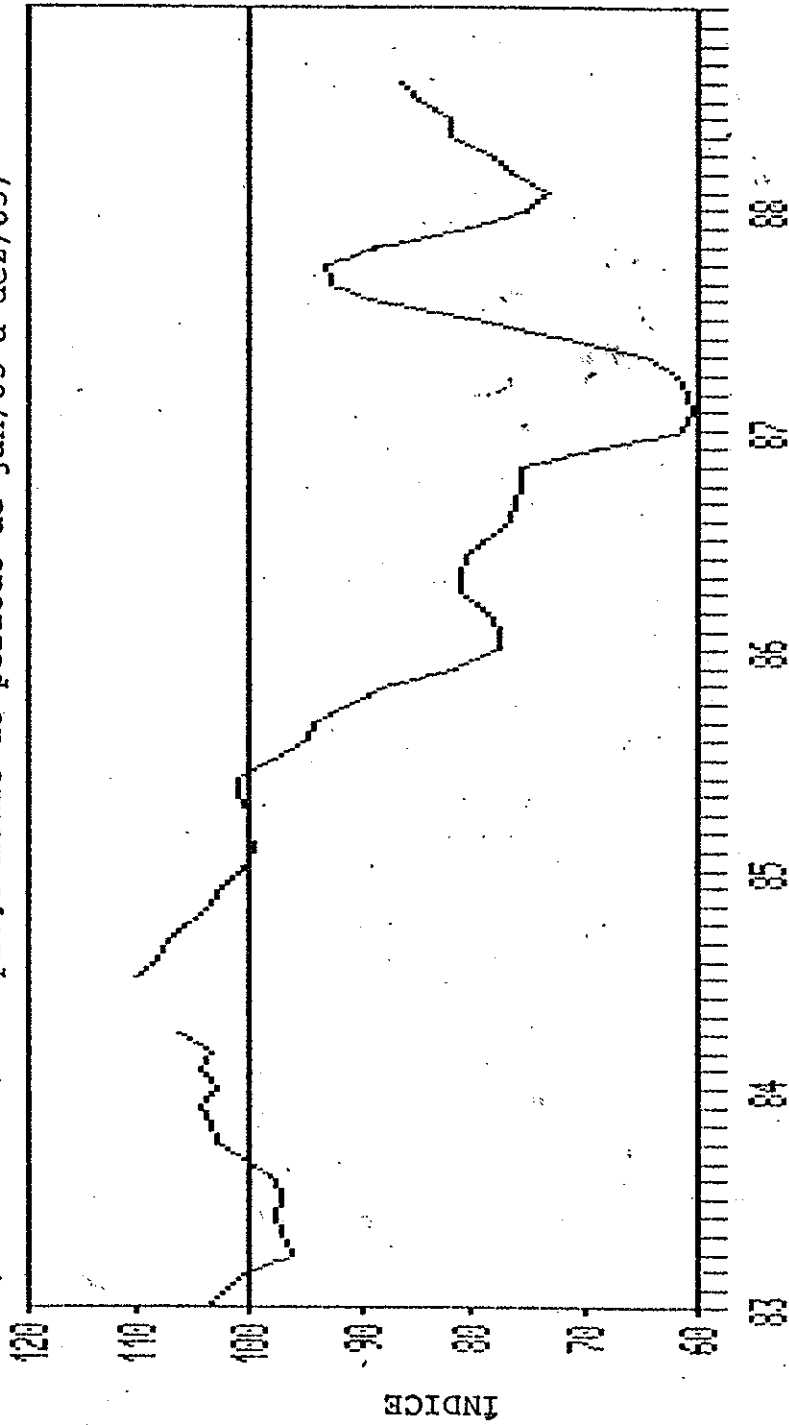
FONTE: ANDA/SIACESP.

ELABORAÇÃO: Instituto CEPA/SC.

(1) Não foram considerados os estoques iniciais e finais.

(2) Exclusive fosfato natural moído.

GRÁFICO 1
 ÍNDICE DE PREÇOS PAGOS PELOS PRODUTORES; PARA OS FERTILIZANTES
 SC, 1983-88 (base=preço médio do período de jan/83 a dez/85)



FONTE: Instituto CEPA/SC

6.2. MAQUINAS AGRICOLAS

A indústria nacional de tratores, no ano de 1987, obteve um desempenho negativo em relação ao ano anterior, apresentando uma queda de 10,4%. Contribuíram para esta diminuição os cultivadores (39,5%) e os de rodas (7,4%), especialmente os de potência na faixa de 50 a 99 CV (13,2%), que participam com 74,7% do total produzido na categoria (tabela 1).

As empresas que se destacaram na produção de tratores de rodas foram a MASSEY PERKINS, a VALMET e a FORD. Contudo, há de se considerar a significativa participação da AGRALE para os de pequeno porte (até 49 CV), e da ENGESA e da MULLER para os de potência superior a 200 CV.

O mercado para o setor, em 1987, mostrou-se fraco e muito abaixo das expectativas iniciais, apresentando um decréscimo nas vendas domésticas de 14,2%, 10,5% e 45,2% para os tratores de rodas, de esteira e cultivadores, respectivamente.

A retração do mercado interno pode ser atribuída principalmente à inexistência de uma política econômica consistente. Com o reaparecimento dos altos índices de inflação, após a "queda" dos planos de estabilização econômica - Cruzado I e II - originou-se um clima de apreensão quanto a investimentos no setor produtivo, sendo os mesmos direcionados para o mercado financeiro, e, por outro lado, desestimulando os tomadores de crédito devido aos elevados encargos financeiros. Além disso, as políticas de crédito procuraram privilegiar os pequenos produtores, forçando os grandes e médios a desenvolverem suas atividades com maior volume de recursos próprios.

Durante o ano de 1987, em Santa Catarina os preços dos tratores de 50 a 99 CV sofreram um reajuste médio em torno de 570%, ante uma inflação de 366%. O mesmo se repetiu no

primeiro semestre de 1988, quando a variação nominal dos preços esteve ao redor de 215% e a inflação, em 167%.

O poder de compra dos produtores mostrou-se bastante reduzido, em função da desproporção entre os aumentos dos preços de produtos e os de equipamentos, ou seja, no período de colheita e maior comercialização da safra de verão - abril a julho de 1986 - era necessária, em média, menor quantidade de produto do que no mesmo período de 1987 e 1988 para adquirir um trator de porte médio, conforme mostra a tabela 3.

Os tratores de grande porte (100 a 199 CV) destacaram-se na produção e nas vendas (tabela 1 e 2), caracterizando uma maior demanda nas regiões de fronteira agrícola, nas quais predominam as grandes propriedades. Além disso, ficou evidenciada uma maior lucratividade das lavouras extensivas, como a soja, que têm seus preços corrigidos pelas cotações do mercado externo.

Se a performance na produção e nas vendas no mercado interno não foi das melhores em 1987, o quadro para 1988 mostra-se ainda mais desanimador, pois, no primeiro semestre, a produção e as vendas domésticas caíram 18,0% e 21,4%, respectivamente, em relação a igual período do ano anterior (tabela 2). Entretanto, espera-se uma reativação do setor, após a divulgação dos valores básicos de custeio (VBC) para a safra 88/89 e da garantia governamental de os preços mínimos serem corrigidos mensalmente de acordo com as Obrigações do Tesouro Nacional (OTN). Além desses, outro fator que contribui para essa expectativa são as tendências de bons preços para os produtos de exportação.

Diante das dificuldades encontradas no mercado interno, as indústrias passaram a dar maior ênfase ao mercado externo. Em 1987, foram exportadas 7.898 unidades, apresentando um acréscimo de 29,0% sobre as 6.123 unidades exportadas no ano anterior.

No primeiro semestre de 1988, as exportações cresceram 36,9% em relação a igual período do ano anterior, com destaque para os tratores de maior potência (tabela 2). Os principais

compradores do produto brasileiro são os países da América Latina e África.

As Regiões Sul e Sudeste do Brasil absorveram, em 1987, 36,2% e 36,0%, respectivamente, do total das vendas realizadas no mercado interno (tabela 4). Nos estados do Sul, a maior participação foi do Paraná (43,9%), seguido pelo Rio Grande do Sul (41,4%) e Santa Catarina (14,6%) (tabela 5).

Segundo dados preliminares do Censo Agropecuario de 1985, da Fundação IBGE, Santa Catarina possuía 45.471 tratores, 37,4% a mais que o registrado no Censo Agropecuario de 1980 (tabela 6), o que resultou num aumento do número de máquinas por unidade de área cultivada, por pessoal ocupado e por estabelecimento (tabela 7). Tal fato comprova a continuidade do processo de mecanização do setor agrícola, que, onde isto é possível, vem gradualmente substituindo o trabalho braçal pelo uso da máquina.

O aumento da frota no estado foi desigualmente distribuído nas microrregiões homogêneas (tabela 6). Isto se relaciona principalmente com o aumento ou a diminuição da área plantada e com a rentabilidade do produtor nos cultivos regionalizados.

As características fundiárias e topográficas, bem como os tipos de atividades agrícolas das diferentes microrregiões, determinam o tipo e a potência do equipamento mais apropriado. O maior contingente de tratores de baixa potência (microtratores e cultivadores) encontra-se nas microrregiões Colonial do Alto Itajaí, Colonial de Blumenau, Colonial de Joinville e Colonial Serrana Catarinense, e os tratores de maior potência na Colonial do Oeste Catarinense, Colonial do Rio do Peixe, Planalto de Canoinhas e Campos de Curitiba. Nas demais microrregiões não há uma caracterização definida.

A partir dos dados estatísticos referentes às vendas realizadas no estado (tabela 8), pode-se inferir, embora subjetivamente, uma tendência de crescimento da frota dos tratores de maior potência.

TABELA 1
 PRODUÇÃO E VENDA BRASILEIRA DE TRATORES E CULTIVADORES, SEGUNDO O DESTINO, POR TIPO E POTÊNCIA - 1986-87
 (unidade)

TIPO/POTÊNCIA	PRODUÇÃO			VENDAS					
				MERCADO INTERNO			MERCADO EXTERNO		
	1986	1987	VALOR	1986	1987	VALOR	1986	1987	VALOR
			%			%			%
Rodas	51.559	47.758	- 7,4	46.388	39.802	-14,2	5.456	6.658	22,0
até 49 CV	4.497	4.540	9,6	4.382	3.644	-16,8	117	300	156,4
de 50 a 99 CV	41.103	35.687	-13,2	36.306	29.489	-18,8	4.916	5.671	15,4
de 100 a 199 CV	5.853	7.400	26,4	5.482	6.536	19,2	418	686	64,1
acima de 200 CV	106	131	23,6	218	133	-39,0	5	1	-80,0
Cultivadores	7.128	4.313	-39,5	6.558	3.523	-45,2	467	641	37,3
Esteiras	2.409	2.677	11,1	2.245	2.010	-10,5	200	599	199,5
TOTAL GERAL	61.096	54.748	-10,4	55.191	45.405	-17,7	6.123	7.898	29,0

FONTE: ANFAVEA - Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos e Automotores.
 ELABORAÇÃO: Instituto CEPA/SC.

TABELA 2
 PRODUÇÃO E VENDA BRASILEIRA DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS, SEGUNDO O DESTINO, POR TIPO E POTÊNCIA - PRIMEIRO SEMESTRE DE 1986 E 1987
 (unidade)

TIPO/POTÊNCIA	PRODUÇÃO			VENDAS					
				MERCADO INTERNO			MERCADO EXTERNO		
	1986	1987	VALOR	1986	1987	VALOR	1986	1987	VALOR
			%			%			%
Rodas	23.784	20.831	-12,4	18.913	15.921	-15,8	3.449	4.941	43,3
até 49 CV	2.343	1.202	-48,7	1.910	1.354	-29,1	148	65	-56,1
de 50 a 99 CV	18.136	15.147	-16,5	14.262	11.022	-22,7	3.041	3.877	27,5
de 100 a 199 CV	2.363	4.460	88,7	2.695	3.507	30,1	260	998	283,8
acima de 200 CV	42	22	-47,6	46	38	-17,4	0	1	-
Cultivadores	3.232	1.210	-62,6	2.702	1.118	-58,6	378	296	-21,7
Esteiras	1.400	1.262	-9,9	937	691	-26,3	258	357	38,4
TOTAL GERAL	28.416	23.303	-18,0	22.552	17.730	-21,4	4.085	5.594	36,9

FONTE: ANFAVEA - Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos e Automotores.
 ELABORAÇÃO: Instituto CEPA/SC.

TABELA 3
QUANTIDADE DE PRODUTO NECESSÁRIO PARA A AQUISIÇÃO DE
UM TRATOR (Marca: MF; Modelo: 265; 61 CV) SANTA CATA-
RINA - 1985-88

PRODUTO/ANO	(unidade)			
	1985	1986	1987	1988
Milho (sc 60 Kg)	1.595	1.523	2.783	3.192
Soja (sc 60 Kg)	1.017	989	1.286	1.435

FONTE: Instituto CEPA/SC.

Obs: .

BASE DE CÁLCULO

1. Tomaram-se os preços médios recebidos pelo produtor, coletados pelo Instituto CEPA/SC, na região de Chapecó.
2. Consideraram-se, para efeito de cálculo, os meses de comercialização mais intensa (abril, maio, junho e julho).
3. Os preços médios do trator, coletados pelo Instituto CEPA/SC, referem-se à mesma região e época.

TABELA 4
QUANTIDADE DE TRATORES DE RODAS VENDIDOS NO BRASIL
E PARTICIPAÇÃO RELATIVA DAS REGIÕES - 1985-87

ANO	QUANTIDADE VENDIDA (UNID.)	PARTICIPAÇÃO DAS REGIÕES (%)				
		NORTE	NORDESTE	CENTRO-OESTE	SUDESTE	SUL
1985	41.243	1,3	8,4	10,7	41,2	38,4
1986	46.388	1,9	8,6	11,9	41,9	35,7
1987	39.802	2,3	12,0	13,5	36,0	36,2

FONTE: ANFAVEA - Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos e motores.

ELABORAÇÃO: Instituto CEPA/SC.

TABELA 5

QUANTIDADE DE TRATORES DE RODAS VENDIDOS NA REGIÃO SUL DO BRASIL
E PARTICIPAÇÃO RELATIVA DOS ESTADOS - 1985-87

ANO	QTIDADE VENDIDA (UNID.)	PARTICIPAÇÃO DOS ESTADOS (%)		
		PARANÁ	SANTA CATARINA	RIO GRANDE DO SUL
1985	15.835	46,9	19,2	33,9
1986	16.577	45,8	16,6	37,6
1987	14.417	43,9	14,6	41,5

FONTE: ANFAVEA - Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos e motores.

ELABORAÇÃO: Instituto CEPA/SC.

TABELA 6

NÚMERO DE TRATORES EXISTENTES NAS MRH - SC - 1980 e 1985
(unidade)

M.R.H.	1980	1985	%
Colonial de Joinville	2.420	3.171	31.0
Litoral de Itajaí	820	911	11.1
Colonial de Blumenau	3.216	4.074	26.7
Colonial de Itajaí do Norte	1.089	1.403	28.8
Colonial do Alto Itajaí	5.277	7.791	47.6
Florianópolis	698	765	9.6
Colonial Serrana	1.427	2.151	50.7
Litoral de Laguna	101	158	56.4
Carbonífera	1.282	2.279	77.7
Litoral Sul Catarinense	938	1.350	43.9
Colonial Sul Catarinense	1.459	2.076	42.3
Campos de Lages	1.507	1.956	29.8
Campos de Curitibanos	1.726	2.350	33.2
Colonial do Rio do Peixe	2.721	4.179	53.6
Colonial Oeste Catarinense	5.171	6.753	30.6
Planalto de Canoinhas	3.253	4.104	26.2
TOTAL	33.105	45.471	37.4

FONTE: IBGE: Censo Agropecuário de Santa Catarina 1980.

IBGE: Sinopse Preliminar do Censo Agropecuário de Santa Catarina, 1985

ELABORAÇÃO: Instituto CEPA/SC.

TABELA 7

RELAÇÃO DA ÁREA DE LAVOURAS TEMPORÁRIAS E PERMANENTES, PESSOAL OCUPADO E NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS/TRATOR EM SANTA CATARINA 1970, 1975, 1980 E 1985

ANO	ÁREA DE LAVOURA/ Nº DE TRATORES	PESSOAL OCUPADO/ Nº DE TRATORES	Nº DE ESTABELECIMENTOS/ Nº DE TRATORES
1970	219,6	125,9	34,2
1975	91,7	54,9	13,2
1980	54,5	25,3	6,5
1985	41,4	19,4	5,2

FONTE: IBGE - Censo Agropecuário de Santa Catarina - 1970, 1975, 1980.
IBGE - Sinopse Preliminar do Censo Agropecuário de Santa Catarina, 1985.

ELABORAÇÃO: Instituto CEPA/SC.

TABELA 8

QUANTIDADE DE TRATORES DE RODAS VENDIDOS EM SANTA CATARINA, SEGUNDO A POTÊNCIA - 1984-87.

ANO/POTÊNCIA	ATÉ 49 CV	DE 50 A 99 CV	DE 100 A 199 CV	ACIMA DE 200 CV	TOTAL
1984	359	1.517	103	15	1.994
1985	492	2.441	102	-	3.035
1986	453	2.139	155	-	2.747
1987	251	1.666	181	-	2.098

FONTE: ANFAVEA - Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos e Automotores.

ELABORAÇÃO: Instituto CEPA/SC.

6.3. AGROTÓXICOS

A utilização de agrotóxicos na atividade agropecuária catarinense continua a preocupar os segmentos diretamente envolvidos. Palestras de conscientização, cursos, treinamentos e levantamento do número de agricultores intoxicados foram algumas das atividades desenvolvidas por órgãos oficiais, entidades de classe, cooperativas, sindicatos e instituições de ensino.

Na elaboração da nova Carta Constitucional, ficou evidenciada a atenção para a questão ambiental. Isto se observa no artigo 225, cuja redação aprovada foi a que segue: "Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações". O parágrafo primeiro do referido artigo, no que se relaciona mais diretamente aos agrotóxicos, assegura que "caberá ao Poder Público controlar a produção, a comercialização e o emprego de técnicas, métodos e substâncias que comportem risco para a vida, a qualidade de vida e o meio ambiente".

Em 1986, em decorrência do Plano de Estabilização Econômica (Plano Cruzado), ocorreu uma maior aplicação de recursos na atividade agrícola e uma ampliação de área plantada e, conseqüentemente, uma maior demanda de insumos modernos. Neste sentido, de acordo com dados fornecidos pela ANDEF - Associação Nacional de Defensivos Agrícolas, ocorreu uma expansão, em 1986, de 33,6% em relação ao ano anterior, no consumo de agrotóxicos.

Ao analisar os dados da ANDEF, verifica-se em 1987, em relação ao ano anterior, uma pequena redução da produção nacional e, ao contrário do ano anterior, diminuição das importações e aumento das exportações de ingrediente ativo.

TABELA 1
 VOLUMES FÍSICOS DE AGROTÓXICOS (ingrediente ativo) PRODUZIDOS E COMERCIALIZADOS, CONSUMO APARENTE;
 VARIAÇÃO ANUAL; REPRESENTAÇÃO NA COMERCIALIZAÇÃO; PARTICIPAÇÃO DAS CLASSES NOS TOTAIS COMERCIALIZA
 DOS - BRASIL, 1986-87

CLASSE	QUANTIDADE (t)		VARIAÇÃO ANUAL (%)	REPRESENTAÇÃO S/VOLUME COMERCIALIZADO (%)		REPRESENTAÇÃO DAS CLASSES NO TOTAL GERAL (%)	
	1986	1987		1986	1987	1986	1987
INSETICIDAS							
Vol.Comercial.	22.299	21.854	- 2,0	100,0	100,0	27,0	26,7
Prod.Nacional	13.286	12.606	- 5,1	59,6	57,7	21,0	19,0
Importação	9.013	9.248	2,6	40,4	42,3	46,1	59,1
Exportação	- 409	- 712	74,1	1,8	3,3	2,6	3,7
Cons.ApARENTE	21.890	21.142	- 3,4	98,2	96,7	32,7	33,7
FUNGICIDAS							
Vol.Comercial.	29.459	25.746	-12,6	100,0	100,0	35,7	31,4
Prod.Nacional	25.279	22.987	- 9,1	85,8	89,3	40,1	34,7
Importação	4.180	2.759	-34,0	14,2	10,7	21,4	17,6
Exportação	-6.887	-5.619	-18,4	23,4	21,8	44,0	29,4
Cons.ApARENTE	22.572	20.127	-10,8	76,6	78,2	33,7	32,1
HERBICIDAS							
Vol.Comercial.	30.871	34.287	+11,1	100,0	100,0	37,3	41,9
Prod.Nacional	24.536	30.637	+24,9	79,5	89,4	38,9	46,3
Importação	6.335	3.650	-42,4	20,5	10,6	32,5	23,3
Exportação	-8.342	-12.786	+53,3	27,0	37,3	53,4	66,9
Cons.ApARENTE	22.529	21.501	- 4,6	73,0	62,7	33,6	34,2
TOTAL GERAL							
Vol.Comercial.	82.629	81.887	- 0,9	100,0	100,0	100,0	100,0
Prod.Nacional	63.101	66.230	+ 4,9	76,4	80,9	100,0	100,0
Importação	19.528	15.657	-19,8	23,6	19,1	100,0	100,0
Exportação	-15.638	-19.117	+22,2	18,9	23,3	100,0	100,0
Cons.ApARENTE	66.991	62.770	- 6,3	81,1	76,7	100,0	100,0

FONTE: ANDEF - Associação Nacional de Defensivos Agrícolas.
 ELABORAÇÃO: Instituto CEPA/SC.

Neste ano, o consumo de agrotóxicos ficou em 62.770 t de princípio ativo, 6,3% inferior ao consumo do ano anterior e 25,1% superior ao consumo alcançado em 1985. Na verdade, a diminuição do consumo de 1987 se deve, em parte, ao recrudescimento inflacionário, não se repetindo nesse ano o mesmo desempenho da agricultura, especialmente no que se refere à utilização de insumos. De outra parte, a utilização de novos produtos em dosagens menores contribuiu também para reduzir a quantidade física de agrotóxicos consumidos.

Também a oferta de alguns inseticidas e/ou herbicidas foi escassa, devido à dificuldade de importação de determinadas matérias-primas e ao desinteresse dos fabricantes na sua produção e/ou comercialização, provocando altas incomuns desses insumos.

A mesma fonte (ANDEF) indica que ocorreu em 1987 uma redução de 2,5% no montante do valor das vendas. Por tipo de agrotóxicos, verifica-se uma queda de 10,8% e 6,3% no que se refere a inseticidas e fungicidas e um acréscimo de 8,8% no montante das vendas de herbicidas.

No que se refere à destinação das vendas, nota-se, de acordo com a mesma fonte, que as culturas exportáveis (café, cacau, cana-de-açúcar, citros, fumo e soja) foram responsáveis por 48,5%, 20,2% e 67,5% do montante do valor das vendas de inseticidas, fungicidas e herbicidas, respectivamente. As culturas do trigo, cevada, centeio e aveia foram responsáveis pelo consumo equivalente a 37,5% do montante das vendas de fungicidas.

Analisando o gráfico 1, elaborado com base no levantamento mensal dos preços dos principais agrotóxicos, realizado pelo Instituto CEPA/SC, verifica-se a queda dos preços reais a partir de 1985 e durante o ano de 1986 com a vigência do Plano Cruzado. Em 1987, de fevereiro a setembro, período em que se concentra a maior parte das vendas deste insumo, ocorreu um sensível aumento dos preços dos agrotóxicos, a exemplo dos demais insumos, em função do esfacelamento do Plano Cruzado e dos desajustes da área econômica. Depois de uma pequena queda dos preços, verificada a partir de setembro/87,

os preços reais mantiveram-se praticamente estáveis durante os meses analisados em 1988.

Em 1987, de acordo com a Fundação Getúlio Vargas, os agrotóxicos evoluíram, na média brasileira, 367%, portanto acima dos índices da inflação.

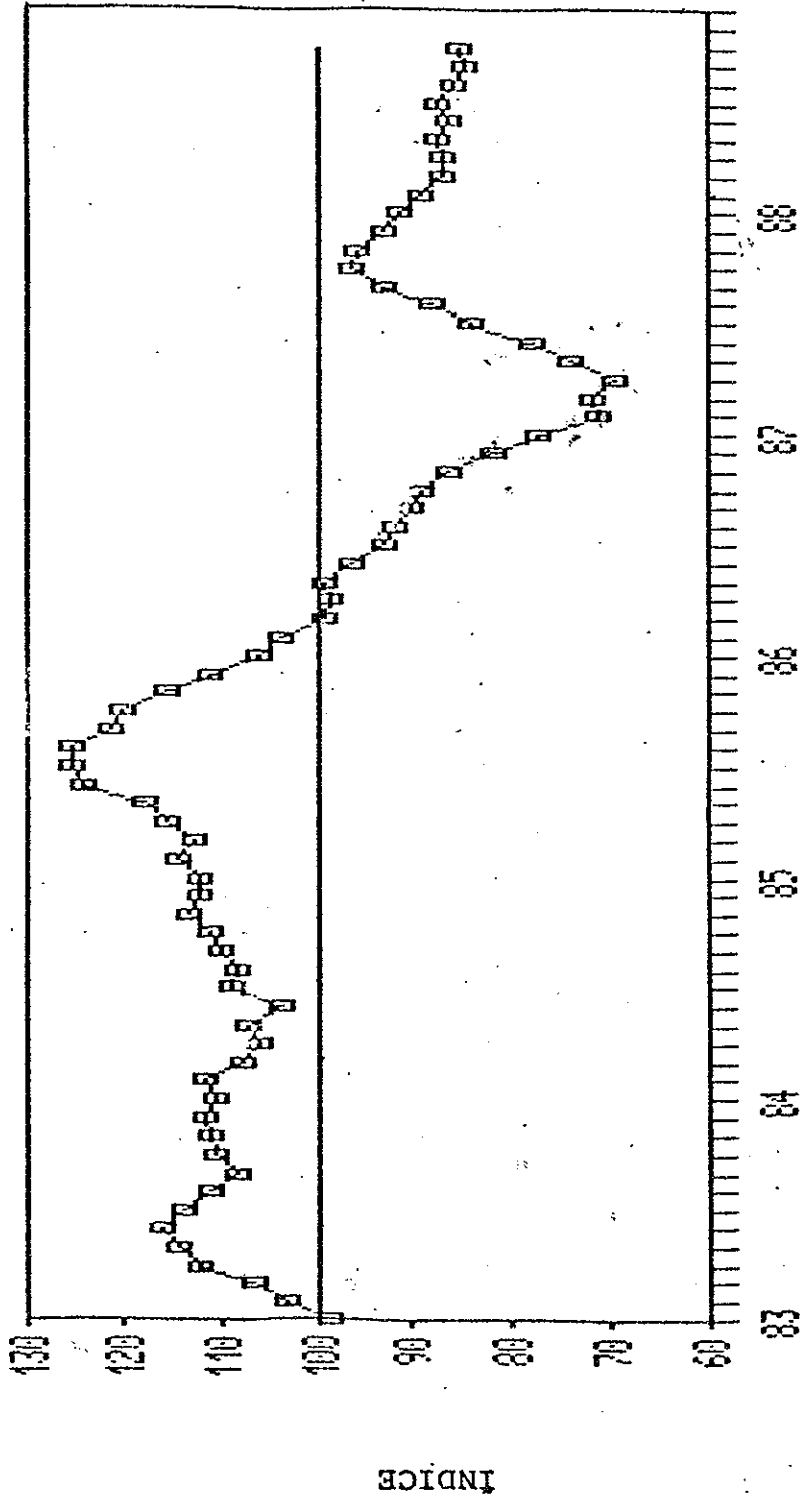
Para 1988, informações divulgadas pela ANDEF no mês de junho davam conta de que o faturamento do setor foi, no primeiro trimestre, 37% superior ao de igual período do ano anterior. Tal desempenho deve-se principalmente à antecipação das compras para as culturas de inverno (trigo, centeio, cevada e aveia).

Com base em informações colhidas junto a ANDEF, as vendas de agrotóxicos deverão ter em 1988, um aumento real de 10%, em função, principalmente, do aumento da área plantada de soja em substituição ao milho. A maior concentração das vendas ocorreu nos meses de julho e agosto, à antecipação das compras em virtude dos bons preços obtidos pelos agricultores com a soja e a laranja.

De acordo com as lideranças dos fabricantes, prevê-se, para a safra 1988/89 um crescimento da ordem de 5% .

GRÁFICO 1

ÍNDICE DE PREÇOS PAGOS PELOS PRODUTORES, PARA OS DEFENSIVOS, SC, 1983-88
(base=preço médio do período de jan/83 a dez/85).



□ ÍNDICE - BASE 100=MED PERÍODO

TABELA 2

VALOR DAS VENDAS DE INSETICIDAS, ACARICIDAS E FORMICIDAS POR DESTINAÇÃO, BRASIL, 1984-87

DESTINAÇÃO	VALOR - US\$ 1.000			
	1984	1985	1986	1987
TOTAL	234.409	236.012	283.753	251.141
Algodão	52.699	49.788	51.924	37.510
Amendoim	950	1.252	1.222	1.972
Arroz	1.038	1.707	3.185	1.056
Batata Inglesa	8.625	9.670	12.518	16.671
Cacau	2.079	1.797	2.861	2.822
Café	12.238	10.812	19.995	16.563
Cana-de-açúcar	3.454	1.499	457	327
Citros	32.281	37.973	49.775	42.470
Feijão	3.554	3.481	4.870	3.204
Fumo	6.378	11.685	10.929	14.711
Mandioca	3	252	179	3
Milho	841	1.214	3.266	3.906
Pastagens	67	197	586	857
Soja	58.882	53.427	46.817	44.926
Sorgo Granífero	2	99	180	5
Tomate	6.257	7.378	11.599	8.772
Trigo, Cevada, Centeio e Aveia	7.195	3.764	9.441	7.261
Uva	60	98	353	394
Frutas em Geral	2.796	3.302	5.698	5.455
Hortaliças	6.111	5.554	8.117	6.647
Formigas	7.545	6.894	4.569	7.125
Reflorestamento	1.077	930	785	1.420
Grãos Armazenados	2.100	3.123	4.640	4.743
Tratamento de Sementes	13.173	15.526	16.089	11.950
Outras	5.004	4.590	11.698	10.371

FONTE: ANDEF

TABELA 3
 VENDAS DE FUNGICIDAS POR DESTINAÇÃO, BRASIL, 1984-87

DESTINAÇÃO	VALOR - US\$ 1.000			
	1984	1985	1986	1987
TOTAL	115.009	99.921	185.497	173.734
Amendoim	1.720	1.649	2.049	857
Arroz	2.620	1.806	4.019	2.852
Batata Inglesa	14.215	14.243	13.711	15.841
Cacau	904	3.615	3.430	1.151
Café	8.889	7.609	18.737	11.467
Cana-de-açúcar	170	1	150	159
Citros	12.049	13.939	18.584	20.830
Feijão	3.705	3.207	5.139	4.228
Fumo	1.317	971	1.617	1.135
Soja	81	4	0	343
Tomate	9.985	8.626	12.003	8.832
Trigo, Cevada, Centeio e Aveia	34.455	22.865	62.228	65.368
Uva	2.393	2.402	3.559	3.775
Frutas em Geral	5.886	5.454	8.445	10.243
Hortaliças	7.778	6.321	12.555	10.572
Tratamento de Sementes	4.830	4.318	9.188	8.186
Outras	4.012	2.891	10.083	7.895

FONTE: ANDEF

TABELA 4
 VALOR DAS VENDAS DE HERBICIDAS POR DESTINAÇÃO, BRASIL, 1984-87

DESTINAÇÃO	VALOR - US\$ 1.000			
	1984	1985	1986	1987
TOTAL	364.706	317.755	368.747	401.431
Algodão	6.986	8.036	6.074	8.036
Amendoim	513	340	135	3.180
Arroz	42.888	46.962	38.226	32.387
Batata Inglesa	1.318	421	695	952
Cacau	1.353	532	2.758	2.343
Café	14.597	9.456	32.154	32.196
Cana-de-açúcar	76.471	71.893	87.197	103.074
Citros	2.353	1.503	4.869	5.134
Feijão	2.610	3.517	3.881	7.943
Fumo	736	749	382	210
Milho	15.285	16.669	18.611	23.365
Soja	167.298	133.732	122.807	128.011
Tomate	78	213	278	284
Trigo, Cevada, Centeio e Aveia	4.606	4.670	7.137	7.058
Uva	1.181	554	1.579	1.628
Frutas em Geral	2.006	1.463	1.944	3.010
Hortaliças	2.018	2.618	3.070	2.263
Outras	22.409	14.427	36.950	40.357

FONTE: ANDEF

***BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA
DE PRODUTOS AGROPECUÁRIOS***

7. BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA DE PRODUTOS AGROPECUÁRIOS

O balanço de oferta e demanda de produtos agropecuários de Santa Catarina para as safras 1986/87 e 1987/88 (tabelas 1 e 2) é uma estimativa. Por ela, procurou-se retratar uma situação normal do setor, sem levar em consideração adversidades climáticas já ocorridas ou que ainda pudessem ocorrer durante o ano de 1988, tais como estiagens, geadas, granizo, influenciando direta ou indiretamente a produção final.

Ainda com relação as tabelas referidas, cabe destacar, na composição do balanço de oferta e demanda, alguns aspectos específicos para cada produto apresentado:

- ALHO

Sobre a produção bruta, foram consideradas as perdas decorrentes de quebras de cura, armazenagem e descartes diversos durante o beneficiamento e a embalagem. Os alhos industriais são os do tipo considerado baixo-padrão, sem valor comercial "in natura". O volume destinado ao consumo interno é baseado no consumo de 386 g/per capita/ano (levantamento da G.HORT/SNPA/MA).

- ARROZ

Apesar do excedente de produção em relação a demanda interna, o estado de Santa Catarina importa anualmente cerca de 100 mil t de arroz em casca, principalmente do Rio Grande do Sul, com a finalidade de atender as necessidades dos engenhos, que o beneficiam e reexportam para outras unidades da Federação.

- BATATA-INGLESA

O estado apresentou, na safra 1986/87, uma produção de batata-semente certificada da ordem de 53.055 t, destacando-se como 1º produtor nacional deste insumo. Esta produção foi, quase na sua totalidade, comercializada junto aos estados do Paraná, São Paulo e Minas Gerais. A demanda

estadual de sementes certificadas de batata corresponde a apenas 10% da área total, implantada anualmente de batata para consumo.

- CEBOLA

A reserva de bulbos para plantio destina-se à produção de sementes, uma vez que essa cultura completa seu ciclo a cada dois anos. O consumo médio, de dezembro a maio, é estimado em 475 g/habitantes/mês. A oferta compreende o volume exportado para outros estados, considerando o produto "curado".

- FEIJÃO

O excedente do produto é vendido principalmente para os mercados de São Paulo e Rio de Janeiro e, em menor proporção, para outras praças brasileiras.

- MAÇA

As perdas apresentadas nas tabelas em análise ocorreram nas fases de colheita e pós-colheita do produto.

- MILHO

Na estimativa do consumo animal está computado todo o produto utilizado pelas indústrias para a fabricação de rações.

- SOJA

Foi considerada como demanda industrial a quantidade de grãos adquirida pelas diversas empresas de transformação no período de fev/86 a jan/87. Estes números foram extraídos do levantamento efetuado pelo IBGE em 1987 e referem-se a nove indústrias de transformação.

A produção estadual dessa leguminosa não atende às necessidades existentes, fazendo-se necessária a importação do produto de outros estados brasileiros. Entretanto, cabe salientar que Santa Catarina, mesmo assim, exporta parcela da produção para o mercado internacional, principalmente na forma de farelo.

- TRIGO

As necessidades do produto são supridas pela produção de outros estados da Federação e pela importação realizada pelo governo federal, que efetua a comercialização e a distribuição.

- SUINOS

No superávit apresentado, estão inseridas as exportações do produto nas formas industrializadas ou em equivalentes carcaças, além das vendas de suínos (no cálculo, transformadas em carne) para outras unidades da Federação.

- LEITE

A coluna consumo humano "in natura" contempla o leite consumido e transformado em derivados nas propriedades rurais, como também o que é diretamente vendido do produtor para o consumidor. Nessas duas formas, o volume recebido pelas indústrias destina-se tanto à pasteurização como à produção de derivados.

TABELA 1
ESTIMATIVA DO BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA DE PRODUTOS AGRÍCOLAS DE SANTA CATARINA - SAFRA 1987/88
(tonelada)

PRODUTO	OFERTA	PERDAS	DEMANDA ESTADUAL				Reserva para Semente	Total	"DEFICIT OU SUPERAVIT"
			Consumo Humano "in natura"	Consumo Animal "in natura"	Consumo Industrial	Reserva para Semente			
Alho	24.314	3.640	1.620	3.100	3.960	-	12.320	11.994	
Arroz	553.115	55.311	289.000	-	14.500	-	358.811	194.304	
Batata-inglesa	174.428	1.750	120.000	-	29.630	-	151.380	23.048	
Cebola	211.697	48.097	19.000	-	1.000	-	68.097	143.600	
Feijão	265.500	13.300	98.000	-	17.000	-	128.300	137.200	
Macã	200.000	6.000	15.000	16.000	-	-	37.000	163.000	
Mandioca	1.430.940(*)	14.000	85.856	587.128	743.956	-	1.430.940	0	
Milho	2.371.000	223.000	67.700	87.000	4.000	-	2.877.300	(-) 506.300	
Soja	535.600	16.100	30.000	1.300.000	31.000	-	1.407.100	(-) 871.500	
Tomate	60.000	12.000	34.000	-	-	-	46.000	14.000	
Trigo	160.000	-	-	300.000	14.000	-	314.000	(-) 154.000	
Banana	344.250	34.000	24.000	28.000	-	-	52.000	292.250	
Carne de Aves	490.000	-	229.000	-	-	-	229.000	261.000	
Carne Bovina	65.000	-	74.000	-	-	-	74.000	(-) 9.000	
Carne Suína	322.000	-	236.000	-	-	-	236.000	86.000	
Leite (1000 l)	612.235	12.300	282.935	209.000	-	-	612.235	0	

FONTE: Instituto CEPA/SC.
(*) Safra ainda não fechada (out/88).

TABELA 2
ESTIMATIVA DO BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA DE PRODUTOS AGROPECUÁRIOS DE SANTA CATARINA - SAFRA 1986/87
(tonelada)

PRODUTO	OFERTA	PERDAS	DEMANDA ESTADUAL					Reserva para Semente	Total	SALDO "DEFICIT OU SUPERÁVIT"
			Animal "in natura"	Humano "in natura"	Consumo Industrial	Industrial	Industrial			
Alho	19.928	1.971	-	1.600	2.590	3.167	9.328	10.600		
Arroz	504.756	50.475	-	289.000	-	14.500	353.975	150.781		
Batata-inglesa	181.292	1.800	-	120.000	-	33.285	155.085	26.207		
Cebola	261.415	130.708	-	18.000	-	1.000	149.708	111.707		
Fenô	224.357	11.200	-	95.000	-	15.000	121.200	103.157		
Maca	104.203	3.126	-	15.000	11.160	-	29.286	74.917		
Mandioca	1.221.229	12.000	501.082	73.273	634.874	-	1.221.229	0		
Milho	2.419.200	242.000	2.491.000	65.000	90.000	3.750	2.881.750	(-1462.550)		
Soja	455.339	13.700	30.000	1.000	1.300.000	29.000	1.373.700	(-1918.361)		
Tomate	52.500	10.500	-	34.000	-	-	44.500	8.000		
Trigo	152.009	-	-	-	300.000	9.000	39.000	(-1156.991)		
Banana	331.126	33.000	-	23.000	26.000	-	82.000	249.126		
Carne de Aves	477.000	-	-	234.000	-	-	234.000	243.000		
Carne Bovina	62.000	-	-	72.000	-	-	72.000	(-) 10.000		
Carne Suína	350.000	-	-	217.000	-	-	217.000	133.000		
Leite (1000 l)	587.027	12.000	103.000	296.027	176.000	-	587.027	0		

FONTE: Instituto DEPA/SC.

***EXPORTAÇÕES CATARINENSES
DE PRODUTOS AGROPECUÁRIOS***

8. EXPORTAÇÕES CATARINENSES DE PRODUTOS AGROPECUÁRIOS

A complexidade do mercado internacional revela algo de singular clareza - exporta quem importa, e vice-versa, independentemente dos bens e/ou serviços, mesmo com algumas exceções, e momentâneas.

Neste particular, enquanto a média das importações foi reduzida em US\$ 6 bilhões (de 20 para 14 bilhões de dólares) entre os períodos de 80-83 e 84-87, as exportações passaram, no período 80-83, de US\$ 21 para uma média de US\$ 25 bilhões no período posterior.

Note-se, ao analisar a década até aqui, que através das médias observadas na primeira e segunda metade, a conclusão é de que nos últimos quatro anos a balança comercial rendeu um superávit adicional de US\$ 44 bilhões. Contudo, não se deve esquecer que grande parte deste resultado é devida à sucessiva redução do valor da importação de petróleo.

Tal redução, vista pela média dos dois períodos, foi de US\$ 9,8 para US\$ 4,9 bilhões, implicando uma economia aproximada de US\$ 20 bilhões nos últimos quatro anos.

O aumento das exportações, por um lado, e a redução das importações, por outro, levaram o país a superávits comerciais marcantes - e necessários - desde 1984. Contudo, há que se observar que a geração de excedentes deveu-se muito mais à redução das importações que ao aumento das exportações.

Um outro complicador para a geração de excedentes está na capacidade do país de diversificar a pauta de exportação e os parceiros comerciais com vistas a reduzir os riscos de retaliações.

Não obstante a política cambial, através de minidesvalorizações, haver trazido a taxa de câmbio a níveis mais realistas no decorrer de 1987, a queda de preço das "commodities", comportamento verificado desde 1984, fez com

que o resultado das exportações catarinenses não tivesse o mesmo desempenho do restante do país, tendo em vista a grande participação dos produtos básicos em sua pauta de exportação.

Neste ano, as exportações catarinenses atingiram valores superiores a um bilhão de dólares, sendo a terceira vez que isto ocorre. Contudo, apesar da euforia com que se anunciam os dados sobre o desempenho das exportações, é bom destacar que desde 1984 seu valor mantém-se em torno desta cifra, sendo que agora foi atingida a menor participação relativa da contribuição catarinense nas exportações brasileiras desde 1980 (vide tabela 1).

TABELA 1
EXPORTAÇÕES - QUANTIDADE E VALOR, E PARTICIPAÇÃO DE SANTA CATARINA EM RELAÇÃO AO BRASIL, 1980-87

ANO	QUANTIDADE EXPORTADA (t)	VALOR DAS EXPORTAÇÕES		
		US\$ 1.000 FOB	Taxas de Crescimento (%)	Participação de SC em relação ao Brasil (%)
1980	1.311.414	858.105	62,10	4,26
1981	1.469.359	946.061	10,25	4,06
1982	1.634.974	848.905	(10,27)	4,21
1983	1.968.241	885.831	4,35	4,05
1984	2.249.842	1.154.242	30,30	4,20
1985	2.201.219	1.001.263	(13,25)	3,91
1986	1.804.341	949.813	(5,14)	4,24
1987	1.690.362	1.011.953	6,54	3,86

FONTES: Banco do Brasil, CACEX. Revista CACEX, no 1.078. Centro de Comércio Exterior de Santa Catarina - CECEX.
ELABORAÇÃO: Instituto CEPA/SC.

Contudo, não foi só a queda dos preços das "commodities" o único fator decisivo para a modesta recuperação das exportações catarinenses; mas o foi juntamente com a perda de mercados já conquistados - em razão de seu atendimento parcial em 1986, devido ao suprimento do mercado interno - o que prejudicou a continuidade de conquista de novos mercados, além, é claro, da carga de subsídios que o governo americano colocou através do EEP (Export Enhancement Program) nos principais produtos da pauta de exportação catarinense de origem agrícola, quais sejam, o complexo soja e carne de frango e seus derivados (vide tabela 2), principalmente através do seu financiamento.

Entretanto, através da guerra comercial travada entre os Estados Unidos e a Comunidade Econômica Européia, é possível que o mercado tenda a ajustar-se, trazendo vantagens gradativas aos exportadores terceiro-mundistas, tendo em vista a impossibilidade de concorrência destes, através de subsídios, com os primeiros.

Portanto, pode-se pressupor uma eventual elevação dos preços das "commodities" e/ou um realinhamento do mercado internacional, tornando possível uma concorrência mais efetiva dos produtos de origem agrícola dos países do terceiro mundo.

TABELA 2
EXPORTAÇÕES - QUANTIDADE E VALOR DOS PRINCIPAIS PRODUTOS
AGROPECUÁRIOS E DERIVADOS - SANTA CATARINA, 1986-87

PRINCIPAIS PRODUTOS	ANO			
	1987		1986	
	Qtidade (t)	Valor (US\$ 1.000 FOB)	Qtidade (t)	Valor (US\$ 1.000 FOB)
Carne de frangos e derivados congelados	121.911	129.079	144.129	141.088
Farelo de soja	635.110	117.452	652.647	112.616
Fumo	31.904	89.196	28.522	78.874
Açúcar refinado	377.258	49.646	421.867	66.647
Óleo de soja refin.	107.482	31.584	52.808	17.878
Sementes e frutos de soja	32.357	6.334	23.700	6.803
SUBTOTAL	1.306.022	423.391	1.323.675	423.906
TOTAL	1.609.362	1.011.953	1.804.341	949.813

FONTE: Centro de Comércio Exterior de Santa Catarina.
ELABORAÇÃO: Instituto CEPA/SC.

VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA

9. VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA

Os cálculos, cujos resultados são apresentados neste item, representam uma tentativa de aproximação do valor bruto da produção (VBP) agropecuária em Santa Catarina, onde foram contemplados 28 produtos agrícolas, considerados de maior representatividade econômica, dos quais se disponha de dados de produção e preços.

METODOLOGIA DE CÁLCULO

Nos cálculos do VBP agropecuário a nível de microrregião homogênea da Fundação IBGE, consideraram-se as atividades da lavoura temporária e permanente, da pecuária e do pescado, utilizando-se os preços recebidos pelo produtor e as quantidades de produtos comercializados mensalmente na região produtora, sendo que a ponderação foi efetuada levando-se em consideração os meses de safra.

A nível estadual, o VBP agropecuário resulta do somatório do VBP das 16 microrregiões existentes em Santa Catarina, respeitada a importância econômica de cada uma delas no contexto estadual. Excetua-se a atividade "produção florestal", onde o VBP foi trabalhado somente a nível estadual, pois os dados não se apresentavam em níveis mais desagregados.

Ressaltam-se, ainda, nos cálculos do VBP agropecuário, algumas particularidades:

1 - PREÇOS

Os preços recebidos, utilizados para os diferentes produtos, foram aqueles observados nas diferentes MRH do estado, coletados mensalmente através dos órgãos de apoio, assistência e extensão do setor agrícola estadual.

Para a maioria dos produtos, os preços recebidos foram aqueles levantados pela EMATER/SC-ACARESC junto às propriedades rurais. Entretanto, para os seguintes produtos, não

contemplados na coleta, utilizou-se a seguinte orientação:

. ALHO

Os preços a nível de produtor foram coletados pelo Instituto CEPA/SC e publicados mensalmente através do documento Acompanhamento Conjuntural.

. PRODUÇÃO FLORESTAL

Os preços foram levantados junto às indústrias madeireiras, ao Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal e a produtores.

. MAÇA

Utilizaram-se os preços médios do produto vendido para consumo "in natura" e para fins industriais, constatados nas regiões onde a cultura recebe a orientação do Projeto de Fruticultura de Clima Temperado, assistido pela EMATER/SC-ACARESC.

. PESCADO

Contemplaram-se os preços recebidos pelos pescadores, coletados pela SUDEPE nos diversos locais de desembarque de produto, tais como trapiches, portos, beira da praia, ou quando da entrada do mesmo na indústria pesqueira.

Deve-se salientar que nas séries temporais de preços recebidos pelos agricultores (EMATER/ACARESC), pelos diferentes produtos considerados para o cálculo do VBP, havia, para alguns meses, indisponibilidade de informações sobre cotação. Este fato implicou a necessidade de obter valores estimados correspondentes, de modo a viabilizar o cálculo daquele indicador sem que fossem desconsideradas as respectivas quantidades produzidas.

Para tanto, na maioria dos casos, os extremos conhecidos foram interpolados geometricamente, gerando as estimativas por encadeamento sucessivo. Nos casos em que não havia condição de aplicar o referido critério, quer por inexistência de um dos extremos, quer por excessiva defasagem entre ambos, foram utilizados como estimativa os respectivos preços da

microrregião homogênea de maior expressão na produção e comercialização (10).

2 - PRODUÇÃO

- LAVOURAS TEMPORARIAS E PERMANENTES

Utilizaram-se as quantidades produzidas por microrregião homogênea, conforme dados contidos no documento "Produção Agrícola Municipal - 1986, do IBGE, enquanto que para 1987 se trabalhou com os dados preliminares do IBGE/GCEA-SC. Para a cultura da maçã foram consideradas as quantidades produzidas na área do Projeto de Fruticultura de Clima Temperado.

- PECUARIA

Nos itens aves, suínos e bovinos de corte, computaram-se todos os animais vendidos - seja os abatidos sob inspeção federal, os não inspecionados, os animais vivos que se destinam ao mercado interestadual, e também os destinados ao auto-consumo na propriedade, registrados pelo Instituto CEPA/SC durante o período analisado. Sua desagregação a nível microrregional foi feita com base na distribuição percentual do efetivo do rebanho, conforme a Sinopse Preliminar do Censo Agropecuário de 1985, publicado pelo IBGE. Para o leite, computaram-se as quantidades produzidas na propriedade, inclusive o produto consumido pelo terneiro. Foram feitas estimativas para o volume de leite produzido por microrregião pelo Instituto CEPA/SC, baseadas no comportamento de produção dos anos anteriores.

Quanto ao mel de abelha, a quantidade produzida considerada foi aquela estimada e divulgada anualmente pelo Instituto de Apicultura de Santa Catarina.

(10) O procedimento adotado decorreu da premência de tempo e, também, da não-disponibilidade de "softwares" específicos para o tratamento de séries temporais.

- PRODUÇÃO FLORESTAL

Foram inseridos neste item o carvão, a erva-mate, a lenha, o palmito e a madeira em tora, coletados pela Fundação IBGE, através do documento "Produção Extrativa Vegetal", referentes aos anos de 1982 e 1985 e estimados pelo Instituto CEPA/SC para 1986 e 1987.

Ressalta-se que no item madeira em tora, as estimativas contemplaram, inclusive, toda a matéria-prima utilizada pelas indústrias de celulose.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO AGROPECUARIA

Ao analisar o VBP do setor agrícola estadual, corrigido a preços de dezembro de 1987, através das taxas de inflação, observa-se que a maioria dos produtos que compõem o setor tiveram um desempenho não-satisfatório em 1987, quando relacionado com o de 1986.

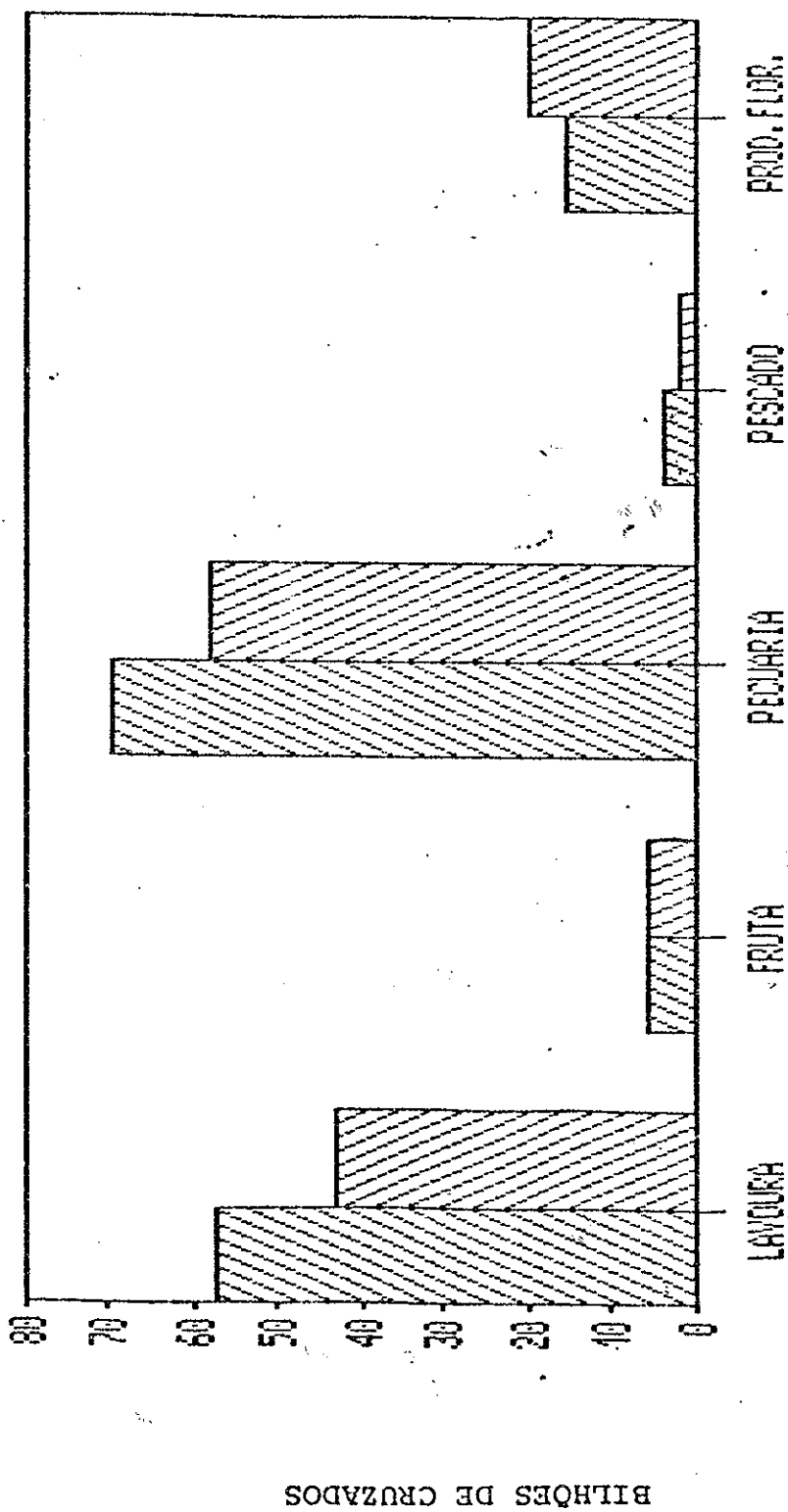
Constata-se que o VBP agropecuário apresentado em 1987 foi de 129,5 bilhões de cruzados, contra 152,1 bilhões em 1986, mostrando um decréscimo real de 14,91%.

Esta queda no valor da produção gerada pelo setor agrícola estadual entre os dois períodos não pode ser interpretada como uma diminuição no desempenho produtivo do setor, uma vez que aqueles produtos economicamente mais representativos tiveram aumentos nas quantidades físicas produzidas, enquanto seus preços, a nível de produtor apresentaram crescimentos nominais inferiores às taxas de inflação verificadas no mesmo período.

Os produtos que acusaram crescimento no seu VBP em 1987 foram o alho, a batata, os bovinos de corte, o leite, a uva, a erva-mate, a lenha, a madeira em tora e o palmito, ficando evidenciado, para esses produtos, que a situação teve reflexos positivos. Os demais produtos, considerados na análise, tiveram o seu valor bruto diminuído em 1987, quando houve uma alta nos preços dos insumos, em níveis bem superiores aos observados para os produtos agrícolas.

Os dados encontrados confirmam a forte concentração das exportações avícolas e suínicas no estado, detentoras de 30,66% do VBP do setor primário gerado em 1987, sendo que as atividades oriundas da produção animal, incluindo o pescado e o mel de abelha, somaram 46,69% do montante. O grupo raízes, tubérculos e legumes, constituído pelas culturas de alho, batata, cebola, mandioca e tomate, contribuíram com 8,37% do VBP. As frutíferas, formadas pelas culturas de banana, maçã e uva, tiveram participação de 4,55%. Os grãos, compreendendo o arroz, o feijão, o milho, a soja e o trigo, somaram 18,65% do VBP, sendo que o milho, isoladamente, obteve 8,17% do VBP do setor primário e, no conjunto dos grãos, 43,82% do VBP encontrado. As culturas de cana-de-açúcar e fumo tiveram participação de 6,30%. As atividades oriundas da produção florestal tiveram participação de 15,45%, com destaque para o item madeira em tora, que contribuiu com 12,29% na formação do VBP estadual.

GRÁFICO 1
 DISTRIBUIÇÃO DO VBP, POR SUBSETOR A PREÇOS DE DEZ/87 - 1986-87

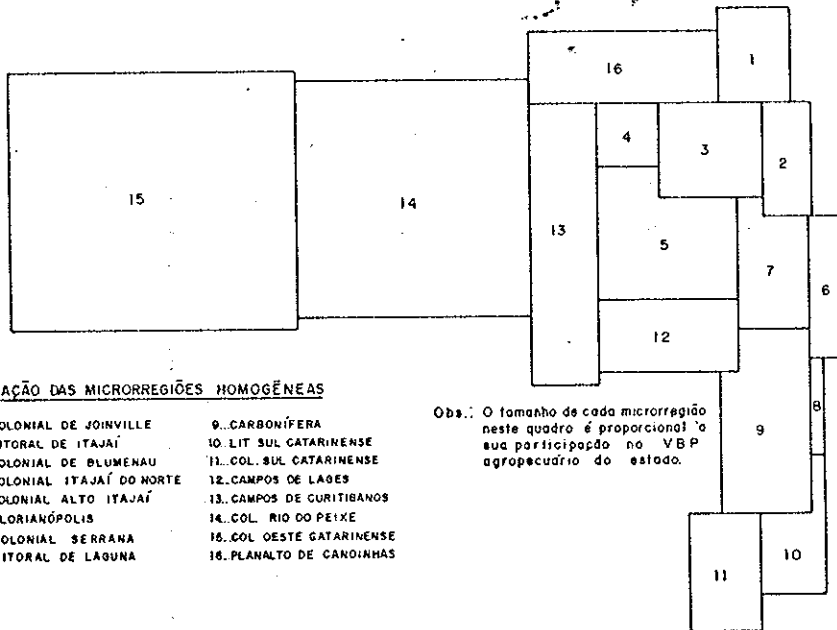


▨ 1986 ▨ 1987

ELABORAÇÃO: Instituto CEPA/SC.

MAPA 1

DISTRIBUIÇÃO DO VBP AGROPECUÁRIO DO ESTADO, NAS MICRORREGIÕES HOMOGÊNEAS DE SANTA CATARINA - 1987



RELAÇÃO DAS MICRORREGIÕES HOMOGÊNEAS

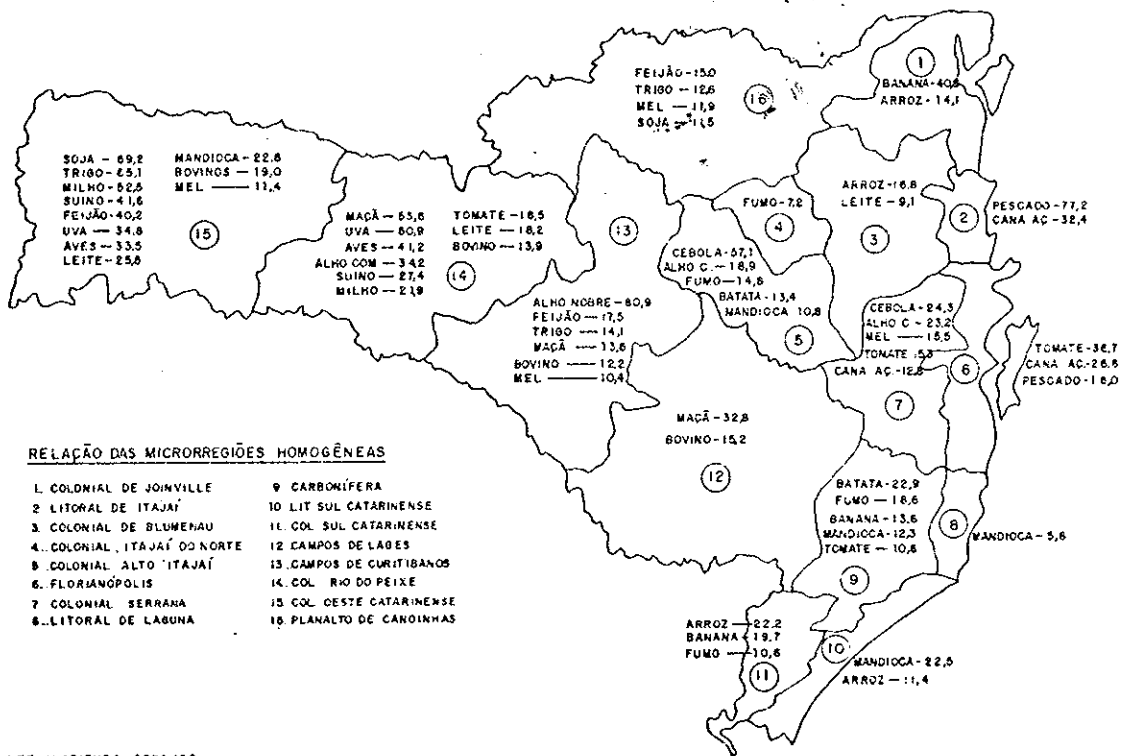
- | | |
|-----------------------------|----------------------------|
| 1..COLONIAL DE JOINVILLE | 9..CARBONÍFERA |
| 2..LITORAL DE ITAJAÍ | 10..LIT SUL CATARINENSE |
| 3..COLONIAL DE BLUMENAU | 11..COL. SUL CATARINENSE |
| 4..COLONIAL ITAJAÍ DO NORTE | 12..CAMPOS DE LAJES |
| 5..COLONIAL ALTO ITAJAÍ | 13..CAMPOS DE CURITIBANOS |
| 6..FLORIANÓPOLIS | 14..COL. RIO DO PEIXE |
| 7..COLONIAL SERRANA | 15..COL. OESTE CATARINENSE |
| 8..LITORAL DE LAGUNA | 16..PLANALTO DE CANOINHAS |

Obs.: O tamanho de cada microrregião neste quadro é proporcional à sua participação no VBP agropecuário do estado.

FONTE: INSTITUTO CEPA/SC
ELABORAÇÃO: INSTITUTO CEPA/SC

MAPA 2

PARTICIPAÇÃO RELATIVA DOS PRODUTOS DAS MICRORREGIÕES HOMOGÊNEAS NA FORMAÇÃO DO VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA DE SANTA CATARINA — 1987



MAPA 3

PARTICIPAÇÃO RELATIVA DOS PRINCIPAIS PRODUTOS NA FORMAÇÃO DO VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA DE CADA MICRORREGIÃO HOMOGÊNEA DE SANTA CATARINA - 1987

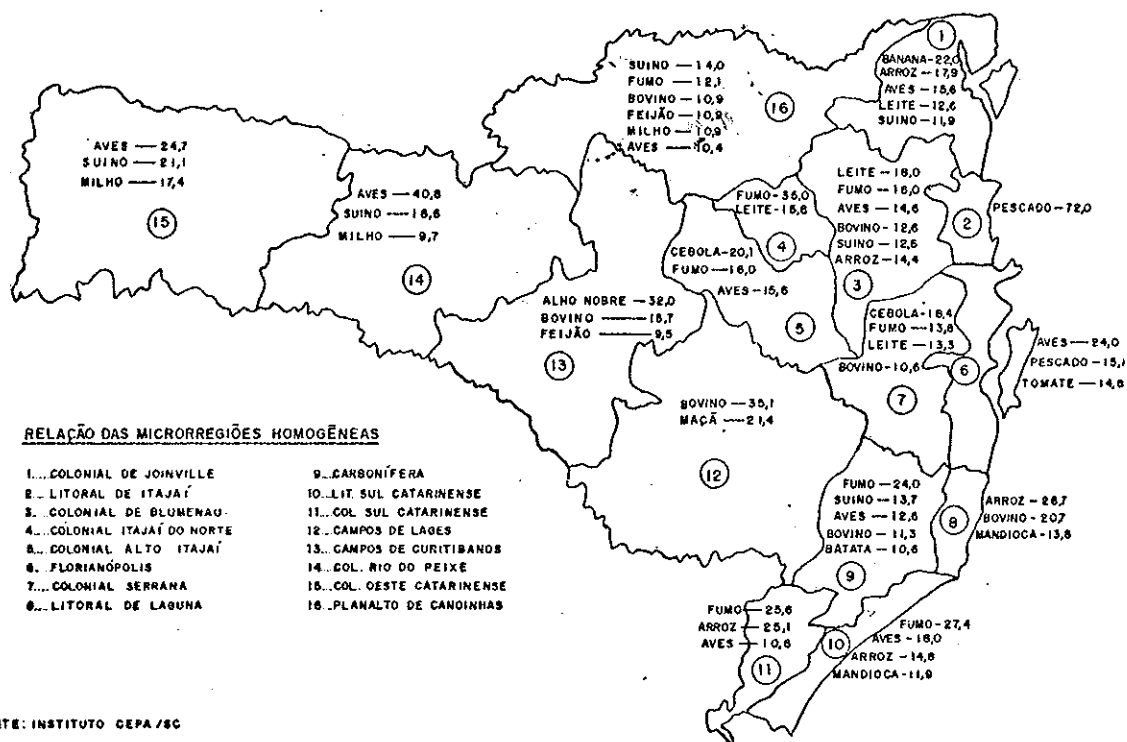


TABELA 1
ESTIMATIVA DO VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO DOS PRINCIPAIS PRODUTOS DO SETOR AGROPECUÁRIO DE SANTA CATARINA - 1986-87

PRODUTO	VBP CORRENTE		VBP REAL DE DEZ/87(1)				VARIACÃO 1987/1986 %
	(Cz\$ 1000)		1986		1987		
	1986	1987	Cz\$ 1000	%	Cz\$ 1000	%	
LAVOURA	16296600	19774978	57509121	37.80	43122050	33.31	-25.02
ALHO	422416	990257	2471571	1.62	3192354	2.47	29.16
ARROZ	977325	1283541	5591330	3.68	3598557	2.78	-35.64
BATATA	411179	1021715	2266621	1.49	2757548	2.13	21.66
CANA	120944	363472	629342	0.41	483380	0.37	-23.19
CEBOLA	501500	977684	2848218	1.87	2484932	1.92	-12.75
FEIJÃO	878200	1489676	5139264	3.38	4182354	3.23	-18.62
FUHO	2088783	2547115	11929502	7.84	7675095	5.93	-35.66
MANDIOCA	359989	900783	1961185	1.29	1464402	1.13	-25.33
MILHO	2789303	6862213	15324000	10.07	10576212	8.17	-30.98
SOJA	1052601	1903825 (2)	5877779	3.86	3903653	3.02	-33.59
TRIGO	502050	1782016	2409066	1.58	1875751	1.45	-22.16
TOMATE	191502	452681	1068443	0.70	927812	0.72	-12.51
FRUTA	1088049	3898423	5924304	3.89	5890313	4.55	-0.57
BANANA	317004	894397	1690450	1.11	1522930	1.18	-9.91
MAÇA	595065	2522703	3229948	2.12	2773419	2.14	-14.13
UVA	175900	481323	1003906	0.66	1593964	1.23	58.78
PECUÁRIA	12937989	34150848	69723750	45.83	58296480	45.83	-16.39
AVES	5366174	13593184	29011947	19.07	23553820	18.19	-18.81
BOVINOS	1765122	5674721	9463887	6.22	9855752	7.61	4.14
LEITE	1258776	5154935	6707627	4.46	8233284	6.36	21.30
MEL	119070	349404	619273	0.41	508187	0.39	-17.94
SUÍNOS	4428839	9378504	23841016	15.67	16145437	12.47	-32.28
PESCADO	666552	1262285	3617966	2.38	2155067	1.66	-40.43
CRUSTÁCEOS	176356	266734	957243	0.63	455388	0.35	-52.43
MOLUSCOS	7210	17006	39178	0.03	29170	0.02	-25.54
PEIXES	482978	978465	2621545	1.72	1670509	1.29	-36.28
PROD.FLOR.	2830821	14221000	15364898	10.10	19998000	15.45	30.15
CARVO VEG.	98000	265000	531916	0.35	322000	0.29	-30.06
ERVA-MATE	143516	793000	778964	0.51	1115000	0.86	43.14
LENHA	172200	1817000	934653	0.61	2556000	1.97	173.47
MAD.TORA	2413000	11314000	13097004	8.61	15911000	12.29	21.49
PALMITO	4105	32000	22281	0.01	44000	0.03	97.48
TOTAL	27820011	73387534	152140039	100.00	129461910	100.00	-14.91

FONTE: INSTITUTO-CEPA/SC

(1) Consideraram-se as taxas de inflação brasileira

(2) Utilizaram-se os preços recebidos pelos produtores verificados nas principais regiões produtoras, coletados pelo Instituto Cepa/SC durante os meses de comercialização de 1987.

TABELA 2
VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO DOS PRINCIPAIS PRODUTOS DO SETOR AGRICOLA DE SANTA CATARINA, POR MICRO-REGIÃO - 1986

(Cz\$ 1.000,00)

PRODUTO	COL. DE COL. ITAJAI	COL. ALTO FLORIANO	COL. LITORAL	CARRO-Í	LITORAL	COL. SUL	CAMPOS	CAMPOS COL.	RIO COL. OESTE	PLANAL	TOTAL					
ITAJAI	FLORIANO	LITORAL	CARRO-Í	LITORAL	COL. SUL	CAMPOS	CAMPOS COL.	RIO COL. OESTE	PLANAL	TOTAL						
ITAJAI	FLORIANO	LITORAL	CARRO-Í	LITORAL	COL. SUL	CAMPOS	CAMPOS COL.	RIO COL. OESTE	PLANAL	TOTAL						
Alho-com	0	1718	0	23227	491	9324	654	3571	1863	409	0	6404	1554	1881	50326	
Alho-nob	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
Arroz	140477	46520	173344	4868	78998	24945	6284	29318	64868	100111	224020	1355	6669	17076	39512	19560
Batata	549	372	4420	8905	33357	13937	47829	109	79736	655	4124	58253	14523	41557	58350	44503
Cana	10746	28962	6886	0	45332	12871	399	3451	625	22	1899	8784	0	0	0	120944
Cebola	0	142	8764	3240	268667	5997	151512	331	4926	5491	1855	5278	15412	13563	9504	7446
Feijão	2443	2575	12232	16707	77350	5087	18896	5898	58484	25833	21123	15704	87302	58828	404898	65448
Fumo	49571	8898	168714	148932	331904	14959	145443	14932	357334	247667	243731	16733	12062	50210	140175	168118
Mandioca	11425	1833	19398	16734	72399	13134	15612	16670	36725	75639	8120	73	320	6344	59132	12231
Milho	17098	2059	51111	29457	74161	8692	41049	1863	59969	19595	61367	43425	130339	724411	1374830	154677
Soja	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Tomate	10159	2412	6819	0	9372	57973	39125	0	23894	310	107	7100	16210	12029	0	5292
Trigo	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Banana	140290	6804	17256	199	0	17684	10849	13947	40018	14186	53031	0	0	0	0	2749
Aves	82311	5217	114878	27298	267925	110542	34715	7736	140616	92456	69555	21624	87016	2164535	2004482	123368
Leite	55721	6954	107741	39961	194706	30568	65213	5558	71370	17798	17727	57085	58039	228815	329936	61884
Bovinos	39162	13594	96598	26711	102656	33094	61625	21749	123122	42347	20838	251134	214836	247122	357074	111460
Suínos	94238	6658	133696	48945	174865	19255	69704	4572	214424	45973	69716	72103	158251	123093	1833862	220284
Mel	2331	1506	2473	1415	8110	2402	19006	1043	12724	5227	8005	10510	32471	5887	13235	119078
Uva	0	0	110	124	3686	0	2089	0	11197	4	1606	1003	2952	121378	28911	2920
Maca	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Pescado	2576	506165	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
TOTAL	652299	639871	3498631	375687	1647151	495635	751146	152601	1314859	795445	813540	751550	1422653	5398649	7753910	1193956

FONTE: INSTITUTO CEPAS/SC.

TABELA 3

VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO DOS PRINCIPAIS PRODUTOS DO SETOR AGRICOLÁRIO DE SANTA CATARINA, POR MICROREGIÃO - 1986

(Em 1.000,00-Rez/87)

PRODUTO	JOINVILLE	ITAJAI	BLUMENAU	NORTE	ITAJAI	NÓPOLIS	SERRANA	LAGUNA	NIFERA	SUL	CATARIN	LAGES	CURITI	PEIXE	CATARIN	CANGIN	TOTAL
MICROREGIÃO	COLONIAL	FLOR.	COLONIAL	LITORAL	CARBO-	LITORAL	COL.	SUL	CAMPOS	CHAP.	COL.	DEST.	PLANAL	TOTAL			
Alho-com	0	0	9222	0	124720	2635	50064	3513	19176	5709	2196	0	0	34547	8344	16101	270327
Alho-nob	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	56833	1873620	176855	42488	51598	2201344
Arroz	804973	266261	991490	27998	451843	142444	36072	168233	370610	572326	1380367	7761	34761	97676	226844	111651	5591330
Batata	3044	2047	24466	49874	191563	77316	264550	597	438666	3594	22519	321431	80185	228443	323450	244876	2266621
Cana	55639	159760	35880	0	0	236136	66963	2069	18956	4397	3254	0	114	9884	45290	0	629342
Cebola	0	808	56569	18406	1525595	34365	809192	1878	27831	38976	5948	25767	37354	75526	54098	43593	2848218
Feijão	14188	14978	71248	97549	451832	29416	110159	27965	379197	149070	121423	91814	514654	343496	2378069	382206	5139264
Fumo	111818	46121	965133	851363	1896972	85483	831616	85167	2038184	1412312	1389504	96771	68804	285686	804710	961658	11929502
Mandioca	62318	10014	105759	92286	394659	71632	85193	58234	199853	411777	44235	399	1742	34542	321950	66592	1961185
Milho	93915	11307	208048	141661	385322	47749	225626	5835	329374	107637	337336	239129	716265	3980229	7551632	8561335	15324000
Soja	0	0	0	0	3169	0	0	0	0	17082	1556	24674	576627	704643	3874802	679226	5877779
Tomate	56262	13091	37320	0	51608	321320	216950	0	131975	1697	597	39599	90755	70272	0	29187	1060443
Trigo	0	0	0	0	0	0	0	0	96	0	0	431	277295	142003	1757767	232194	2409866
Banana	749698	36363	91721	1059	0	95116	59306	75629	212891	74710	288595	0	0	0	0	14362	1690450
Aves	445394	27981	620733	155991	1458043	604549	187651	42666	801420	499124	374342	115987	476508	11701372	10843797	660889	29011947
Leite	300118	37632	500574	215459	565650	165647	351146	20435	385581	95681	95347	388573	312103	1232911	1778392	334156	6787327
Bovinos	210183	72897	485998	142693	551532	177530	332222	115213	600729	226576	154877	1343054	1150135	1327720	1914163	597865	9463887
Suínos	508698	35775	720121	263764	1046602	103866	376575	24903	1146650	246808	373598	4309105	853448	6584233	9979946	1185764	23841016
Rei	12309	7913	12817	7418	42331	12922	98623	5435	66611	27182	41161	54428	65096	30725	69235	65767	619273
Uva	0	0	630	707	21021	0	11910	0	63877	26	9153	5716	16884	492428	164901	16653	1003906
Maca	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3229948
Pescado	139904	2747088	0	0	0	496994	0	194329	0	392308	0	0	0	0	0	0	3617966
TOTAL	3568361	3461556	5086529	2066230	9149462	2705122	4162828	841421	7253077	3925994	4538108	4082902	7890443	29323006	42136828	6544473	136775141

FONTE: INSTITUTO CEPAS/SC.

TABELA 6
PARTICIPAÇÃO RELATIVA DAS HRH NA FORMAÇÃO DO VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA, POR PRODUTO E TOTAL, SANTA CATARINA - 1987

PRODUTO	LITORAL		SERRANA		LAGUNA		NITERÓI		LAJES		CATARIN		CURIT		CARPOSICOL		RIO:COL:OEST		PLANAL		TOTAL
	COLONIAL	FLOR:COL:ALTO	ITAJAI	BLUMENAU	ITAJAI	NORTE:ITAJAI	INÓPOLIS	SERRANA	LAGUNA	MITERÓI	LITORAL	COL:COL	SUL	CATARIN	LAJES	CURIT	PEIXE	CATARIN	CANOIN	PLANAL	
Alho_coa	0.00	0.00	3.48	0.00	0.00	18.91	1.27	23.17	1.55	6.83	2.16	0.82	0.00	0.00	34.19	2.48	5.93	100.00			
Alho_nob	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00	5.13	80.88	11.28	0.77	1.94	100.00			
Arroz	14.87	4.12	16.78	0.45	8.21	2.26	0.54	4.55	4.55	4.59	11.40	22.21	0.46	0.85	1.94	4.60	2.96	100.00			
Batata	1.30	0.00	0.98	1.38	13.40	3.78	10.06	0.04	22.89	0.32	0.95	9.61	3.22	12.88	10.42	9.56	100.00				
Cana	3.66	32.38	3.95	0.00	0.00	26.64	12.84	0.27	6.25	0.26	0.32	0.90	0.83	2.88	10.52	0.00	100.00				
Cebola	0.00	0.00	3.07	0.56	57.12	1.06	24.28	0.05	0.72	0.59	0.11	5.15	1.02	2.82	2.55	1.70	100.00				
Feijão	0.31	0.20	1.12	0.83	5.46	0.58	1.78	0.20	1.97	0.81	1.36	3.99	17.58	8.66	40.24	14.99	100.00				
Fumo	0.77	0.37	8.75	7.25	14.76	0.77	5.90	0.78	16.55	9.86	10.59	1.08	0.72	2.49	8.30	9.12	100.00				
Mandioca	5.15	0.24	2.78	4.23	16.79	2.93	2.75	5.77	12.32	22.46	2.08	0.16	0.09	3.12	22.85	2.28	100.00				
Milho	0.59	0.09	1.51	1.01	2.98	0.28	1.55	0.85	2.58	0.69	2.41	1.78	4.36	21.91	52.47	5.92	100.00				
Soja	0.00	0.00	0.00	0.00	0.03	0.00	0.00	0.00	0.00	0.24	0.00	0.44	8.69	9.93	69.21	11.46	100.00				
Tomate	0.95	1.83	1.97	0.00	2.37	36.66	15.33	0.19	10.64	0.13	0.14	6.63	3.62	18.49	0.00	1.07	100.00				
Trigo	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00	0.12	14.13	8.08	65.12	12.55	100.00				
Banana	48.80	4.13	5.45	0.06	0.00	5.98	0.00	5.98	1.95	13.61	3.63	19.72	0.00	0.00	0.00	0.00	100.00				
Aves	1.88	0.17	2.59	0.60	4.68	2.33	0.82	0.16	3.18	2.11	1.41	0.57	2.21	41.22	33.52	2.54	100.00				
Leite	4.32	0.74	9.13	3.85	8.46	2.45	5.38	0.57	5.66	1.14	1.05	4.02	5.39	18.19	25.54	4.99	100.00				
Bovinos	2.13	0.82	5.35	1.79	5.62	1.99	3.51	1.29	6.82	2.33	1.65	15.20	12.25	13.93	18.95	6.38	100.00				
Suínos	2.89	0.14	3.26	1.11	4.12	0.37	1.62	0.13	5.84	1.09	1.71	1.58	3.54	27.36	41.63	5.21	100.00				
Hel	2.70	1.32	2.43	1.00	7.29	2.07	15.54	0.75	8.76	3.95	5.33	9.07	10.44	5.25	11.42	11.88	100.00				
Uva	0.00	0.00	0.58	0.06	2.56	0.00	2.02	0.00	4.71	0.00	0.56	0.84	1.22	58.87	34.83	2.25	100.00				
Maçã	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00	32.64	13.60	53.55	0.00	100.00				
Pescado	3.26	77.19	0.00	0.00	0.00	16.05	0.00	1.11	0.00	2.39	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00	100.00				
TOTAL	2.58	2.11	3.83	1.45	6.45	2.10	2.99	0.56	5.42	2.53	2.91	3.30	7.02	21.75	29.16	5.26	100.00				

FONTE: INSTITUTO CEPAS/SC.

TABELA 7
PARTICIPACÃO RELATIVA DOS PRINCIPAIS PRODUTOS NA FORMAÇÃO DE VALOR BRUTO DE PRODUÇÃO AGRICULTURA DAS MICROREGIÕES HOMOGÊNEAS DE SANTA CATARINA - 1987

(%)

PRODUTO	ALHO-COM	ALHO-MOB	ARROZ	BATA	CANA	CEBOLA	FEIJÃO	FUMO	MANDIOCA	MILHO	SOJA	TOBATE	TRIGO	BANANA	AVES	LEITE	BOVINOS	SUÍNOS	HEI	UVA	MACÃ	PESCADO	TOTAL
	0.00	0.00	17.90	1.27	0.63	0.46	0.37	2.09	2.67	2.21	0.00	0.31	0.00	21.97	15.63	12.56	7.41	11.93	0.48	0.00	0.00	2.48	100.00
	0.13	0.41	0.00	0.00	0.13	0.12	0.08	0.41	0.08	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00	0.06	0.06	0.91	11.12	11.25	0.29	0.22	0.00	0.00
	0.00	0.00	4.19	5.24	0.00	0.00	1.06	16.05	1.87	1.28	0.01	0.00	0.00	0.00	0.06	0.06	0.88	7.55	9.43	0.52	0.06	0.00	0.00
	0.00	0.00	0.60	0.48	1.90	0.21	2.27	13.84	1.23	5.01	0.00	0.00	0.00	4.83	5.72	7.70	13.34	10.57	2.42	0.00	0.00	0.00	0.00
	0.00	0.00	2.78	10.64	0.51	0.19	1.39	24.02	3.04	4.45	0.00	0.00	0.00	12.63	6.18	7.85	11.34	11.34	0.62	1.27	0.00	0.00	0.00
	0.00	0.00	0.00	0.32	0.04	0.53	1.22	27.39	11.89	2.63	0.35	0.00	0.00	18.00	18.00	3.39	8.31	6.37	0.72	0.00	0.00	0.00	0.00
	0.04	0.12	0.00	14.83	0.05	0.09	1.79	25.56	0.96	8.01	0.00	0.00	0.00	10.46	9.44	2.71	5.11	8.67	0.85	0.28	0.00	0.00	0.00
	0.00	0.00	3.66	0.38	0.00	3.00	3.91	1.95	0.86	4.40	0.40	0.00	0.00	3.16	6.77	7.76	33.30	5.98	1.08	0.13	21.35	4.91	0.00
	0.00	0.22	0.00	0.29	0.00	0.33	9.52	0.72	0.02	6.00	1.63	0.72	0.00	40.78	24.73	6.29	15.71	7.45	18.55	3.41	6.24	0.00	0.00
	0.01	1.44	0.07	0.52	0.16	0.20	5.27	0.80	0.19	9.73	8.46	3.82	0.00	0.00	0.00	0.00	6.59	5.77	0.11	1.74	0.00	0.00	0.00
	0.16	1.82	1.02	1.85	0.00	0.74	10.89	12.16	1.05	10.88	7.78	4.09	1.39	10.40	21.52	7.14	10.92	14.61	1.05	0.62	0.00	0.00	0.00
	0.14	2.78	3.29	2.52	0.44	2.27	3.82	7.01	1.34	9.66	3.57	1.71	1.39	10.40	21.52	7.14	10.92	14.61	1.05	0.62	0.00	0.00	0.00
	0.14	2.78	3.29	2.52	0.44	2.27	3.82	7.01	1.34	9.66	3.57	1.71	1.39	10.40	21.52	7.14	10.92	14.61	1.05	0.62	0.00	0.00	0.00

TOTAL 100.00

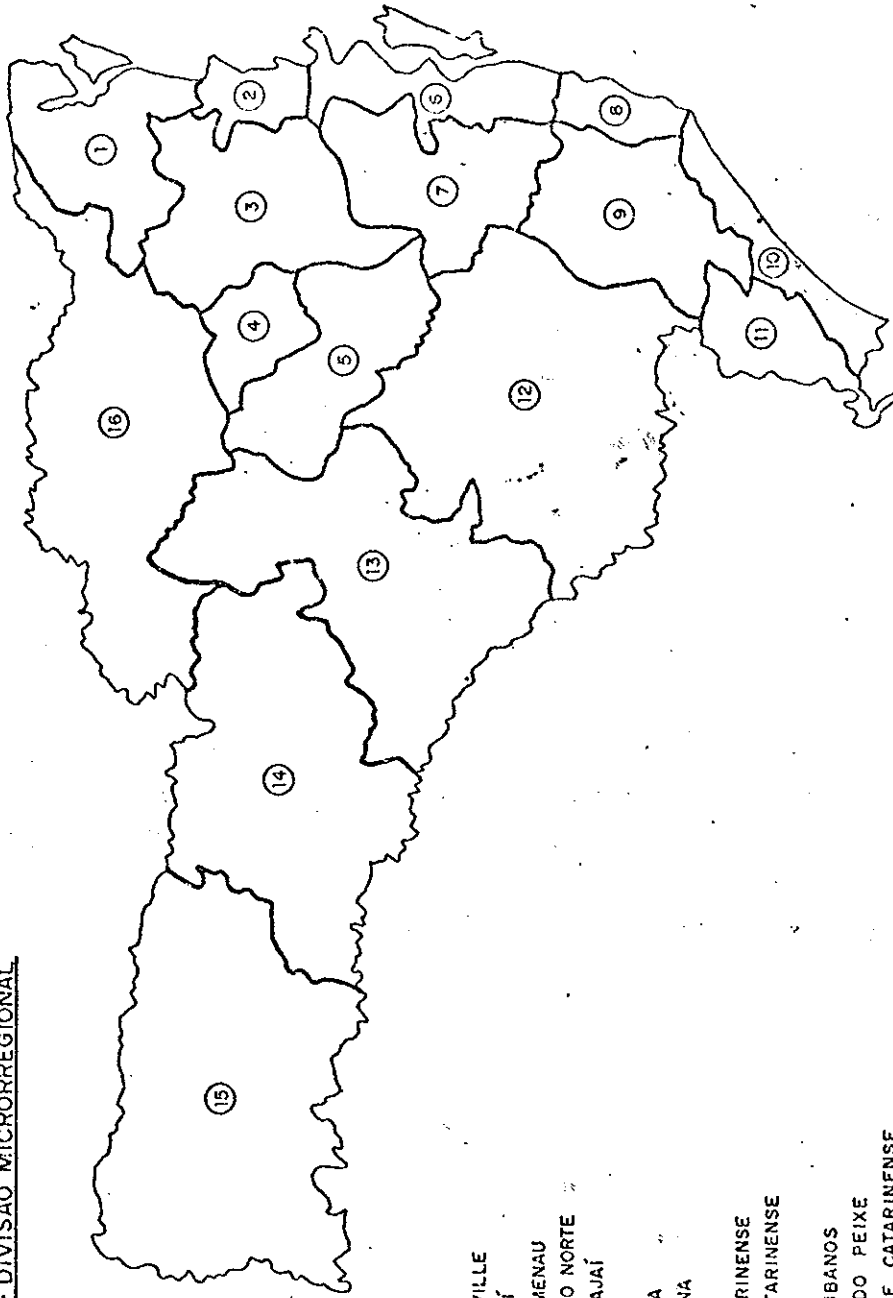
FONTE: INSTITUTO DEPA/SC

INFORMAÇÕES BÁSICAS

COMPOSIÇÃO MUNICIPAL DAS MICRORREGIÕES HOMOGENEAS DE SANTA CATARINA EM 1988

- 1 (292)-COLONIAL DE JOINVILLE - Araquari, Barra Velha, Corupá, Garuva, Guaramirim, Jaraguá do Sul, Joinville, São Francisco do Sul, Schroeder.
- 2 (293)-LITORAL DE ITAJAÍ - Balneário de Camboriú, Camboriú, Ilhota, Itajaí, Itape_{ma}, Navegantes, Penha, Piçarras.
- 3 (294)-COLONIAL DE BLUMENAU - Ascurra, Benedito Novo, Blumenau, Botuverá, Brusque, Gaspar, Guabiruba, Indaial, Luiz Alves, Massaranduba, Pomerode, Presidente Nereu, Rio dos Cedros, Rodeio, Timbô, Vidal Ramos.
- 4 (295)-COLONIAL DE ITAJAÍ NORTE - Dona Emma, Ibirama, Presidente Getúlio, Witmarsum.
- 5 (296)-COLONIAL DO ALTO ITAJAÍ - Agrolândia, Agronômica, Atalanta, Aurora, Imbuia, Ituporanga, Laurentino, Lontras, Petrolândia, Pouso Redondo, Rio do Campo, Rio do Oeste, Rio do Sul, Salete, Taió, Trombudo Central.
- 6 (297)-FLORIANÓPOLIS - Biguaçu, Florianópolis, Garopaba, Governador Celso Ramos, Palhoça, Paulo Lopes, Porto Belo, Santo Amaro da Imperatriz, São José, Tijucas.
- 7 (298)-COLONIAL SERRANA CATARINENSE - Águas Mornas, Alfredo Wagner, Angelina, Anitópolis, Antonio Carlos, Canelinha, Leoberto Leal, Major Gercino, Nova Trento, Rancho Queimado, São Bonifácio, São João Batista.
- 8 (299)-LITORAL DE LAGUNA - Imaruá, Imbituba, Laguna.
- 9 (300)-CARBONÍFERA - Armazém, Braço do Norte, Criciúma, Grão Pará, Gravatal, Lauro Müller, Morro da Fumaça, Orleans, Pedras Grandes, Rio Fortuna, Santa Rosa de Lima, São Ludgero, São Martinho, Siderópolis, Treze de Maio, Tubarão, Urussanga.
- 10 (301)-LITORAL SUL CATARINENSE - Araranguá, Içara, Jaguaruna, Maracajá, São João do Sul, Sombrio.
- 11 (302)-COLONIAL DO SUL CATARINENSE - Jacinto Machado, Meleiro, Nova Veneza, Praia Grande, Timbê do Sul, Turvo.
- 12 (303)-CAMPOS DE LAGES - Bom Jardim da Serra, Bom Retiro, Lages, São Joaquim, Urubici, Correia Pinto, Otacílio Costa.
- 13 (304)-CAMPOS DE CURITIBANOS - Anita Garibaldi, Campo Belo do Sul, Campos Novos, Curitibanos, Lebon Regis, Ponte Alta, Santa Cecília, São José do Cerrito.
- 14 (305)-COLONIAL DO RIO DO PEIXE - Água Doce, Arroio Trinta, Caçador, Capinzal, Catanduvas, Concórdia, Erval Velho, Fraiburgo, Herval D'Oeste, Ibicaré, Ipira, Ipuimirim, Iraní, Itá, Jaborá, Joaçaba, Lacerdópolis, Ouro, Peritiba, Pinheiro Preto, Piratuba, Ponte Serrada, Presidente Castelo Branco, Rio das Antas, Salto Veloso, Seara, Tangará, Treze Tílias, Videira, Xavantina.
- 15 (306)-COLONIAL DO OESTE CATARINENSE - Abelardo Luz, Águas de Chapecó, Anchieta, Caibi, Campo Erê, Caxambú do Sul, Chapecó, Coronel Freitas, Cunha Porá, Descanso, Dionísio Cerqueira, Fachinal dos Guedes, Galvão, Guaraciaba, Guarujá do Sul, Itapiranga, Maravilha, Modelo, Mondai, Nova Erechim, Palma Sola, Palmitos, Pinhalzinho, Quilombo, Romelândia, São Carlos, São Domingos, São José de Cedro, São Lourenço D'Oeste, São Miguel D'Oeste, Saudades, Vargeão, Xanxerê, Xaxim.
- 16 (307)-PLANALTO DE CANOINHAS - Campo Alegre, Canoinhas, Irineópolis, Itaiópolis, Mafra, Major Vieira, Matos Costa, Monte Castelo, Papanduva, Porto União, Rio Negro, São Bento do Sul, Três Barras.

MAPA 2
SANTA CATARINA - DIVISÃO MICRORREGIONAL



- 1-COLONIAL DE JOINVILLE
- 2-LITORAL DE ITAJAÍ
- 3-COLONIAL DE BLUMENAU
- 4-COLONIAL ITAJAÍ DO NORTE
- 5-COLONIAL ALTO ITAJAÍ
- 6-FLORIANÓPOLIS
- 7-COLONIAL SERRANA
- 8-LITORAL DE LAGUNA
- 9-CARBONÍFERA
- 10-LITORAL SUL CATARINENSE
- 11-COLONIAL SUL CATARINENSE
- 12-CAMPOS DE LAGES
- 13-CAMPOS DE CURITIBANOS
- 14-COLONIAL DO RIO DO PEIXE
- 15-COLONIAL DO OESTE CATARINENSE
- 16-PLANALTO DE CANOINHAS

Elaboração: INSTITUTO CEPA/SC

TABELA 1

ÁREA COLHIDA DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS POR MUNICÍPIO DE SC - SAFRA 1979/80

(HECTARE)

MUNICÍPIO	ALHO	ARROZ	BANANA	BATATA	CAÑA-DE- AÇÚCAR	CEBOLA	FELIJO	FUMO	MACÁ	MANDIOCA	MILHO	SOJA	TOMATE	TRIGO	UVA
COL. DE JOINVILLE	3	17707	7314	508	3880	-	591	471	-	3417	8465	-	111	-	8
LIT. DE ITAJAI	-	4125	423	18	4203	-	374	247	-	333	498	-	18	-	-
COL. DE BLUMENAU	16	17964	1357	758	1795	209	2599	5943	-	3885	16890	160	68	-	8
COL. DE ITAJAI DO NORTE	5	1138	13	162	-	39	1665	5639	-	1860	8425	222	-	-	4
COL. DO ALTO ITAJAI	118	11423	-	2885	-	6150	8446	17187	73	11874	41215	1335	57	36	239
FLORIANÓPOLIS	10	2293	822	513	2948	93	1242	552	-	1815	1890	-	241	-	12
COL. SERRANA CATARINENSE	40	1090	554	2421	2610	3922	2669	4997	28	1854	13070	3	130	-	102
LIT. DE LAGUNA	4	2500	506	11	95	20	845	436	-	2040	410	-	-	-	-
CARONIPERA	38	7439	1686	2221	1823	208	9949	10178	-	8442	21154	58	170	-	181
LIT. SUL CATARINENSE	14	11977	1149	156	405	196	4226	6145	-	11420	6300	333	46	50	-
COL. SUL CATARINENSE	4	20205	6510	71	530	5	4287	9677	-	1389	16392	-	3	-	34
CAMPOS DE LAGES	121	410	-	1447	-	510	5840	980	1584	-	18480	4200	140	130	-
CAMPOS DE CURITIBANOS	798	4461	-	1050	15	118	30410	1285	369	271	76450	50000	85	3540	94
COL. DO RIO DO PEIXE	25	11427	-	2453	1178	386	13242	1580	1575	1415	243670	79080	91	1765	3179
COL. DO OESTE CATARINENSE	-	26772	-	3315	3150	45	115559	3127	5	6775	574570	351100	35	22421	1046
PLANALTO DE CANOINHAS	93	12590	180	1834	-	347	36315	8179	105	4205	79582	33830	65	2767	178
TOTAL	1289	153521	24514	19823	22632	12248	232359	76642	3739	60995	1127461	520401	1260	36649	5085

FONTE: IBGE

TABELA 2

ÁREA COLHEITA DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS POR MUN. DE SC - SAFRA 1980/81

MUN.	PRODUTO	(HECTARE)														
		ALHO	ARROZ	BANANA	BATAIA	DANA-DE- AÇÚCAR	CEBOLA	FEIJÃO	FUBO	MACA	MANDIOCA	MILHO	SOJA	TOMATE	TRIGO	UVA
	COL. DE JOINVILLE	-	17094	5930	199	3454	-	634	339	-	3188	7070	-	88	-	8
	LIT. DE ITAJAI	-	4250	423	-	4203	-	417	163	-	493	800	-	10	-	-
	COL. DE BLUMENAU	16	16463	1552	567	1225	350	3364	4702	-	4300	18210	50	37	-	17
	COL. DE ITAJAI DO NORTE	5	1025	16	116	-	135	1940	3931	-	1945	8700	195	-	-	4
	COL. DO ALTO ITAJAI	98	10952	-	2130	-	8057	14915	15036	73	13450	41020	748	52	-	240
	FLORIANÓPOLIS	16	2641	811	716	3943	127	1255	410	-	3846	2180	2	219	-	25
	COL. SERRANA CATA- RINENSE	66	979	562	2307	3123	5142	3370	3719	28	2690	13620	4	184	-	130
	LIT. DE LAGUNA	8	2400	506	5	105	16	502	352	-	2545	410	-	8	-	-
	CARONHIFEPA	48	8317	1036	2647	828	270	10186	8723	-	9430	20970	48	212	-	199
	LIT. SUL CATAFINENSE	17	10305	1154	106	320	317	4800	4849	-	15550	7270	405	25	40	-
	COL. SUL CATAFINENSE	8	10700	5510	42	15	7	4320	7547	-	1985	17500	-	3	-	34
	CAMPOS DE LAGES	57	410	-	1340	-	585	6610	651	1866	-120	22850	3560	133	30	33
	CAMPOS DE CURITIBA	2651	4002	-	1220	15	140	27925	662	554	344	84200	45550	170	1610	111
	COL. DO RIO DO PEIXE	292	10025	-	1052	778	378	16234	907	2373	1116	24450	72420	115	224	3322
	COL. DO OESTE CATA- RINENSE	123	25265	-	2035	150	173	14002	3057	-	9430	57020	32420	35	8984	994
	PLANALTO DE CASIMIRAS	139	12060	115	2245	-	375	42240	6241	180	5641	81450	36700	75	1480	173
	TOTAL	3544	145876	19441	10327	10159	16072	202744	61389	5182	76073	1150000	403982	1366	12370	5290

FONTE: IBGE

TABELA 3

ÁREA COLHIDA DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS, POR MUNICÍPIO DE SC - 1981/82

MUNICÍPIO	(HECTARE)														
	ALHO	ARROZ	BAWANA	BATATA	CANA-DE- AÇÚCAR	CEBOLA	FELIJO	FUNGO	MACA	MANDIOCA	MILHO	SOJA	TOMATE	TRIGO	UVA
COL. DE JOINVILLE	-	17656	8554	447	3486	-	599	331	-	3258	5800	-	93	-	8
LIT. DE ITAJAI	-	4555	518	30	4203	-	466	199	-	485	510	-	92	-	-
COL. DE BLUMENAU	21	17834	1885	625	1685	265	3374	5349	-	3790	17990	6	43	-	18
COL. DE ITAJAI DO NORTE	-	981	76	95	-	44	4126	5208	-	2950	8300	280	-	-	-
COL. DO ALTO ITAJAI	67	10248	-	2120	-	5750	29966	16447	66	16885	37530	314	51	-	243
FLORIANOPOLIS	12	2760	848	959	3713	96	1317	377	-	4131	2385	-	193	-	1
COL. SERRANA CATARINENSE	99	1144	570	2480	2920	3878	4115	4598	42	3720	13520	-	269	-	435
LIT. DE LAGUNA	12	2800	586	7	90	21	600	216	-	1885	374	-	8	-	-
CARBONIFERA	36	7585	1836	2835	851	170	11570	10460	-	8332	21090	40	190	-	197
LIT. SUL CATARINENSE	48	10710	1210	145	316	188	5150	6455	-	14430	7250	360	35	-	-
COL. SUL CATARINENSE	16	20330	5514	98	290	25	4170	9335	-	1550	14900	-	3	-	34
CAMPUS DE LAGES	31	165	-	1210	-	155	8470	939	2282	-	23010	3560	152	-	33
CAMPUS DE CURITIBANGS	1686	2960	-	1220	12	96	32600	639	869	315	72700	42180	100	350	100
COL. DO RIO DO PEIXE	315	9615	-	1704	800	351	19735	1211	3016	1514	234340	69910	62	259	3231
COL. DO OESTE CATARINENSE	49	22895	-	2275	1380	100	195616	3587	3	11060	573000	292100	6	7534	1014
PLANALTO DE CAVONINHOS	140	10910	110	2725	-	245	46670	6121	166	4808	75200	37030	144	835	67
TOTAL	2492	143098	21535	10975	19666	11384	368548	71392	6444	79033	1168615	445740	1441	8978	5081

FONTE: IBGE

TABELA 4

ÁREA COLHIDA DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS, POR MUNICÍPIO DE SC - SAFRA 1982/83

MUNICÍPIO	PRODUTO											TOTAL			
	ALHO	ARROZ	BAWANA	BATAIA	CANA-DE- AÇUCAR	CEBOLA	FEIJO	FUNO	MACÊ	MANDIOCA	MILHO		SOJA	TOMATE	TRIGO
COL. DE JOINVILLE		17618	8681	180	2423	-	535	442	-	3228	5980	-	69	-	-
LIT. DE ITAJAI	-	4635	525	-	4255	-	369	355	-	432	560	-	87	-	-
COL. DE BLUMENAU	27	17805	1817	222	1635	195	2557	6644	-	4147	16575	-	42	-	18
COL. DE ITAJAI DO NORTE	-	855	16	220	-	62	3930	5800	-	2880	8100	-	-	-	-
COL. DO ALTO ITAJAI	25	9694	-	1404	-	6340	28790	17073	73	14325	34690	140	23	-	248
FLORIANOPOLIS	14	2274	825	524	3088	98	1222	511	-	3658	2356	-	375	-	-
COL. SERRANA CATARINENSE	99	1299	481	2258	2600	4210	3887	5817	52	2650	13270	-	248	-	135
LIT. DE LAGUNA	8	2810	506	13	122	11	880	645	-	2696	390	-	6	-	-
CARSONIFERA	43	7705	1827	2525	888	245	14067	13669	-	8591	19915	20	289	50	212
LIT. SUL CATARINENSE	18	10690	1015	68	326	195	5790	9282	-	14048	5200	640	40	120	-
COL. SUL CATARINENSE	10	21300	4165	81	290	27	4460	11553	-	3640	10360	65	3	4	54
CAMPOS DE LAGES	36	182	-	1603	-	116	6846	1230	2476	13570	2080	2080	103	-	11
CAMPOS DE CURITIBANOS	1792	3316	-	1170	12	90	35700	934	1225	330	54000	35790	109	2966	100
COL. DO RIO DO PEIXE	294	9779	-	1666	820	383	25676	1968	3535	1416	233940	60700	88	1158	3376
COL. DO OESTE CATARINENSE	62	22065	-	1990	2320	95	171490	5846	166	11760	571500	231900	7	17470	1084
PLANALTO DE CARMOINAS	120	10651	135	2085	-	271	44769	7620	125	4831	72195	28120	100	1445	98
TOTAL	2608	142758	19993	16010	18779	12338	350918	89369	7652	78544	102521	359455	1509	23213	5356

FONTE: IBGE

TABELA 5

AREA COLHIDA DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRICOLAS, POR MUNICÍPIO DE SC - SAFRA 1983/84

MUNICÍPIO	(HECTARE)													
	ALHO	ARROZ	BAHAMA	BATAIA-DE-ADUGAR	CEROLA	FEIJÃO	FUNO	MACIÇ	MANDIOCA	MILHO	SOJA	TOMATE	TRIGO	UVA
COL. DE JOINVILLE	-	18275	9463	95	2317	-	625	334	-	3485	4577	-	74	-
LIT. DE ITAJAI	-	4693	646	20	4422	-	483	124	-	395	659	-	95	-
COL. DE BLUMENAU	17	17247	2017	214	1514	140	3798	6762	-	3885	14755	-	38	18
COL. DE ITAJAI DO NORTE	-	985	18	240	-	60	3710	6829	-	3050	8325	-	-	6
COL. DO ALTO ITAJAI	76	9788	-	1495	5	6225	27195	18919	78	14410	29765	165	62	248
FLORIANOPOLIS	10	2695	887	501	4422	185	1428	420	-	4285	1955	-	379	-
COL. SERRANA CATARINENSE	114	1345	577	2125	2883	4130	4274	4623	52	3879	11640	-	246	154
LIT. DE LAGUNA	8	3717	532	5	122	9	882	356	-	4833	730	-	6	-
CARBONIFERA	30	8347	2071	2510	918	281	12518	12866	1	9276	17835	6	210	40
LIT. SUL CATARINENSE	17	10860	1295	35	341	130	5045	6665	-	15520	6160	825	35	320
COL. SUL CATARINENSE	9	22950	6111	115	290	27	5764	10967	-	1770	15250	90	5	84
CAMPOS DE LAGES	170	422	-	2070	-	245	7810	1472	2737	25	20670	2450	91	5
CAMPOS DE CURITIBANOS	1584	3135	-	995	20	125	40120	1051	2015	310	59230	36330	114	2212
COL. DO RIO DO PEIXE	310	7620	-	1901	890	407	26955	2110	3781	1431	206480	60020	115	505
COL. DO OESTE CATARINENSE	92	19270	-	2650	2310	90	241595	7850	279	13870	480650	279950	2	13686
PLANALTO DE CANOINHAS	120	10012	130	2565	-	255	41289	9777	142	3558	59050	36610	196	362
TOTAL	2557	139281	23747	17236	20454	12157	293891	91225	9085	83102	937731	422446	1574	17234

FONTE: IBGE

TABELA 6

ÁREA COLHIDA DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS, POR MUNICÍPIO DE SC - SAFRA 1984/85

MUNICÍPIO	(HECTARE)														
	ALHO	ARROZ	BANANA	BATATA	CAPIÃO-DE- AÇÚCAR	CEBOLA	FEIJÃO	FUNGO	MACA	MANDIOCA	MILHO	SOJA	TOMATE	TRIGO	UVA
COL. DE JOINVILLE	-	18395	10624	75	2470	-	705	574	-	3655	4816	-	50	-	-
LIT. DE ITAJAI	-	4922	643	10	4675	5	487	303	-	439	666	-	35	-	-
COL. DE BLUMENAU	21	16548	1992	241	1705	320	4080	6366	-	4500	13950	-	23	-	18
COL. DE ITAJAI DO NORTE	-	891	18	228	-	102	3450	6984	-	1880	8800	-	-	-	6
COL. DO ALTO ITAJAI	81	9776	-	1685	-	7678	26980	15525	52	12400	29750	136	35	-	235
FLORIANÓPOLIS	10	3305	991	367	4683	187	1405	539	-	4370	2062	-	379	-	-
COL. SERRANA CATARINENSE	114	1424	577	2045	3145	4108	4580	5382	55	3975	11635	-	256	-	154
LIT. DE LAGUNA	8	3804	533	5	142	16	960	682	-	4868	440	-	-	-	-
CARBONIFEIRA	36	9772	2082	2429	945	166	14450	14958	1	10752	16160	-	183	5	381
LIT. SUL CATARINENSE	12	11880	1315	20	341	130	5180	9643	-	19900	5770	1180	27	-	-
COL. SUL CATARINENSE	5	23350	6111	85	320	25	5334	10659	-	2150	15010	300	6	84	54
CAMPOS DE LAGES	168	365	-	2110	-	243	8390	900	2591	25	19040	2380	91	40	49
CAMPOS DE CURITIBANOS	1330	2785	-	793	13	381	42530	1125	2156	315	58340	36175	91	604	151
COL. DO RIO DO PEIXE	251	7940	-	2051	1089	479	28715	2245	3865	1375	207100	66810	106	1333	3633
COL. DO OESTE CATARINENSE	84	19925	-	2623	3415	290	215580	6618	524	15140	484000	275650	-	11974	1047
PLANALTO DE DAVOINHAS	122	9080	150	2170	-	269	45908	7597	142	3559	54495	37500	82	825	101
TOTAL	2144	144162	25044	16947	22232	14999	401154	90000	9396	88403	922094	420130	1364	14865	5769

FONTE: IBGE

TABELA 7

ÁREA COLHIDA DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS, POR MUNICÍPIO DE SC - SAFRA 1985/86

MUNICÍPIO	PRODUTO												TOTAL	
	ALHO	ARROZ	BANANA	BATATA	CEBOLA	FEIJÃO	FUMO	MACA	MANDIOCA	MILHO	SOJA	TOMATE		TRIGO
COL. DE JOINVILLE	-	14588	11108	15	2338	-	717	692	-	3665	4696	-	70	-
LIT. DE ITAJAI	-	4694	643	10	4655	5	510	374	-	455	677	-	35	-
COL. DE BLUMENAU	21	16504	2066	256	1820	321	5061	7027	-	4038	14040	-	60	22
COL. DE ITAJAI DO NORTE	-	986	18	255	-	102	5400	6397	-	3200	8939	-	-	6
COL. DO ALTO ITAJAI	84	8711	-	2015	-	9157	29967	16576	50	11860	25000	150	65	236
FLORIANÓPOLIS	10	3173	1032	458	4732	187	1430	642	-	3000	2078	-	485	-
COL. SERRANA CATARINENSE	114	1472	579	2165	2792	4901	5270	5955	8	3975	11205	-	220	143
LIT. DE LAGUNA	8	4256	542	5	152	16	1115	774	1	4045	452	-	-	-
CARBONIFERA	42	10249	2215	2825	1057	159	15912	16126	-	9644	15890	-	177	25
LIT. SUL CATARINENSE	13	13735	1319	18	341	130	5610	10324	-	17150	5770	1120	6	1
COL. SUL CATARINENSE	5	25458	6112	132	320	25	5829	10394	-	2420	15090	150	1	4
CAMPOS DE LAGES	168	745	-	2380	-	243	8690	1021	3220	25	19370	1615	73	110
CAMPOS DE CURITIBANOS	1700	3105	-	665	30	382	43520	817	2113	96	60560	31180	74	3014
COL. DO RIO DO PEIXE	275	7471	-	1960	1136	479	33224	2445	4340	1624	209190	59950	99	2904
COL. DO OESTE CATARINENSE	63	15418	-	2276	3745	250	166065	7494	189	12790	474060	253570	-	31387
PLANALTO DE CAROJINAS	132	8000	150	2000	-	219	39472	8109	171	2303	56950	35555	76	3556
TOTAL	2631	140565	25722	17435	23111	16666	367802	95667	10092	84812	923958	392499	1361	40000

FONTE: IBGE

TABELA 8

ÁREA COLHIDA DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS, POR HRH DE SC - SAFRA 1986/87

PRODUTO												(HECTARE)			
	ALHO	ARROZ	BANANA	BATATA	CANA-DE- AÇÚCAR	CEBOLA	FEIJÃO	FUMO	MACÁ	MANDIOCA	MILHO	SOJA	TOMATE	TRIGO	UVA
COL. DE JOINVILLE	-	18471	11692	243	750	-	690	709	-	3565	4680	-	20	-	-
LIT. DE ITAJAI	-	5004	977	-	5393	3	512	323	-	276	792	-	42	-	-
COL. DE BLUMENAU	21	18065	2025	295	1705	741	3454	6961	-	3354	13772	-	42	-	22
COL. DE ITAJAI DO NORTE	15	945	38	270	-	250	3680	6900	-	3000	9900	-	-	-	6
COL. DO ALTO ITAJAI	85	9567	-	2000	-	13397	17285	15580	50	8415	32134	50	51	-	258
FLORIANÓPOLIS	11	3956	1049	523	4443	207	1312	662	-	2290	2112	-	468	-	-
COL. SERRANA CATARINENSE	117	1222	659	2268	2442	5823	4182	5608	8	2180	12273	-	240	-	157
LIT. DE LAGUNA	6	4423	276	10	90	18	555	778	-	4710	451	-	5	-	-
CARBONIFERA	40	8793	2474	4228	1067	182	6900	17007	4	9036	16982	-	193	6	301
LIT. SUL CATARINENSE	13	14965	1575	34	100	120	2520	11640	-	16730	5577	670	8	-	-
COL. SUL CATARINENSE	5	25782	4113	180	135	20	3974	10524	-	1750	15193	-	4	-	54
CAMPOS DE LAGES	140	1140	-	2700	-	1286	11290	964	3225	300	19116	1320	75	60	49
CAMPOS DE CURITIBANOS	2277	4645	-	745	8	485	48300	935	2212	66	64095	27340	99	13219	151
COL. DO RIO DO PEIXE	597	8560	-	2026	1114	509	27400	2751	4942	1726	218286	52565	223	7442	3622
COL. DO OESTE CATARINENSE	55	18865	-	1330	2400	325	162900	8956	189	13935	526126	247310	-	84803	1076
PLANALTO DE DAMONHAS	152	9792	295	1820	-	399	41223	8007	181	2205	66591	32510	30	11417	104
TOTAL	3534	154222	24916	20522	19727	23765	336257	98305	10008	75738	1000000	341765	1500	116947	5820

FONTE: IBGE

TABELA 9

QUANTIDADE PRODUZIDA DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRICOLAS, POR NRH DE SC - SAFRA 1979/80

(TONELADAS)

NRH	PRODUTO	ALHO	ARROZ	BANANA	BATATA	CAÑA-DE- AÇÚCAR	CEBOLA	FEIJÃO	FURNO	MACÁ	MANDIOCA	MILHO	SOJA	TOURTE	TRIGO	UVA
	COL. DE JOINVILLE	5	68053	103479	3759	242100	-	351	859	-	61260	19851	-	2994	-	88
	LIT. DE ITAJAI	-	13780	6758	144	285000	-	158	404	-	6895	1821	-	432	-	-
	COL. DE BLUMENAU	92	72684	14535	5835	90325	1572	2174	10012	-	74835	42937	193	1680	-	140
	COL. DE ITAJAI DO HORTE	30	2733	60	934	-	320	1395	8558	-	39020	20160	349	-	-	13
	COL. DO ALTO ITAJAI	442	38925	-	17904	-	50889	8502	27177	-	237480	114525	2259	1066	23	1696
	FLORIANOPOLIS	59	6642	13158	5397	209635	831	844	808	-	25000	5879	-	8350	-	85
	COL. SERRANA CATARINENSE	118	2175	8364	29528	155800	32285	2120	8057	-	35130	28626	4	3450	-	909
	LIT. DE LAGUNA	10	7435	8058	72	2275	148	487	741	-	25140	726	-	-	-	-
	CARONIFEIRA	198	21559	18972	18942	55485	1467	7310	19439	-	113375	55911	79	4725	-	3538
	LIT. SUL CATARINENSE	52	35174	11178	1640	11810	1481	3089	11938	-	134400	14860	637	935	45	-
	COL. SUL CATARINENSE	12	57721	61124	404	55470	20	2609	17305	-	20280	43329	-	24	-	402
	CAMPUS DE LAGES	323	492	-	13713	-	3910	4199	1508	6914	-	36664	6300	5600	117	-
	CAMPUS DE CURITIBANOS	3083	7287	-	8889	600	786	18891	2008	2307	5315	130485	72052	2475	3774	582
	COL. DO RIO DO PEIXE	97	21869	-	16198	35650	2117	7426	2354	18944	22430	702293	92895	2421	855	25121
	COL. DO OESTE CATARINENSE	-	49277	-	16560	66850	210	36985	3625	-	111945	1619820	482362	140	11535	10390
	PLANALTO DE CANTINAS	195	23067	2442	11937	-	1569	23432	12608	60	83090	174608	61704	885	2515	1464
	TOTAL	4724	428868	248134	142876	1170361	103605	119972	127401	28225	995195	3009995	718764	35177	18864	44428

FONTE: ISEGE

TABELA 10

QUANTIDADE PRODUZIDA DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRICOLAS, POR MUN DE SC - SAFRA 1988/89

(TONELADA)

PRODUTO	ALHO	ARROZ	BANANA	BATAIJA	CANA-DE- AÇÚCAR	CEBOLA	FEIJÃO	FURNO	MACÁ	MANGIÇA	MILHO	SOJA	TOMATE	TRIGO	UVA
COL. DE JOINVILLE	-	60376	11624	1772	190470	-	369	623	-	49225	16566	-	2715	-	89
LIT. DE ITAJAI	-	14868	6740	-	251530	-	239	323	-	9249	1752	-	300	-	-
COL. DE BLUMENAU	56	63424	18653	5148	63225	3550	3215	7789	-	82900	43045	67	666	-	266
COL. DE ITAJAI DO NORTE	20	2605	85	692	-	1295	1573	6320	-	41640	20530	327	-	-	13
COL. DO ALTO ITAJAI	330	36083	-	14540	-	82949	16911	23693	-	311100	104635	1196	1187	-	2074
FLORIANOPOLIS	43	7437	12923	7682	352687	1261	1007	751	-	53602	5556	2	6472	-	179
COL. SERRANA CATARINENSE	161	1974	8432	23025	102298	46192	2795	5857	-	49240	36049	6	5201	-	1240
LIT. DE LAGUNA	20	6565	8059	32	2815	115	316	620	-	32625	700	-	96	-	-
CARBONIFERA	192	21971	20009	24754	27680	2090	9118	16325	-	121240	57319	61	6085	-	3914
LIT. SUL CATARINENSE	56	29783	16654	876	9450	2366	4773	8570	-	202600	13273	818	355	20	-
COL. SUL CATARINENSE	21	47722	51534	323	450	7	3432	13350	-	40270	53554	-	45	-	462
CARPOS DE LAGES	166	700	-	13990	-	4640	6862	799	12032	3600	47110	5358	5220	27	462
CARPOS DE CURITIBANOS	4037	7103	-	8980	375	1064	24013	968	4475	3560	133000	81417	8205	2089	1034
COL. DO RIO DO PEIXE	637	23759	-	14332	17140	2464	14101	1407	22553	17910	697406	82907	9474	179	51931
COL. DO OESTE CATARINENSE	361	55255	-	17909	4500	1200	113122	3721	-	190460	1760953	411487	175	5128	11847
PLANALTO DE CANOINHAS	202	24432	2346	18010	-	2625	43475	10238	114	91160	167162	64550	1110	790	1506
TOTAL	5720	404068	265509	151963	1002820	151809	245121	100364	39175	1274981	3162590	649196	41306	9633	75757

FONTE: IBGE

TABELA 11

QUANTIDADE PRODUZIDA DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRICOLAS POR MUNICÍPIO DE SC - SEMEIA 1981/82

MUNICÍPIO	PRODUTO	(TONELADAS)														
		ALHO	ARROZ	BAHAMA	BATAIA	CANA-DE- AÇÚCAR	ESCOLA	FEIJÃO	FUBO	MACA	MANDIOCA	MILHO	SOJA	TOMATE	TRIGO	UVA
COL. DE JOINVILLE		-	66807	112838	2318	144159	-	461	640	-	41806	13440	-	2651	-	85
LIT. DE ITAJAI		-	17273	8271	360	279989	-	258	391	-	6510	879	-	2760	-	-
COL. DE BLUMENAU		72	72669	21480	5516	88225	2710	2730	9892	-	57035	44683	7	597	-	503
COL. DE ITAJAI DO NORTE		-	1458	1207	720	-	337	3241	8968	-	53800	19568	236	-	-	-
COL. DO ALTO ITAJAI		226	32424	-	16716	-	59110	29431	30808	-	315135	88673	500	1270	-	2867
FLORIANOPOLIS		39	8287	13371	7247	222045	877	1090	724	-	51177	5725	-	5736	-	11
COL. SERRANA CATARINENSE		283	1784	8610	21516	102270	39747	3664	7994	-	46200	33271	-	7355	-	1737
LIT. DE LAGUNA		45	11060	8058	47	2100	164	406	440	-	22620	756	-	168	-	-
DARONITERA		144	22561	20392	26826	23040	1393	9269	20450	-	14414	56200	44	5372	-	4486
LIT. SUL CATARINENSE		48	32385	10930	1852	9700	1640	4530	13442	-	176540	18087	825	675	-	-
COL. SUL CATARINENSE		48	55860	51544	735	1750	335	3600	27085	-	13720	35380	-	45	-	345
CAMPOS DE LAGES		116	156	-	11890	-	1255	5979	1583	27488	-	37416	5358	5220	-	462
CAMPOS DE CURITIBANOS		5235	3087	-	10646	240	722	25280	879	9054	3475	194745	55447	4430	525	1076
COL. DO RIO DO PEIXE		1030	9227	-	13600	14520	2486	18762	2242	39910	18053	515000	56344	1720	260	55159
COL. DO OESTE CATARINENSE		188	21475	-	17165	29000	1500	165386	5418	-	150270	151140	253457	120	7039	13277
PLANALTO DE CANOINHAS		431	16564	2244	24052	-	1560	46250	11162	204	63542	145264	62326	1008	796	555
TOTAL		7005	374078	258853	160912	1923530	113745	321045	132126	76664	1141087	2628756	594052	39827	8620	80565

FONTE: IBGE

TABELA 12

QUANTIDADE PRODUZIDA DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRICOLAS. POR MUNICÍPIO DE SC - SAFRA 1982/83

(TONELADA)

MUNICÍPIO	ALHO	ARROZ	BANANA	BATATA	CANA-DE- AÇÚCAR	CEBOLA	FEIJÃO	FUMO	MACÁ	MANDIOCA	MILHO	SOJA	TOMATE	TRISSO	UVA
COL. DE JOINVILLE	-	59298	120882	1234	103685	-	310	871	-	33656	9866	-	2267	-	-
LIT. DE ITAJAI	-	18020	8380	-	266925	-	224	646	-	4858	663	-	2300	-	-
COL. DE BLUMENAU	89	71868	23137	1305	68850	1740	1402	10489	-	4713	30120	-	677	-	361
COL. DE ITAJAI DO NORTE	-	2086	272	1509	-	450	1322	7942	-	43400	7821	-	-	-	-
COL. DO ALTO ITAJAI	209	42448	-	7963	-	66460	13274	23773	-	231522	38247	151	540	-	2277
FLORIANÓPOLIS	45	6967	11994	3225	148699	919	857	927	-	32550	4608	-	5016	-	-
COL. SERRANA CATARINENSE	331	2517	7491	15934	136993	45568	2882	8780	-	28020	20754	-	6155	-	1538
LIT. DE LAGUNA	26	6980	8050	93	4080	94	356	997	-	27562	661	-	89	-	-
CARBONIFERA	168	18396	16303	24366	21060	1911	6097	21486	-	107070	31276	6	5200	60	4276
LIT. SUL CATARINENSE	53	27302	9145	548	7600	1650	2368	14150	-	159167	7301	1273	950	48	-
COL. SUL CATARINENSE	50	57427	30217	968	6010	235	2269	17097	-	39880	21476	143	45	3	446
CAMPOS DE LAGES	121	239	-	17034	-	770	3729	1516	19692	-	13245	3570	3060	-	154
CAMPOS DE CURITIBANOS	6114	5291	-	6618	240	670	21873	1626	8961	2980	43366	58922	4986	1751	796
COL. DO RIO DO PEIXE	1014	16459	-	11760	16130	2679	14550	3296	28657	18900	353338	40575	1071	688	31747
COL. DO OESTE CATARINENSE	170	42544	-	13845	60630	950	64537	6564	-	181480	1014895	260594	150	10111	14559
PLANALTO DE CANOINHAS	284	17771	2754	12092	-	1600	26773	11903	28	63003	87718	40163	1098	795	933
TOTAL	8654	395613	246384	118494	993802	125756	162908	132063	57398	1022161	1687355	405397	34484	13656	57007

FONTE: IBGE

TABELA 13

QUANTIDADE PRODUZIDA DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRICOLAS, POR RRH DE SC - SAFRA 1983/84

(MILHADA)

RRH	ALMO	ARROZ	BAHAMA	BATATA DOCA-DE-ACUCAR	CEVOLA	FEIJO	FUNGO	MACA	MANDIOCA	MILHO	SOJA	TOMATE	TRIGO	UVA
COL. DE JOINVILLE	-	74268	134878	565	98145	-	454	567	-	36620	9613	-	1675	-
LII. DE ITAJAI	-	19269	10139	240	279275	-	319	212	-	4348	1322	-	2375	-
COL. DE BLUMENAU	53	80139	27021	1644	59450	1120	2994	11090	-	42070	36171	-	712	227
COL. DE ITAJAI DO NORTE	-	2058	306	1905	-	555	3259	11211	-	45300	19980	-	-	48
COL. DO ALTO ITAJAI	249	46906	-	11276	50	59500	30742	-	235639	81519	195	1540	-	2098
FLORIANOPOLIS	39	9118	14076	4263	272555	975	1266	724	-	38229	5155	-	14952	-
COL. SERRANA CATA-RINENSE	387	2676	8721	19144	159197	37840	4284	7675	-	44278	27105	-	7855	1091
LIT. DE LAGUNA	32	12218	8474	40	4080	54	604	628	-	44374	1153	-	180	-
CARBONIFERA	113	25300	20714	27659	21660	1526	11098	21632	-	116330	44577	14	6345	2593
LIT. SUL CATA-RINENSE	49	27148	11610	348	8000	1254	4542	11611	-	178099	11220	1587	950	10
COL. SUL CATA-RINENSE	31	75450	56542	1315	5950	255	4458	19136	-	21250	43706	162	90	276
CAMPUS DE LAGES	657	662	-	21120	-	1465	6007	2411	37387	250	43495	4410	2195	4
CAMPUS DE CURITIBANUS	6251	4927	-	8755	400	1070	35592	1648	14723	2840	120816	57819	5095	1991
COL. DO RIO DO PEIXE	1159	13405	-	18027	16215	2942	23161	3325	56483	16785	534560	72891	2900	463
COL. DO OESTE CATA-RINENSE	403	35945	-	22766	51510	900	148194	12860	-	215039	1245241	368661	40	6820
FLORIANITO DE CAMBIAS	302	13377	2652	22296	-	1640	40563	16178	16	48697	119576	53030	1365	376
TOTAL	9724	453057	295154	161373	974087	111116	310439	151630	108609	1090368	2345209	578769	48269	9881
														72532

FONTE: IBGE

TABELA 14

QUANTIDADE PRODUZIDA DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRICOLAS, POR MUNICÍPIO DE SC - SAFRA 1984/85

MUNICÍPIO	(TONELADAS)													
	ALHO	ARROZ	BANANA	BATATA CANA-DE- AÇÚCAR	DEZOLA	FEIJÃO	FENO	MACA	MANGIÓCA	MILHO	SOJA	TOMATE	TRIGO	UVA
COL. DE JOINVILLE	-	73193	148393	900	105750	-	519	4463	-	39137	10021	-	1205	-
LIT. DE ITAJAI	-	20540	10260	120	311175	45	387	528	-	5288	1303	-	830	-
COL. DE BLUMENAU	63	80427	27897	1640	67275	2820	3204	11634	-	55120	32373	-	534	246
COL. DE ITAJAI DO NORTE	-	2102	306	1041	-	751	2981	12426	-	28795	18666	-	-	48
COL. DO ALTO ITAJAI	243	45899	-	13444	-	82316	21688	23282	-	203446	72203	243	930	2273
FLORIANÓPOLIS	18	11673	15725	3122	297105	1931	1180	395	-	45939	4438	-	14952	-
COL. SERRANA CATARINENSE	330	3028	8721	19318	173927	45514	4268	9120	-	52066	25140	-	7355	1207
LIT. DE LAGUNA	24	11237	8474	40	4880	101	642	1475	-	47012	687	-	-	-
CARONIFEIRA	108	29636	24080	26977	21710	1198	10636	27351	-	139852	29152	-	5445	5 2760
LIT. SUL CATARINENSE	39	39225	11756	232	8000	1170	4038	17973	-	242421	11184	1812	654	-
COL. SUL CATARINENSE	15	84366	56550	1140	6600	235	4731	17345	-	228856	39511	504	115	342
CAMPOS DE LAGES	668	568	-	19134	-	1369	5453	1577	53082	250	32569	3780	3475	2 423
CAMPOS DE CURITIBANOS	5815	3962	-	7551	260	3556	25831	1722	21684	3150	97191	55917	2850	682 1666
COL. DO RIO DO PEIXE	995	9812	-	20479	21530	3244	23459	3989	63290	16636	499166	67803	2722	1339 54570
COL. DO OESTE CATARINENSE	336	21172	-	24708	74025	2312	166800	10012	-	229490	1185943	373482	-	9087 11126
PLANALTO DE CANOINHAS	334	9860	3060	21861	-	1668	36736	14089	-	47952	90502	60341	1195	663 895
TOTAL	8988	446718	315222	162716	1082237	148130	312153	146972	139056	1182230	2159049	563882	42262	11854 75546

FONTE: IBGE

TABELA 15

QUANTIDADE PRODUZIDA DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS, POR MUNICÍPIO DE SC - SAFRA 1985/86

MUNICÍPIO	(TONELADAS)														
	ALHO	ARROZ	BAWANA	BATATA	CANA-DE- AÇÚCAR	DESBOLA	FEIJÃO	FUMO	MACA	MANDIOCA	MILO	SOJA	TOMATE	TRIGO	UVA
COL. DE JOINVILLE	-	66048	156434	180	103350	-	557	1265	-	39450	10597	-	1920	-	-
LIT. DE ITAJAI	-	29417	10260	120	321000	45	412	635	-	5952	1318	-	770	-	-
COL. DE BLUMENAU	63	76954	28076	1460	72100	2820	3162	12562	-	61000	31815	-	1776	-	259
COL. DE ITAJAI DO NORTE	-	1057	305	2160	-	751	4113	9879	-	56000	19508	-	-	-	48
COL. DO ALTO ITAJAI	252	36077	-	13116	-	82500	16512	25789	-	215729	46372	270	1750	-	1694
FLORIANÓPOLIS	18	11578	14456	4635	298240	1831	1073	1078	-	47760	4468	-	10305	-	-
COL. SERRANA CATARINENSE	342	2779	9754	15677	159882	45650	3836	10453	-	51955	24405	-	6191	-	858
LIT. DE LAGUNA	24	14610	8636	35	5280	101	776	1080	-	53348	648	-	-	-	-
CARONIFERA	131	32156	28000	25682	34935	1114	12584	25846	-	138690	34906	-	4674	24	2647
LIT. SUL CATARINENSE	39	45530	11696	207	10000	1170	5019	19825	-	254850	11797	1455	90	-	8
DOL. SUL CATARINENSE	15	191555	57146	1420	7400	225	4432	19244	-	21350	40214	270	25	4	322
CAMPOS DE LAGES	704	592	-	18240	-	1369	3343	1616	-	250	26897	2129	1110	116	336
CAMPOS DE CURITIBANOS	10022	3106	-	5363	260	3556	16486	1232	-	1092	84253	47178	3550	5315	1447
COL. DO RIO DO PEIXE	1182	8917	-	13232	22479	3244	12487	3943	-	21653	498906	59921	2290	3623	46991
COL. DO OESTE CATARINENSE	284	19088	-	16414	102000	2312	30920	10293	-	201915	1085708	329411	-	38223	9632
PLANALTO DE CANOINHAS	345	9750	3000	14881	-	1660	13152	13913	-	40392	109467	57400	1110	4315	730
TOTAL	13421	450914	326892	132930	1139726	148426	189932	156953	-	1534186	1951299	498034	35541	51620	64972

FONTE: IBGE

TABELA 16

QUANTIDADE PRODUZIDA DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRICOLAS, POR MUNICÍPIO DE SC - SAFRA 1986/87

(TONELADA)

MUNICÍPIO	ALHO	ARROZ	BAHAMA	BATATA	CAVACA-DE-ACUCAR	CEBOLA	FEIJO	FUMO	MACA	MANDIOCA	MILHO	SOJA	TOMATE	TRIGO	UVA
COL. DE JOINVILLE	-	76168	155823	2118	40650	-	638	1226	-	62890	12312	-	600	-	-
LIT. DE ITAJAI	-	21765	15572	-	374750	5	408	541	-	3924	2394	-	948	-	-
COL. DE BLUMENAU	63	89546	28378	1730	73975	7370	2516	12101	-	55440	34966	-	1040	-	281
COL. DE ITAJAI DO NORTE	45	2170	396	2287	-	2300	2231	11370	-	60000	22620	-	-	-	48
COL. DO ALTO ITAJAI	280	40290	-	20251	-	155555	13929	23362	-	191725	75485	135	1405	-	2044
FLORIANOPOLIS	20	13621	16566	7070	310825	2640	1241	1142	-	33995	6733	-	18492	-	-
COL. SERRANA CATARINENSE	389	2879	9248	21522	161120	63970	3889	8974	-	36905	36447	-	7732	-	1535
LIT. DE LAGUNA	21	16588	4366	79	2800	118	419	1046	-	61958	1831	-	105	-	-
CARBONIFERA	138	22744	29121	44386	47405	1360	4286	27190	-	128498	46759	-	5688	6	2838
LIT. SUL CATARINENSE	39	53130	10092	460	2975	998	1835	18322	-	247220	14116	1242	80	-	-
COL. SUL CATARINENSE	15	111452	57451	1600	3750	185	3193	15522	-	24600	48579	-	60	-	335
CAMPOS DE LAGES	743	1835	-	20768	-	12752	8916	1381	31119	1900	38320	1998	3625	27	336
CAMPOS DE CURITIBANS	13297	4099	-	6675	400	2540	40151	1461	16182	990	108962	39617	3390	16466	1177
COL. DO RIO DO PEIXE	2920	9263	-	48234	33674	3937	19366	4424	56822	34793	521704	45295	8830	8614	39377
COL. DO OESTE CATARINENSE	275	24793	-	17022	123084	4402	89059	14895	-	254531	1311676	208875	-	104461	11286
PLANALTO DE CANCINHAS	436	14313	4182	17170	-	3283	32371	13712	-	31960	132096	58177	525	14804	723
TOTAL	18591	504756	331124	181292	1173418	261415	224357	156669	104203	1221229	2419200	455339	52590	144378	60000

FONTE: IBGE

LISTA DE GRÁFICOS

	P.
CREDITO RURAL	
1. NUMERO DE CONTRATOS DE CREDITO CONCEDIDO A PRODUTORES E COOPERATIVAS SEGUNDO AS ATIVIDADES, SANTA CATARINA - 1970-87	80
1A. VALOR DE DEZ/87 DOS CONTRATOS DE CREDITO CONCEDIDO A PRODUTORES E COOPERATIVAS, SEGUNDO AS ATIVIDADES, SANTA CATARINA, 1970-87	80
2. NUMERO DE CONTRATOS DE CREDITO CONCEDIDO A PRODUTORES E COOPERATIVAS, SEGUNDO A FINALIDADE, SANTA CATARINA, 1970-87	84
2A. VALOR DE DEZ/87 DOS CONTRATOS DE CREDITO CONCEDIDO A PRODUTORES E COOPERATIVAS, SEGUNDO A FINALIDADE, SANTA CATARINA, 1970-87	84
3. NUMERO DE CONTRATOS DE CREDITO CONCEDIDO A PRODUTORES E COOPERATIVAS PARA A ATIVIDADE AGRICOLA, SEGUNDO A FINALIDADE, SANTA CATARINA, 1970-87	84
3A. VALOR DE DEZ/87 DOS CONTRATOS DE CREDITO CONCEDIDO A PRODUTORES E COOPERATIVAS PARA A ATIVIDADE AGRICOLA, SEGUNDO A FINALIDADE, SC, 1970-87	85
4. NUMERO DE CONTRATOS DE CREDITO CONCEDIDO A PRODUTORES E COOPERATIVAS PARA A ATIVIDADE PECUARIA, SEGUNDO A FINALIDADE, SANTA CATARINA, 1970-87	86
4A. VALOR DE DEZ/87 DOS CONTRATOS DE CREDITO CONCEDIDO A PRODUTORES E COOPERATIVAS PARA A ATIVIDADE PECUARIA, SEGUNDO A FINALIDADE, SC, 1970-87	86

FERTILIZANTES

1. INDICE DE PREÇOS PAGOS PELOS PRODUTORES, PARA OS FERTILIZANTES, SC, 1983-85 104

AGROTÓXICOS

1. INDICE DE PREÇOS PAGOS PELOS PRODUTORES, PARA OS DEFENSIVOS, SC, 1983.88 (base=preço médio do período de jan/83 a dez/85) 116

VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO

1. DISTRIBUIÇÃO DO VBP, POR SUBSETOR A PREÇOS DE DEZ/87 - 1986-87 140

LISTA DE MAPAS

	P.
ARMAZENAGEM	
1. PRODUÇÃO DE GRAOS E CAPACIDADE ESTATICA DE ARMAZENAGEM POR MICRORREGIAO HOMOGENEA DE SANTA CATARINA - FEV/86 .	17
2. DISTRIBUIÇÃO DA CAPACIDADE ESTATICA DE ARMAZENAGEM EM MEIO-AMBIENTE NAS MRH DE SANTA CATARINA - FEV/86	18
SISTEMA RODOVIARIO	
1. SANTA CATARINA - MALHA VIARIA	30
SISTEMA FERROVIARIO	
2. SANTA CATARINA - MALHA FERROVIARIA	32
VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO AGROPECUARIA	
1. DISTRIBUIÇÃO DO VBP AGROPECUARIO DO ESTADO, NAS MICRORREGIOES HOMOGENEAS DE SANTA CATARINA - 1987	141
2. PARTICIPAÇÃO RELATIVA DOS PRODUTOS DAS MICRORREGIOES HOMOGENEAS NA FORMAÇÃO DO VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO AGROPECUARIA DE SANTA CATARINA - 1987	142
3. PARTICIPAÇÃO RELATIVA DOS PRINCIPAIS PRODUTOS NA FORMAÇÃO DO VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO AGROPECUARIA DE CADA MICRORREGIAO HOMOGENEA DE SANTA CATARINA - 1987 ..	143
INFORMAÇÕES BASICAS	
1. ESTADO DE SANTA CATARINA	153
2. SANTA CATARINA - DIVISÃO MICRORREGIONAL	155

LISTA DE TABELAS

	p.
ARMAZENAGEM	
1. PRODUÇÃO DE GRAOS-CAPACIDADE ESTATICA DE ARMAZENAGEM E ESTIMATIVA DE CAPACIDADE DINAMICA DE ARMAZENAGEM POR MRH DE SANTA CATARINA - SAFRA 1986/87	16
2. CAPACIDADE ESTATICA DE ARMAZENAGEM EM MEIO AMBIENTE, POR MRH DE SANTA CATARINA - Fev/1986	19
3. CAPACIDADE ESTATICA DE ARMAZENAGEM EM MEIO AMBIENTE CONTROLADO, POR MRH DE SANTA CATARINA - 1987	19
4. CAPACIDADE ESTATICA DE ARMAZENAGEM EM MEIO AMBIENTE E EM AMBIENTE CONTROLADO, SEGUNDO AS COOPERATIVAS AGRICOLAS DE SANTA CATARINA, POR MICRORREGIAO HOMOGENEA - 1988	21
ELETRIFICAÇÃO RURAL	
1. CONSUMO ESTADUAL DE ENERGIA ELETRICA, POR CLASSE DE CONSUMIDOR - 1987	25
2. CONSUMO TOTAL ANUAL DE ENERGIA ELETRICA E NUMERO DE CONSUMIDORES ABSOLUTO E PERCENTUAL, POR MICRORREGIAO HOMOGENEA DE SANTA CATARINA - 1987	26
3. INDICE DE CRESCIMENTO DO CONSUMO RURAL DA ENERGIA (kwh) POR CLASSE DE CONSUMIDOR RESIDENCIAL, INDUSTRIAL E RURAL, 1980-87	26
SISTEMA RODOVIARIO	
1. REDE RODOVIARIA ESTADUAL, SEGUNDO A JURISDIÇÃO EM SANTA CATARINA - 1986-87	28
2. SITUAÇÃO DA MALHA RODOVIARIA ESTADUAL, SEGUNDO SUA JURISDIÇÃO - 1987	28

3. EXTENSAO TOTAL E DOS TRECHOS PAVIMENTADOS DAS PRINCIPAIS RODOVIAS FEDERAIS EM SANTA CATARINA - DEZ/87	29
4. EXTENSAO TOTAL E DOS TRECHOS PAVIMENTADOS DAS PRINCIPAIS RODOVIAS ESTADUAIS EM SANTA CATARINA -DEZ/87	29

EVOLUÇÃO DA ESTRUTURA FUNDIARIA ESTADUAL

1. CRESCIMENTO RELATIVO DO NUMERO E DA AREA DOS ESTABELECEMENTOS AGRICOLAS DE SANTA CATARINA, PERIODO 1960-1985	48
2. EVOLUÇÃO DA ESTRUTURA FUNDIARIA - SANTA CATARINA - 1980-1985	48

EVOLUÇÃO DA CONDIÇÃO DE POSSE

1. CONDIÇÃO DO PRODUTOR, SEGUNDO A PROPRIEDADE DAS TERRAS - SANTA CATARINA - 1980-1985	52
2. PARTICIPAÇÃO RELATIVA DOS PRODUTORES RURAIS, FACE A SUA CONDIÇÃO, SEGUNDO A PROPRIEDADE DAS TERRAS, POR ESTRATO DE AREA - SANTA CATARINA - 1980-1985	53
3. EVOLUÇÃO DA CONDIÇÃO DO PRODUTOR EM RELAÇÃO A DESTINAÇÃO ECONOMICA DA AREA - SANTA CATARINA - 1980-1985	55

UTILIZAÇÃO DAS TERRAS

1. EVOLUÇÃO DO CONTINGENTE BOVINO, SUINO, AVICOLA E DE TRATORES, SEGUNDO GRUPOS DE AREA TOTAL, EM SANTA CATARINA - 1980-1985	56
2. EVOLUÇÃO DO USO DE TRATORES E DO PESSOAL OCUPADO, SEGUNDO AS CLASSES DE AREA, EM SANTA CATARINA - 1980-1985	57

CONCLUSOES/ESTRUTURA FUNDIARIA

1. ALGUNS INDICADORES DA MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA
- SANTA CATARINA, 1960-1985 61

CREDITO RURAL

1. PERCENTUAIS DO NUMERO DE CONTRATOS E VALORES DOS FINANCIAMENTOS CONCEDIDOS A PRODUTORES E COOPERATIVAS, SEGUNDO AS REGIOES GEO-ECONOMICAS E AS UNIDADES DA FEDERAÇÃO, 1983-87 78
2. NUMERO E VALOR DOS CONTRATOS DE CREDITO CONCEDIDO A PRODUTORES E COOPERATIVAS, SEGUNDO AS ATIVIDADES, EM SANTA CATARINA - 1970-87 79
3. NUMERO E VALOR DOS CONTRATOS DE CREDITO CONCEDIDO A PRODUTORES E COOPERATIVAS, SEGUNDO A FINALIDADE, EM SANTA CATARINA - 1970-87 81
4. NUMERO E VALOR DOS CONTRATOS DE CREDITO CONCEDIDO A PRODUTORES E COOPERATIVAS, SEGUNDO A FINALIDADE, EM SANTA CATARINA - 1970-87 82
5. NUMERO E VALOR DOS CONTRATOS DE CREDITO CONCEDIDO A PRODUTORES E COOPERATIVAS, PARA A ATIVIDADE PECUARIA, EM SANTA CATARINA - 1970-87 83
6. NUMERO E VALOR DOS CONTRATOS DE CREDITO CONCEDIDOS PELO BANCO DO BRASIL A ATIVIDADE AGRICOLA, SEGUNDO O PORTE DOS BENEFICIARIOS EM SC, 1982-88 87
7. NUMERO E VALOR DOS CONTRATOS DE CREDITO DE CUSTEIO CONCEDIDOS PELO BANCO DO BRASIL, A ATIVIDADE AGRICOLA, SEGUNDO O PORTE E BENEFICIARIOS EM SANTA CATARINA, 1986-88 88

8. NUMERO E VALOR DOS CONTRATOS DE CREDITO DE INVESTIMENTO CONCEDIDO PELO BANCO DO BRASIL A ATIVIDADE AGRICOLA, SEGUNDO O PORTE DOS BENEFICIARIOS, EM SANTA CATARINA, 1986-88	89
9. NUMERO E VALOR DOS CONTRATOS DE CREDITO DE COMERCIALIZAÇÃO CONCEDIDO PELO BANCO DO BRASIL A ATIVIDADE AGRICOLA, SEGUNDO O PORTE DOS BENEFICIARIOS, EM SANTA CATARINA, 1986-88.....	90
10. NUMERO E VALOR DOS CONTRATOS DE CREDITO CONCEDIDO PELO BANCO DO BRASIL, A ATIVIDADE PECUARIA, SEGUNDO O PORTE DOS BENEFICIARIOS EM SC, 1986-88	91
11. NUMERO E VALOR DOS CONTRATOS DE CUSTEIO CONCEDIDO PELO BANCO DO BRASIL A ATIVIDADE PECUARIA, SEGUNDO O PORTE DOS BENEFICIARIOS EM SC, 1986-88'	92
12. NUMERO E VALOR DOS CONTRATOS DE INVESTIMENTO CONCEDIDO PELO BANCO DO BRASIL A ATIVIDADE PECUARIA, SEGUNDO O PORTE DOS BENEFICIARIOS EM SC, 1982-88	93
13. QUANTIDADE E VALOR DOS CONTRATOS DE CREDITO DE COMERCIALIZAÇÃO CONCEDIDO PELO BANCO DO BRASIL A ATIVIDADE PECUARIA, SEGUNDO O PORTE DOS BENEFICIARIOS EM SANTA CATARINA, 1986-87.....	94
14. NUMERO E VALOR DOS CONTRATOS DE CREDITO DE CUSTEIO CONCEDIDO AS PRINCIPAIS CULTURAS EM SANTA CATARINA, 1980-1987	95
 FERTILIZANTES	
1. BRASIL - QUANTIDADE PRODUZIDA, IMPORTAÇÃO E DISPONIBILIDADE DE NUTRIENTES, 1980-87	101
2. CONSUMO APARENTE DE FERTILIZANTES E NUTRIENTES NO BRASIL, REGIAO SUL E SANTA CATARINA - 1986-87	102
3. PRODUÇÃO NACIONAL E IMPORTAÇÃO DOS NUTRIENTES, POR REGIAO E BRASIL - 1987	103

4. CONSUMO APARENTE E FORMULA MEDIA DE FERTILIZANTES POR UNIDADE DA FEDERAÇÃO - 1987	103
---	-----

MAQUINAS AGRICOLAS

1. PRODUÇÃO E VENDA BRASILEIRAS DE TRATORES E CULTIVADORES, SEGUNDO O DESTINO, POR TIPO E POTENCIA - 1986-87	108
2. PRODUÇÃO E VENDA BRASILEIRAS DE MAQUINAS AGRICOLAS, SEGUNDO O DESTINO, POR TIPO E POTENCIA - PRIMEIRO SEMESTRE DE 1986 E 1987	108
3. QUANTIDADE DE PRODUTO NECESSARIO PARA A AQUISIÇÃO DE UM TRATOR (Marca: MF; Modelo: 265; 61 CV) SANTA CATARINA - 1985-88	109
4. QUANTIDADE DE TRATORES DE RODAS VENDIDOS NO BRASIL E PARTICIPAÇÃO RELATIVA DAS REGIOES - 1985-87	109
5. QUANTIDADE DE TRATORES DE RODAS VENDIDOS NA REGIAO SUL DO BRASIL E PARTICIPAÇÃO RELATIVA DOS ESTADOS - 1985-87	110
6. NUMERO DE TRATORES EXISTENTES NAS MRH - SC - 1980 E 1985	110
7. RELAÇÃO DA AREA DE LAVOURAS TEMPORARIAS E PERMANENTES, PESSOAL OCUPADO E NUMERO DE ESTABELECIMENTOS/TRATOR EM SANTA CATARINA, 1970, 1975, 1980 E 1985	111
8. QUANTIDADE DE TRATORES DE RODAS VENDIDOS EM SANTA CATARINA, SEGUNDO A POTENCIA - 1984-87	111

AGROTÓXICOS

1. VOLUMES FISICOS DE AGROTÓXICOS (ingrediente ativo) PRODUZIDOS E COMERCIALIZADOS; CONSUMO APARENTE; VARIAÇÃO ANUAL; REPRESENTAÇÃO NA COMERCIALIZAÇÃO; PARTICIPAÇÃO DAS CLASSES NOS TOTAIS COMERCIALIZADOS - BRASIL, 1986-87	113
---	-----

2. VALOR DAS VENDAS DE INSETICIDAS, ACARICIDAS E FORMICIDAS POR DESTINAÇÃO, BRASIL, 1984-87	117
3. VENDAS DE FUNGICIDAS POR DESTINAÇÃO, BRASIL, 1984-87 ..	117
4. VALOR DAS VENDAS DE HERBICIDAS POR DESTINAÇÃO, BRASIL, 1984-87	118
 BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA DE PRODUTOS AGROPECUARIOS	
1. ESTIMATIVA DO BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA DE PRODUTOS AGROPECUARIOS DE SANTA CATARINA - SAFRA 1986-87	124
2. ESTIMATIVA DO BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA DE PRODUTOS AGROPECUARIOS DE SANTA CATARINA - SAFRA 1987-88	125
 EXPORTAÇÃO CATARINENSE DE PRODUTOS AGROPECUARIOS	
1. EXPORTAÇÕES - QUANTIDADE E VALOR, E PARTICIPAÇÃO DE SANTA CATARINA EM RELAÇÃO AO BRASIL, 1980-87	130
2. EXPORTAÇÕES - QUANTIDADES E VALOR DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGROPECUARIOS E DERIVADOS - SANTA CATARINA, 1986-87	131
 VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO AGROPECUARIA	
1. ESTIMATIVA DO VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO DOS PRINCIPAIS PRODUTOS DO SETOR AGROPECUARIO DE SANTA CATARINA - 1986-87	144
2. VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO DOS PRINCIPAIS PRODUTOS DO SETOR AGROPECUARIO DE SANTA CATARINA, POR MICRORREGIAO - 1986	145
3. VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO DOS PRINCIPAIS PRODUTOS DO SETOR AGROPECUARIO DE SANTA CATARINA, POR MICRORREGIAO - 1986 (a preços de dez/87)	146

4. VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO DOS PRINCIPAIS PRODUTOS DO SETOR AGROPECUARIO DE SANTA CATARINA, POR MICRORREGIAO - 1987	147
5. VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO DOS PRINCIPAIS PRODUTOS DO SETOR AGROPECUARIO DE SATA CATARINA, POR MICRORREGIAO - 1987 (a preços de dez/87)	148
6. PARTICIPAÇÃO RELATIVA DAS MRH NA FORMAÇÃO DO VALOR DA PRODUÇÃO AGROPECUARIA, POR PRODUTO E TOTAL, SANTA CATARINA - 1987	149
7. PARTICIPAÇÃO RELATIVA DOS PRINCIPAIS PRODUTOS NA FORMAÇÃO DE VALOR BRUTO DE PRODUÇÃO AGROPECUARIA DAS MICRORREGIOES HOMOGENEAS DE SANTA CATARINA - 1987	150

INFORMAÇÕES BASICAS

1. AREA COLHIDA DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRICOLAS, POR MRH DE SC - SAFRA 1979/80	156
2. AREA COLHIDA DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRICOLAS, POR MRH DE SC - SAFRA 1980/81	157
3. AREA COLHIDA DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRICOLAS, POR MRH DE SC - SAFRA 1981/82	158
4. AREA COLHIDA DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRICOLAS, POR MRH DE SC - SAFRA 1982/83	159
5. AREA COLHIDA DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRICOLAS, POR MRH DE SC - SAFRA 1983/84	160
6. AREA COLHIDA DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRICOLAS, POR MRH DE SC - SAFRA 1984/85	161
7. AREA COLHIDA DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRICOLAS, POR MRH DE SC - SAFRA 1985/86	162
8. AREA COLHIDA DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRICOLAS, POR MRH DE SC - SAFRA 1986/87	163

9. QUANTIDADE PRODUZIDA DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRICOLAS, POR MRH DE SC - 1979/80	164
10. QUANTIDADE PRODUZIDA DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRICOLAS, POR MRH DE SC - 1980/81	165
11. QUANTIDADE PRODUZIDA DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRICOLAS, POR MRH DE SC - 1980/81	166
12. QUANTIDADE PRODUZIDA DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRICOLAS, POR MRH DE SC - 1982/83	167
13. QUANTIDADE PRODUZIDA DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRICOLAS, POR MRH DE SC - 1983/84	168
14. QUANTIDADE PRODUZIDA DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRICOLAS, POR MRH DE SC - 1984/85	169
15. QUANTIDADE PRODUZIDA DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRICOLAS, POR MRH DE SC - 1985/86	170
16. QUANTIDADE PRODUZIDA DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRICOLAS, POR MRH DE SC - 1985/86	171

BIBLIOGRAFIA

01. ACOMPANHAMENTO CONJUNTURAL DA AGRICULTURA CATARINENSE. Florianópolis, INSTITUTO CEPA/SC, v. 10, n^{os} 1-11, 1988.
02. ANUÁRIO ESTATÍSTICO. Florianópolis, SUDEPE/PDP, 1980-87.
03. ANUÁRIO ESTATÍSTICO 1957/1986. São Paulo, ANFAVEA, 1986.
04. ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO BRASIL. Rio de Janeiro, IBGE, v. 48, 1987.
05. ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO CRÉDITO RURAL. Brasília, Banco Central do Brasil, 1986.
06. AUMENTAR produção, a grande prioridade. Brasil em Exame, São Paulo, maio 1988.
07. BOLETIM ESTATÍSTICO DA CELESC. Florianópolis, 1987.
08. COMPANHIA BRASILEIRA DE ARMAZENAMENTO. Cadastro de unidades armazenadoras; unidades construídas até 1985. Brasília, 1986. p. irreg.
09. CONJUNTURA ECONÔMICA. Rio de Janeiro, FGV, v. 41, n. 1-12, 1987.
10. -----. Rio de Janeiro FGV, v. 42, n. 1-4, 1988.
11. CRÉDITOS CONCEDIDOS A ATIVIDADE AGROPECUÁRIA. Brasília, Banco do Brasil, 1982-88.
12. CRÉDITO RURAL; dados estatísticos. Brasília, Banco Central do Brasil, 1982-85.
13. INDICADORES ECONÔMICOS RS; desempenho da economia RS-1987. Porto Alegre, FEE, v. 15, n. 4, 1988.
14. INFORMAÇÃO SEMANAL CACEX. Rio de Janeiro, Banco do Brasil, v. 22, n^{os} 1025; 1029; 1036; 1040; 1041; 1046; 1056, 1987.
15. -----. Rio de Janeiro, Banco do Brasil, v. 23, n^{os} 1063; 1072; 1073; 1078, 1988.
16. INFORMATIVO CFP. Brasília, v. 8, n^{os} 11, 15, 20, 1988.

17. PRODUÇÃO AGRÍCOLA MUNICIPAL - SANTA CATARINA. Rio de Janeiro, IBGE, 1980-86.
18. PRODUÇÃO EXTRATIVA VEGETAL: Rio de Janeiro, IBGE, 1982 e 1985.
19. PRODUÇÃO PECUÁRIA MUNICIPAL - SANTA CATARINA: Rio de Janeiro, IBGE, 1980-86.
20. PROGNÓSTICO REGIÃO CENTRO-SUL 84/85. São Paulo, IEA, v. 11, 1984.
21. SANTA CATARINA. Gabinete de Planejamento e Coordenação Geral. Atlas de Santa Catarina. Rio de Janeiro, Aerofoto Cruzeiro, 1986. 173 p.
22. SINOPSE PRELIMINAR DO CENSO AGROPECUÁRIO - REGIÃO SUL. Rio de Janeiro, IBGE, 1985.
23. SÍNTESE ANUAL DA AGRICULTURA DE SANTA CATARINA 1986-87. Florianópolis, INSTITUTO CEPA/SC, v. 2, 1987.
24. SÍNTESE ANUAL DA AGRICULTURA DE SANTA CATARINA 1987-88. Florianópolis, INSTITUTO CEPA/SC, v. 1, 1988.

INSTITUTO CEPA/SC

Rod. SC-404 – km 3 – Itacorubi
C. Postal D-147 – Telex (482) 217
CEP 88.030 – Florianópolis – Santa Catarina